

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

Fernanda Cizescki

**NO LIMIAR ENTRE SINTAXE E SEMÂNTICA:  
INDAGAÇÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO E A (IN)DEFINIÇÃO  
DA NOÇÃO DE GRAMATICALIDADE EM CHOMSKY**

Tese submetida ao Programa de  
Pós-Graduação em Linguística da  
Universidade Federal de Santa  
Catarina para a obtenção do Grau  
de Doutor em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Luiz  
Lopes da Silva

Florianópolis  
2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Cizescki, Fernanda

No limiar entre sintaxe e semântica: [tese] : indagações  
sobre a construção e a (in)definição da noção de  
gramaticalidade em Chomsky / Fernanda Cizescki ;  
orientador, Fábio Luiz Lopes da Silva - Florianópolis, SC,  
2013.

118 p. ; 21cm

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-  
Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. Gramaticalidade. 3. Chomsky. 4.  
Sintaxe. 5. Semântica. I. Luiz Lopes da Silva, Fábio. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-  
Graduação em Linguística. III. Título.

Dedico esses pensamentos a quem ousa...  
Dedico minha ousadia a minha mãe...  
Dedico meu sucesso ao Ciro...



## AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe (in memoriam) e as minhas tias Joana (in memoriam), Cecília e Angelina por me proporcionarem uma educação que me influenciou a ser autodidata.

Ao meu orientador, Fábio Lopes, por ter me proporcionado o exercício máximo do significado de autonomia. A liberdade que me foi dada me impeliu a prosseguir com meus questionamentos de forma ousada e, se não original, ao menos autêntica.

À Roberta Pires de Oliveira, pela interlocução durante todo meu processo de doutoramento. Não importa se concordamos ou discordamos, pois nossos debates intelectuais sempre nos fazem refletir.

Ao Raul Galli, mais que namorado, por sempre me transmitir palavras de incentivo: "O que faz uma boa história não é um bom protagonista, é um bom vilão. E, nesse caso, a vilã é você".

À Cristiane Seimetz, por ser minha contraparte e, justamente por isso, ser indispensável.

Ao Nuno Nunes, por ter sido quem, percebendo minha mente inquieta e questionadora, me apresentou à filosofia.

À Ana Cláudia de Souza por ter me levado para a Linguística e pela leitura perspicaz de diversos textos meus.

Aos amigos: Jacqueline Kremer, Mariana Campos de Almeida, Rodrigo Cruz Gagliano, Sara Folie, Carlos Guerola, Ciro Bruchchen (in memoriam), Caio Lima Gaidzinski, Jaqueline Galli, Paulo Peiker, Gustavo Moretti, Catiúscia Custódio.

À Blizzard por suas magníficas criações: WoW e Diablo.

Às bandas que me serviram de Trilha Sonora: Death Note OST, Dvořák, Rush, Carcass, Pantera, Keith Jarrett, Nile. Pink Floyd.

Concha y Toro e Absolut, por motivos óbvios.



The lesson, Pondering Pupil? You cannot play The Garden Game, unless your adversary is The Master himself. Duelling with an adventurous understudy, however committed, might serve to warm you up; it would never count as a real contest. So, along the way, do not risk spilling your blood in a Number Two Tussle.

Rudolf Botha, 1987





## RESUMO

A presente tese aborda o conceito de gramaticalidade na obra de Chomsky como forma de trazer à tona a construção e a (in)definição desse conceito difundido na Linguística. Quanto ao seu enfoque, esse é um trabalho de cunho epistemológico e crítico, cuja reflexão visa as questões que se entrelaçam e subsidiam a(s) (in)definição(ões) do conceito de gramaticalidade. Em momento algum, reclamo a existência de uma definição estanque do conceito de gramaticalidade. Meu intuito é que ele seja pensado e refletido com base no papel que desempenha na teoria e nos estudos da Linguística. Por esse motivo, minha postura ao longo do trabalho é altamente questionadora e não é um de meus objetivos alcançar alguma definição de gramaticalidade. Nesse sentido, posso dizer que meu trabalho objetiva mais levantar questões do que respondê-las. Para a discussão específica de meu objeto de estudo, parto do princípio de que a falta de discussão sobre o conceito de gramaticalidade faz com que ele apareça, na Linguística, algumas vezes vinculado à aceitabilidade do falante, outras à interpretabilidade das sentenças, outras ainda a questões puramente sintáticas. Quanto à metodologia, minha tese é resultado de uma pesquisa bibliográfica, baseada na leitura e análise crítica e cautelosa das obras do autor em questão, bem como na análise dos fatores – a saber: as noções de gramática, sintaxe e semântica – que, suponho, interagem na formação do conceito de gramaticalidade. Partindo disso, o texto está dividido em dois momentos. O primeiro traz uma exposição crítica tanto dos principais livros de Chomsky, quanto de textos e entrevistas que não se tornaram tão relevantes e o segundo tem o intuito de suscitar a discussão sobre o conceito. Por isso, desenvolvo nele uma reflexão que se inicia com uma pergunta simples: “O que é gramaticalidade?” e desemboca na tentativa de responder a essa pergunta explorando as noções de gramática, sintaxe e semântica e suas relações com o conceito de gramaticalidade.

Palavras-chave: gramaticalidade, Chomsky, sintaxe, semântica.



## **ABSTRACT**

This thesis is concerned with the notion of grammaticality within Chomsky's framework as a way of bringing out the construction and the (in)definition of this concept that is spread over Linguistics. In which concerns to its focus, this is an epistemological work with a critical perspective whose questions are connected and serve as basis to the (in)definition(s) of the concept of grammaticality. During the work, I don't claim the existence of a definition of this concept. On the contrary, my objective is to defend that we should think about it and establish a reflection about it based on its role on Chomsky's theory and on Linguistics. For this reason, my position along this thesis is highly questioning and I can say that my work aims to raise questions instead of answering them. In order to discuss my object on inquiry, I start by saying that the lack of a definition to the notion of grammaticality is the reason why it appears in Linguistics sometimes related to the acceptability and interpretability, and other times to purely syntactic matters. Besides, this is a bibliographical research based on a careful reading of the chosen books and on a critical analysis of them and of three notions – syntax, semantics and grammar - that, I suppose, interact on the construction of the concept of grammaticality. Thus, this text is divided in two parts. The first one brings a critical review of the main works published by Chomsky as well as of texts and interviews that didn't become famous. The second part aims to discuss the construction of the concept. That is the reason why I develop a reflection that begins with a simple question - "What is grammaticality?" - whose answer is far from simple. In trying to answer this question I explore the notions of grammar, syntax and semantics, within the chomskyan framework.

**Keywords:** grammaticality, Chomsky, syntax, semantics.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
PARTE I .....	21
<b>2. CAMINHOS DA NOÇÃO DE GRAMATICALIDADE AO LONGO DA OBRA DE CHOMSKY.....</b>	<b>21</b>
2.1 Década de 50.....	21
2.2 Década de 60.....	45
2.3 Década de 70.....	61
2.4 Década de 80.....	66
2.5 Década de 90 em diante .....	80
PARTE II .....	92
<b>3. AFINAL, O QUE É GRAMATICALIDADE NA OBRA CHOSMKYANA? .....</b>	<b>93</b>
3.1 Lógica vs Biologia .....	96
3.2 Gramática - Semântica - Sintaxe e seu papel na(s) possível(is) (in)definição(ões) do conceito de gramaticalidade.....	100
3.2.1 <i>Período Lógico: 1950 - 1970</i> .....	100
3.2.2 <i>Período Biológico: 1970 - 2000</i> .....	108
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>113</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>116</b>



## 1. INTRODUÇÃO

O principal objetivo desta tese é o de trazer à tona a construção e a possível (in)definição do conceito de gramaticalidade presente ao longo da obra de Chomsky e difundido nos estudos desenvolvidos pela Linguística<sup>1</sup>.

Levando-se em consideração que uma característica bastante marcada de Chomsky é o frequente apelo ao rigor à precisão<sup>2</sup> no desenvolvimento de uma gramática gerativa, desenvolvo um trabalho de cunho epistemológico e crítico, cujo foco recai sobre o conceito de gramaticalidade e sobre as questões que se entrelaçam e subsidiam sua(s) (in)definição(ões).

De acordo com o Chomsky dos primeiros anos de teoria, os falantes nativos possuem a habilidade natural de reconhecer sentenças gramaticais. A partir disso, seria responsabilidade do linguista montar um sistema que pudesse explicitar, dentro da teoria, essa intuição. Devido a isso, ao longo de sua obra, o autor opta por não dividir binariamente a noção de gramaticalidade se alicerçando na ideia de que essa divisão não corresponde ao que ocorre nas línguas naturais. Dessa forma, ele se decide por postular graus de gramaticalidade de acordo com os quais uma sentença seria mais ou menos gramatical relativamente ao tipo de violação de constituintes que ocorre em sua formação.

Segundo Chomsky, essa subdivisão em graus não foi levada em conta (ou foi mal interpretada) por alguns linguistas. Esse fator gerou diversos conflitos e ocasionou algumas das críticas estabelecidas, durante as guerras linguísticas, em relação à autonomia da sintaxe. A

---

<sup>1</sup> Sabe-se que se referir à Linguística como parecendo uma área unívoca e sem conflitos é algo praticamente impossível. Por isso, utilizarei três grafias aqui: Linguística, Linguística (Gerativa Chomskyana) e Linguística (Gerativa do Chomsky). Deixo claro aqui que, quando me refiro à Linguística, estou, basicamente, me referindo aos estudos da linguagem posteriores a Chomsky que se vinculam, de uma ou outra forma, à teoria por ele trazida à luz, mas também englobo as facetas da área que se aventuram por essa distinção entre gramatical e agramatical. Creio ser possível fazer isso tranquilamente, pois, com maior ou menor arcabouço formal, diversos autores apontam essa distinção como característica ou das línguas naturais ou dos sistemas que as analisam. Já quando utilizo a grafia Linguística (Gerativa Chomskyana), estou me referindo exclusivamente à área da Linguística desenvolvida por Chomsky. Isso inclui as pesquisas que não foram feitas por ele. Por fim, quando me refiro à Linguística (Gerativa do Chomsky) estou me referindo ao que consta nas obras do autor. Essa divisão foi por mim estabelecida por necessidade de clareza. Posteriormente, encontrei respaldo para ela na classificação feita por Botha (1987, 1-11).

<sup>2</sup> Esse posicionamento aparece em diversos textos, dos mais antigos aos mais recentes, e se direciona tanto aos seus críticos quanto ao seu próprio trabalho.

partir daí, o autor passou a defender que gramaticalidade era um termo interno à teoria e, por isso, seria definido e modificado ao longo das possíveis alterações de perspectiva de sua obra. Essa definição nunca se concretizou ou, caso tenha se concretizado, não chegou ser explicitada, pois a partir de década de 80 o autor não tece mais nenhuma consideração teórica a respeito do conceito.

Apesar disso, alio tanto a necessidade de rigor defendida pelo autor quanto o papel da gramaticalidade na teoria à perspectiva trazida por Botha a respeito da caracterização das gramáticas gerativas, mais especificamente, daquilo que ele chamou de gramática gerativa chomskyana:

any approach to the study of human language is a form of generative grammar if it adopts the following requirement: a grammar, as a description of a particular human language, has to be perfectly explicit [...] For a grammar to meet the requirement of explicitness, Chomsky initially proposed, it should take on the form of a system of formalized rules and other related devices which mechanically enumerate all and only the grammatical sentences of the language, assigning to each of these sentences an appropriate structural description [...] The explicitness of a generative grammar is meant to enhance its precision: the more explicit a grammar or description of a language, the easier it will be to check it for false claims, internal inconsistencies, gaps or lacunae, unjustified hidden assumptions, etc.(1987, p.01-02)

Cabe dizer que as críticas que aqui estabeleço não estão relacionadas à existência da habilidade dos falantes em reconhecer sentenças gramaticais, mas sim ao fato de o autor não definir o que é gramaticalidade no sistema, apesar de frisar a necessidade dessa definição e a centralidade desse conceito.

Vale ressaltar que também não estou reclamando a existência de uma definição estanque do conceito de gramaticalidade. Meu intuito é que ele seja pensado e refletido com base no papel que desempenha na teoria e nos estudos da Linguística. Afinal, este é um conceito largamente utilizado até hoje, principalmente em pesquisas em sintaxe e na interface sintaxe/semântica.



Minha postura ao longo do trabalho é altamente questionadora e não é um de meus objetivos alcançar alguma definição de gramaticalidade. Eu poderia, inclusive, dizer que meu trabalho objetiva mais levantar questões do que respondê-las com base em verdades ou falsidades. Essa posição, talvez, tenha relação com uma necessidade pessoal e mais ampla advinda do meu contato com a Linguística: pensar as questões e os conceitos que, por vezes, permanecem adormecidos e utilizados acriticamente. Nesse sentido, alguém pode ver em meu trabalho um intuito não tão velado de denunciar a acriticidade que percebo em minha área de estudo ou, então, uma tentativa de incitar estudos sobre os fundamentos da linguística. Ambas as percepções são pertinentes em algum grau.

Outro posicionamento que tomei foi o de dialogar diretamente com as obras de Chomsky, sem me valer de comentadores. As citações que são extraídas de outros autores estão presentes no texto somente à medida que auxiliam a entender alguma ideia geral ou a embasar e fortificar minhas opiniões e críticas. Nenhum delas tem como intuito ocupar o local de discussão, exclusivo para refletir sobre a noção de gramaticalidade na Linguística (Gerativa de Chomsky).

Para a discussão específica de meu objeto de estudo, parto do princípio de que, justamente pela falta de discussão sobre o conceito de gramaticalidade, ele aparece nos estudos da linguagem vinculado algumas vezes à aceitabilidade do falante, outras à interpretabilidade das sentenças, outras ainda a questões puramente sintáticas. Esse fato me intriga não pela multiplicidade de opções, mas por não haver discussão sobre as divergências suscitadas por essa diversidade. Por esse motivo, fui guiada à obra de Chomsky, autor que inseriu o conceito na Linguística há quase sessenta anos, e decidi empreender uma pesquisa que tenta, por meio da análise da construção do conceito, compreender as suas bases e sua relação com a teoria linguística (gerativa de Chomsky) para, talvez, provocar algum *insight* sobre a forma como essa noção é utilizada na Linguística.

Minha tese é resultado de uma pesquisa bibliográfica, baseada na leitura e análise crítica e cautelosa das obras do autor em questão, bem como na análise dos fatores que, suponho, interagem na formação do conceito de gramaticalidade.

Partindo disso, o texto está dividido em dois momentos. O primeiro traz uma exposição crítica tanto dos principais livros de Chomsky, quanto de textos e entrevistas que não se tornaram tão relevantes. Essa parte da tese é dividida por décadas e os textos são analisados cronologicamente. Essa foi a opção escolhida por dois

motivos: primeiro para facilitar a organização dos livros e o acesso do leitor à discussão deles; segundo, e mais importante, para que seja mais viável perceber as diferenças, às vezes sutis, de uma década para outra. Assim, a tarefa de entender a construção do conceito de gramaticalidade no pensamento do autor se torna mais fácil. Parto do princípio de que antes de estabelecer uma discussão é necessário que se entendam e se questionem as sutilezas da obra que se está analisando. Além disso, a análise cronológica permite que se entendam algumas mudanças na teoria que, de outra forma, seriam entendidas simplesmente como contradições.

Na década de 50 são discutidos três artigos publicados pelo autor, um deles não muito citado na literatura. No entanto, a novidade aqui é que a discussão de sua tese de doutorado *Logical Structure of Linguistic Theory* se dá a partir de um manuscrito e não da versão revisada e alterada que veio a público em 1975. Eu não poderia deixar de passar, também, pelo clássico *Syntactic Structures*, livro que, bem ou mal, lançou as ideias de Chomsky na Linguística.

A década de 60 foi uma das mais produtivas. Nela são analisados os livros *Current Issues in Linguistic Theory*, de 1964; *Aspects of Theory of Syntax*, de 1965; *Cartesian Linguistics*, de 1965, e *Language and mind*, de 1968.

Já a década de 70 marca um período em que os escritos de Chomsky oscilavam entre abrir caminho para as modificações que surgiriam na teoria ao longo da próxima década e responder aos questionamentos e críticas surgidos durante as *linguistic wars*. Esse é o objetivo, por exemplo, de *Studies on Semantics in Generative Grammar*, de 1972. Numa esteira um pouco diferente, surge *Reflections on Language*, em 1975, livro esse que é, possivelmente, o mais especulativo escrito do autor. Nele, Chomsky delinea aquilo que, na década seguinte, seria a fundamentação de seu *Knowledge of Language*.

A década de 80 marca uma guinada nos estudos da teoria gerativa chomskyana a partir da análise dos 30 anos precedentes de teoria. É nesse momento que o autor publica as ideias que desembocaram na teoria de princípios e parâmetros, a saber: *Rules and Representations*, de 1980; *Lectures on Government and Binding*, de 1981, e *Knowledge of Language: its nature, origin and use*, de 1986. Além desses, também é lançado *Language and Problems of Language: Managua Lectures*, de 1988, que traz um grande resumo das ideias defendidas e desenvolvidas nessa década.

As décadas de 90 e 2000 serão analisadas numa única seção, pois possuem o mesmo arcabouço teórico. Há diversas entrevistas nesse

período, mas somente uma será discutida aqui. Além dela, serão analisados os livros *The Minimalist Program* e *New Horizons in the Study of Language and Mind*.

A segunda parte da tese tem o intuito de suscitar a discussão do conceito. Por isso, desenvolvo uma reflexão que se inicia com uma pergunta simples: “O que é gramaticalidade?”. No entanto, a simplicidade da pergunta não implica a facilidade em respondê-la. Num primeiro momento, poder-se-ia dizer que é preciso delimitar a partir de onde essa pergunta será respondida. Afinal, é possível respondê-la a partir da lógica e dos estudos de línguas formais ou a partir da Linguística e dos estudos de línguas naturais. No entanto, minhas reflexões não partem dessa ideia demasiadamente dicotômica, pois as primeiras décadas da teoria gerativa chomskyana sofreram influências diversas não só dos estudos sobre línguas naturais, mas também dos estudos sobre línguas formais. Dessa forma, embora um dos meus interesses seja discutir a inserção do conceito de gramaticalidade na linguística por meio das obras de Chomsky, não deixo de buscar o que é gramaticalidade na lógica e de enfrentar questões que vêm: i) do fato de o objeto da linguística ser a língua natural; ii) da tentativa de utilizar teorias formais para dar conta da linguagem humana.

A tentativa de resposta a essa pergunta, por sua vez, gera outras questões cujas respostas são complexas e espinhosas, mas que serão discutidas, a saber: “O que é gramática?”, “O que é sintaxe?”, “O que é semântica?” e de que forma a junção desses conceitos influencia no que se entende por gramaticalidade. Afinal, a definição do conceito de gramaticalidade depende: 1) do conceito de gramática (se universal, se particular); 2) do conceito de sintaxe (dentro da gramática em questão); 3) do conceito de semântica (vinculado ou não à sintaxe e à gramática em questão).

Em virtude disso, a segunda parte inicia tratando da relação e influencia entre lógica e biologia no arcabouço das ideias do autor. Dessa forma, gramática, sintaxe e semântica são analisadas relativamente a esses dois períodos e a seus respectivos papéis na (in)definição do conceito de gramaticalidade ao longo das obras de Chomsky.

Por fim, teço minhas considerações finais que poderiam muito bem ser chamadas de considerações gerais, pois ao invés de fecharem meu texto, elas o amarram ao mesmo tempo em que mostram os inúmeros fatores que ainda poderiam ser abordados em relação ao tema.



## PARTE I

### 2. CAMINHOS DA NOÇÃO DE GRAMATICALIDADE AO LONGO DA OBRA DE CHOMSKY

#### 2.1 Década de 50

*Driving away to the east, and into the past  
History recedes in my rear-view mirror  
Carried away on a wave of music down a desert road  
Memory humming at the heart of a factory town  
(Rush)*

As obras linguísticas de Chomsky que aqui me interessam se iniciaram na década de 50, mais precisamente em 1953, com um artigo intitulado *Systems of Syntactic Analysis* (doravante SSA) e se seguiram com a elaboração dos artigos *Logical Syntax and Semantics: their linguistic relevance* (LSS), em 1955, e *Three Models for the Description of Language* (TMDL), em 1956. Além desses, tem-se a tese de doutorado *The Logical Structure of Linguistic Theory* (LSLT), em 1955-56, e o livro *Syntactic Structures* (SS), em 1957.

Como já exposto na introdução, o foco desta tese é o conceito de gramaticalidade em Chomsky. Por esse motivo, ao expor e ao discutir os textos supracitados, mantereí o desenvolvimento desse conceito como fio condutor, mas trabalharei também com as noções implicadas nessa construção.

Primeiramente é importante dizer que a discussão e análise da primeira década de construção do ideário chomskyano é marcada por uma tensão que, embora não esteja clara nos estudos linguísticos posteriores a Chomsky, provocou efeitos neles. Essa tensão da qual falo emerge do fato de o livro *Syntactic Structures* ser o primeiro publicado em nome de Chomsky, mas não ser aquele no qual o autor desenvolve de forma mais explícita o sistema de análise linguística e delinea algumas das bases filosóficas de sua pesquisa. Ao contrário, isso ocorre em sua tese de doutorado: *Logical Structure of Linguistic Theory*. Como será visto adiante, a publicação do SS não refletiu diretamente em sua teoria, mas gerou consequências na forma como tanto a teoria quanto a noção de gramaticalidade foram entendidas nos estudos da Linguística empreendidos pela Linguística. Cabe ressaltar que *LSLT* veio a público somente no ano de 1975 e com diversos cortes e alterações.

De acordo com Chomsky, em entrevista cedida em 1996, publicada na revista Delta em 1997<sup>3</sup>, a melhor ordem de leitura de seus trabalhos tem início no *LSLT*. O problema em seguir essa ordem é que os artigos anteriores podem soar menos relevantes. Por encará-los como importantes, optei por seguir a ordem cronológica dos textos, iniciando a discussão com os artigos. Depois disso, trabalho com a tese, o *SS* e um pouco da influência e repercussão do último nos estudos da Linguística. Adoto essa ordem, pois o ponto principal do trabalho é a construção do conceito de gramaticalidade e sua inserção na Linguística via Chomsky. Para que esse objetivo seja atingido, explorar as aparições do conceito cronologicamente não só auxilia no entendimento do processo, como o torna mais claro, inclusive, para os leitores.

Para entender melhor em que contexto o conceito de gramaticalidade entra na Linguística, é interessante pensar os passos que estavam sendo dados pela área ao final da década de 50, momento em que Chomsky passou a ser conhecido. Nesse período, a ideia vigente sobre a relação entre linguagem e pensamento era behaviorista e a forma dominante de estudo da língua era o estruturalismo, com suas vertentes europeia e estadunidense.

Nesse ínterim, Chomsky surgiu com um pensamento que, embora se opusesse ao estruturalismo, não o fazia em sua totalidade. Ao contrário, seu trabalho inicial ainda sofria influência do estruturalismo de seu orientador, Zellig Harris, principalmente no que concerne à elaboração das transformações gramaticais. Estas ficaram conhecidas por meio da publicação, em 1957, do *Syntactic Structures*, mas foram propostas em sua tese de doutorado *The Logical Structure of Linguistic Theory*. De acordo com Newmeyer (1996), as regras transformacionais nunca foram “regarded as an innovation of the theory. Far from it: Chomsky has always credited Zellig Harris for having originated them.” (p.28).

Ao mesmo tempo, Chomsky entrou diretamente em choque com o behaviorismo, pois propunha um modelo não comportamentalista que buscava uma estrutura universal nas línguas. Esse posicionamento fez com que as primeiras obras de Chomsky fossem marcadas tanto por um caráter de ruptura com as ideias vigentes, quanto pela elaboração de um mecanismo de análise linguística cujo funcionamento fosse mais pertinente que os disponíveis até então, principalmente, por causa da

---

<sup>3</sup> Linguística Gerativa: Desenvolvimento e perspectivas. In: D.E.L.T.A. Vol.13, No Especial, 1997.

preocupação em dar conta da complexidade das línguas naturais<sup>4</sup>, sem o auxílio da semântica e utilizando um aparato formal. Essa preocupação pode ser percebida já no primeiro artigo, *Systems of Syntactic Analysis*, no qual o autor afirma que

linguists have developed and applied widely techniques which enable them, to a considerable extent, to determine and state the structure of natural languages without semantic reference. It is of interest to inquire seriously into the formality of linguistic method and the adequacy of whatever part of it can be made purely formal, and to examine the possibilities of applying it, as has occasionally been suggested, to a wider range of problems. (1953, p. 242)

De acordo com Chomsky, o foco desse artigo é desenvolver a noção de categoria sintática com base no nominalismo sintático de Goodman e Quine, bem como pensar sobre as maneiras pelas quais se derivam as regras gramaticais a partir do uso de linguagem dos falantes no intuito de que essas regras possam ser abstraídas e estendidas para qualquer língua a partir de um conjunto fixo de dados. Partindo disso, é possível perceber desde o início aquilo que se tornou uma das mais conhecidas preocupações do autor: estabelecer uma teoria geral da linguagem que abarcasse e confirmasse suas características universais.

O trabalho inicial de Chomsky foi pautado basicamente no desenvolvimento da gramática transformacional, influenciado pelas ideias de Zellig Harris e na fundamentação e elaboração das noções dessa teoria. Além disso, o autor também respondia às diversas críticas estabelecidas em relação à eficácia do sistema desenvolvido. É nesse contexto que surge o artigo *Logical Syntax and Semantics: their linguistic relevance*, cujo foco é a resposta de Chomsky a um artigo escrito por Bar-Hillel<sup>5</sup> em 1954, no qual este defende, de acordo com Chomsky, a ideia de que os linguistas, ao não prestarem a devida atenção à sintaxe e semântica lógica, acabaram errando e estreitando a gama indagações passíveis de serem feitas quando da análise de língua natural. Ao longo do artigo, Chomsky argumenta que “a closer

---

<sup>4</sup> Veremos adiante que essa preocupação acabou deixando Chomsky numa saia justa quando tentou adaptar a noção de gramaticalidade vigente nos estudos lógicos (preocupados com línguas formais) para o estudo de línguas naturais.

<sup>5</sup> Logical Syntax and Semantics (1954)

investigation of the assumptions and concerns of logical syntax and semantics will show that the hope of applying the results which have been achieved in these fields to the solution of linguistic problems is illusory” (1955, p.36). Os detalhes da posição chomskyana a respeito do uso da lógica na linguística serão mais bem explicitados no capítulo 3.

Por enquanto, vale ressaltar uma passagem do artigo na qual Chomsky, argumentando a favor das soluções providas pela gramática transformacional, afirma: “The notions involved are vague, and require much further study – in particular, the notion ‘grammatical’ must itself be carefully defined; but it seems to me that the central ideas are sound.”<sup>6</sup> (1955, p.44). Porém, não há, nesse artigo, nenhuma definição do que seria gramaticalidade. Esse termo aparece em momentos específicos quando o autor se refere ao “conjunto de sentenças gramaticais”. Partindo dessa necessidade exposta por Chomsky desde o início, é possível supor que, durante o desenvolvimento e fundamentação da teoria, Chomsky busque meios de clarificar essa noção e de tratá-la com rigor. No entanto, veremos adiante que, ao percorrer os textos do autor em busca da definição de gramaticalidade, não é possível encontrar uma definição clara e satisfatória.

Os próximos três textos a serem discutidos - *The Logical Structure of Linguistic Theory* (LSLT), de 1955-56; *Three Models for the Description of Language* (TMDL) de 1956, e *Syntactic Structures* (SS), de 1957 - são aqueles nos quais Chomsky insere e significa, mesmo que parcialmente, o conceito de gramaticalidade. Contudo, a “discussão” estabelecida pelo autor não define essa noção nem em termos precisos, nem em positivos e atribui à intuição do falante nativo o papel de discernir e selecionar as frases gramaticais produzidas, inverso do que, como supracitado, se esperaria de alguém que enfatiza frequentemente a necessidade de rigor e precisão no desenvolvimento de uma teoria que se pretende científica.

Antes de iniciar a discussão sobre a tese de doutorado de Chomsky, vale dizer que minha opção não foi por ler a versão reduzida e adaptada de 1975. Ao contrário, li uma versão digital do manuscrito da tese<sup>7</sup> que não foi publicada, mas está disponível na *homepage* oficial de Chomsky.

---

<sup>6</sup> Quais são essas ideias centrais? Não seria a própria gramaticalidade uma noção central à discussão?

<sup>7</sup> Disponível em pdf no site: <http://www.chomsky.info/books.htm> para quem queira se embrenhar numa tarefa um tanto dispendiosa, pois trata-se de um manuscrito com mais de 900 páginas, datilografado e com algumas palavras apagadas.



Há, no LSLT, todo um capítulo dedicado à gramaticalidade, mas antes de discuti-lo, abordarei algumas questões mais gerais. Início com um fato curioso e suprimido na versão de 1975: logo na introdução, Chomsky afirma que “this study of linguistic theory had its origin in certain problems that arose in attempting to extend linguistic techniques to the analysis of discourse.” (1955-56, p.01). Isso vem, obviamente, da influência de seu orientador Zellig Harris, que trabalhava justamente com análise do discurso. Assim, aparentemente, a ideia veio do fato de que, para desenvolver técnicas efetivas em análise do discurso, seria necessário conhecimento da estrutura da língua. De acordo com Chomsky, os métodos existentes até então não davam conta de aspectos necessários ao entendimento da estrutura da língua (como a relação ativa-passiva). Por isso, a saída dele é propor uma teoria sintática mais eficaz - no sentido de incluir o estudo sobre as relações entre sentenças – e, principalmente, pautada num estudo “**heavily** oriented towards the investigation of the **formal** relations among sentences.” [grifos meus] (1955-56, p.01).

Ele segue com a ideia de que o estudo desenvolvido, por ser focado na forma, é sintático, independente da fonologia e da semântica:

This is basically a study of the arrangement of words and morphemes in sentences, hence a **study of linguistic form**, thus it is **syntactic study** in both the narrow sense (as **opposed to phonology**) and in the broader sense (as **opposed to semantics**). In particular, no reference is placed on the meaning of linguistic expressions in this study, in part, because it is felt that **the theory of meaning fails to meet certain minimum requirements of objectivity and operational verifiability**, but more importantly, because **semantic notions, if taken seriously appear to be quite irrelevant to the problem being investigated here**. [grifos meus] (1955-56, p.02)

Partindo disso, sua investigação da estrutura linguística vai se ocupar daquilo que ele chamou de três problemas fundamentais da linguística descritiva: 1) *constructing grammars for particular languages*; 2) *giving a general theory of linguistic structure of which each of these grammars is an exemplification*; 3) *the problem of justifying and validating the results of his inquiries, and demonstrating*

*that the grammars that he constructs are in some sense the correct ones.* (1955-56, p.06)

Ao longo do texto, ele enfatiza a necessidade de clareza e rigor no desenvolvimento da teoria e na definição das noções nela implicadas. Essa necessidade é tão visível na obra do autor, que seria possível uma coleção de excertos nos quais há essa exigência de clareza em relação a sua própria teoria e às ideias dos que a criticam. Porém, ofereço, abaixo, somente dois exemplos de passagens que confirmam isso:

One cannot describe a linguistic system in any meaningful way without some conception of what is the nature of such a system, and what are the properties and purposes of a grammatical description. For this reason it is important to develop a precisely formulated and conceptually complete construction of linguistic theory on the clearest possible elementary notions, even when more elaborate based upon these notions cannot, because of insufficient evidence, be empirically supported.” (1955-56, p.03)

it is important to formulate close and precise criteria, and to apply these with complete rigor and consistency, even when it appears likely that they are only partially adequate. In this way we may hope to expose the source and exact location of this inadequacy. Pushing a precise, but inadequate formulation to an absurd conclusion may be an important method of discovery<sup>8</sup>. (...) Obscure and intuition-bound conceptions can of course never be pushed to absurd conclusions but this can scarcely be regarded as a point in their favor. (1955-56, p.04)

Essas passagens proporcionam ao leitor certa segurança de que ao longo do texto ele encontrará o maior rigor possível. Eu, inclusive, diria que não só o que é dito, mas a forma como Chomsky diz, unidos à impressão de rigor que passa uma teoria formal, podem levar a acreditar que, de fato, haverá a precisão anunciada. No entanto, há de se olhar com desconfiança para essa promessa de clareza. Começo unindo essa necessidade à consideração feita pelo autor sobre a importância de ser

---

<sup>8</sup> Diga-se de passagem, esse foi o “método” mais utilizado pelo autor.

preciso mesmo quando se pode estar equivocado: essa ênfase e, por que não dizer, preocupação com o rigor não parecem ter surtido efeito quando se tratou de pensar uma das noções mais centrais de sua teoria, ou seja, a noção de gramaticalidade. Cabe adiantar que, embora o autor afirme que o objetivo da teoria da linguagem seja formalizar a capacidade do falante-ouvinte ideal em reconhecer quais sentenças pertencem ou não a sua língua, não se obteve, ao longo da teoria, a formalização de tal capacidade com sua devida definição. O primeiro questionamento que vem desse ponto é sobre o porquê de o autor não ter fornecido uma definição elaborada da gramaticalidade. Uma possível resposta está no fato de a gramaticalidade sempre aparecer vinculada à intuição. Veja que ele diz: “Pushing a precise, but inadequate formulation to an absurd conclusion may be an important method of discovery”, mas completa com “obscure and intuition-bound conceptions can of course never be pushed to absurd conclusions but this can scarcely be regarded as a point in their favor” (1955-56, p.04). Entretanto, se esse fosse o caso do conceito de gramaticalidade, por que ele teria anteriormente afirmado que “in particular, the notion ‘grammatical’ must itself be carefully defined” (1955, p.40) e posteriormente teria dito, em seu *Aspects of Theory of Syntax* (1965), que havia a possibilidade de não se encontrar definição satisfatória para essa noção?

Na tentativa de refletir sobre essas questões e entender como a noção de gramaticalidade se constrói, é necessário levar em conta a dependência existente entre ela e as noções de gramática, sintaxe e semântica, como entendidas na teoria. Ora, se a ideia de Chomsky é a de que o conceito de gramaticalidade desempenha no sistema o papel de equivalente formal da capacidade do falante/ouvinte em reconhecer se as sentenças fazem ou não<sup>9</sup> parte da língua, há de se escrutinar também as noções supracitadas para que se possa entender o sistema formal que subjaz a construção do conceito de gramaticalidade internamente à teoria.

Começo, portanto, com algumas considerações gerais de Chomsky sobre a pesquisa em Linguística (Gerativa de Chomsky) que, segundo ele,

---

<sup>9</sup> Veremos adiante que essa capacidade precisaria também de algum mecanismo para distinguir uma língua estrangeira e não simplesmente descartá-la como agramatical, mas isso não é fornecido por Chomsky.

aims to provide for each language a theory of the structure of that language (i.e., a grammar), and at the same time to develop a general theory of linguistic structure of which each of these grammars will present a model. The particular grammars and the general theory must be closely enough related so that some practical technique be available for deciding between two proposed grammars as to which better exemplifies the general theory. [grifos meus] (1955-56, p.10)

Para que se possa desenvolver tanto a teoria geral quanto as gramáticas específicas, o autor decide que o foco do estudo deve ser sintático. Ilustro isso, retomando as palavras de Chomsky: “it is **syntactic study** in both the narrow sense (as **opposed to phonology**) and in the broader sense (as **opposed to semantics**)”. O autor reafirma essas oposições várias vezes, mas é consideravelmente mais enfático quando afirma a irrelevância da semântica:

in fact there is a deeper motivation for refusing to base the theory of linguistic form on semantic notions than merely the obscurity of such a foundation, what I would like to argue is that **semantic notions cannot be applied to the determination of formal studies**, that only their unclarity disguises their irrelevance, and that when **the claim is put forth that linguistic analyses can not be carried out without the use of meaning, what is really expressed is that it can not be carried out without intuition**. (1955-56, p.23)

Um pouco mais adiante, completando esse pensamento, o autor vincula a reivindicação de que o significado deve fazer parte da base da teoria linguística a certa confusão

between ‘meaning’ and ‘intuition about linguistic form’. Here as often is the case elsewhere in the discussion of linguistic theory, the real content of the claim that establishment of a linguistic element is based on meaning, seems to be that this

element must be established on the basis of intuition. [...] This confusion of meaning and intuition indicates a failure to take meaning itself seriously. The only thing that meaning and intuition have in common is their obscurity. (1955-56, p. 35-36)

Isso não quer dizer que se deve utilizar a intuição cegamente, pois, segundo o autor, “the major goal of methodological work in linguistics is to enable us to avoid intuition about linguistic form whenever we find it, replacing it by some explicit and systematic account.” (1955-56, p.36). O ponto defendido pelo autor é que

It is certainly true that our intuitions about linguistic form may be useful in the actual process of gathering and organizing grammatical data, but this is not to say that our intuition about meaning serve the same purpose. Whatever meaning is, it certainly is not intuition about form” (1955-56, p.37).

Já a habilidade dos falantes de identificar sentenças gramaticais estaria vinculada à capacidade de estabelecer padrões de estrutura da língua que lhes é nativa.

Após expor a discussão sobre o significado, acima comentada, e utilizar uma argumentação baseada no estudo dos fonemas, no intuito de ratificar o fato de o significado não desempenhar nenhum papel na constituição da teoria linguística, ele passa a falar sobre Quine. De acordo com Chomsky, para Quine há

two major notions in the theory on meaning, ‘synonymy’ and ‘significance’, and [he] suggests that grammar relies on both for the determination of the subject matter of a linguistic description. The linguist must determine how many distinct forms constitutes his corpus, and which forms not in his corpus must be described by the grammar. In the first case, he relies on synonymy (i.e. on difference in meaning), and in the second, on significance (i.e., the grammar must describe exactly the significant or meaningful sentences). (1955-56, p.38)

A discussão é inserida na tese porque Chomsky quer argumentar que o estudo da estrutura linguística não deve depender nem da sinonímia, nem do significado. A partir daí, Chomsky passa a sustentar que a gramaticalidade não deve ser identificada com “ter significado”

The grammar must generate a set of grammatical sentences on the basis of a limited corpus. It is correct to identify ‘grammaticalness’ with ‘significance’? I think that it is not. If we take ‘meaningfulness’ or ‘significance’ seriously, I think we must admit that

(2) this is a round circle

And

(3) colorless green ideas sleep furiously

are thoroughly meaningless and non-significant, but it seems to me that as a speaker of English, I would regard these as in some sense ‘grammatical’ sentences, and it can certainly be argued that the establishment of their non-significance falls outside the domain of grammar. (1955-56, p.38)<sup>10</sup>

A ideia aqui é a de que um falante nativo seleciona as sentenças gramaticais da mesma forma que outros falantes nativos da mesma língua e sem as ter ouvido antes. “We might test this by a direct determination of some sort of ‘bizarreness reaction’, or in various indirect ways.” (1955-56, p.39), como pela entonação que numa sentença como “Furiously sleep ideas green colorless” seria lida de forma decrescente a cada palavra, como quando se leem palavras que não estão relacionadas. Esses testes ratificariam a habilidade dos falantes em identificar a gramaticalidade. Por isso Chomsky se pergunta:

---

<sup>10</sup> Há inúmeras menções ao longo da tese de Chomsky a respeito dessa obscuridade e falta de seriedade no uso das noções semânticas. Diz o autor, nas entrelinhas, que a irrelevância do significado para estrutura da língua é perceptível sempre que se tenta levar essas noções a sério. Agora eu me pergunto: o que o autor quer dizer com “levar a sério”? Seria isso, apoiado na justificativa de que as noções semânticas são obscuras, suficiente para descartar a possibilidade de relevância do significado para a estrutura?

How can we describe this ability? The only thing we can say directly is that the speaker has an ‘intuitive sense of grammaticalness’. But to do this is simply to state a problem. Suppose that we can (i) construct an abstract linguistic theory in which grammaticalness is defined, (ii) apply this linguistic theory in a rigorous way to a finite sample of linguistic behavior thus generating a set of ‘grammatical sentences’, and (iii) demonstrate that the set of grammatical sentences thus generated, in the case of language after language corresponds to the ‘intuitive sense of grammaticalness’ of the native speaker. In this case, we will have succeeded in giving a rational and general account of this behavior, i.e. **a theory of the speaker’s linguistic intuition. This is the goal of linguistic theory.** It is by no means obvious that it can be done, limiting ourselves to formal analysis. It is even more difficult to see how any semantic notion can be of any assistance in this program. (1955-56, p.39-40)

De acordo com Chomsky, os falantes nativos possuem um senso intuitivo de gramaticalidade e, por terem alguns padrões estruturais internalizados, identificam sentenças gramaticais nunca antes produzidas. No entanto, algo que Chomsky não aponta nesse momento, mas passível de ser pensado é que os falantes, da mesma forma, identificam sentenças ditas agramaticais. Então, não faria parte desse comportamento e dessa intuição a capacidade de reconhecer aquilo que não faz parte da língua nativa? Ora, em algum momento, Chomsky diz que os falantes também têm a habilidade de descartar essas sentenças como sentenças que não fazem parte da língua.<sup>11</sup> Porém, isso não integra a gramática da língua desenvolvida pelo autor. Ele afirma que a gramática de uma língua particular é uma teoria da estrutura dessa língua cujo sistema, de alguma forma, gera sentenças gramaticais, bem como *insights* para a teoria geral. Teoria geral essa que visa dar conta da intuição do falante, mas se o falante possui uma intuição sobre o que não é sua língua nativa e, para além disso, se essa intuição funciona de maneira tal que ele consegue distinguir entre sentenças malformadas de

---

<sup>11</sup> Como no artigo *Three Models for the Description of Language* (1955), em que o autor afirma que a teoria linguística “attempts to explain the ability of a speaker to produce and understand new sentences, and to reject as ungrammatical other new sequences.” (p.113)

sua própria língua e sentenças de outras línguas, então a teoria geral por ele desenvolvida não está dando conta de todos esses aspectos e precisaria abarcar também essas questões ou ao menos colocá-las na lista de “questões a serem discutidas posteriormente”.

Nesse ponto, faço minhas, então, as palavras de Jerrold Katz, expostas num artigo chamado “*Semi-sentences*”:

A theory of semi-sentences, a theory that characterizes the set of ungrammatical strings that the speaker's knowledge of linguistics structure enables him to understand and explains why the member of this set are comprehensible, is, therefore, to be regarded as an integral part of the description of a language, not as a bonus it is nice but not necessary to have. (1964, p.401)

No capítulo específico sobre gramaticalidade, o autor defende que, na construção de uma gramática, o linguista deve determinar quais são as sentenças gramaticais da língua em questão independentemente de elas aparecerem no corpus por ele observado, pois é possível observar diversas sentenças ali presentes que seriam descartadas como agramaticais e outras que, mesmo sem estarem presentes, seriam consideradas gramaticais. Todavia,

since there are a variety of suggestions about grammaticalness, but few attempts at a precise statement, we could give a convincing demonstration only by presenting instances to counter any such suggestion. Instead of attempting to pursue this rather aimless course, we limit ourselves to a few examples that may make the general argument plausible. (1955-56, p. 110)<sup>12</sup>

Ao iniciar seus exemplos, o autor diz haver a necessidade de se postular níveis de gramaticalidade e passa a dar exemplos para confirmar a hipótese de que a gramática precisa mostrar que sentenças como “(1) sincerity admires Bill [...] are in some sense, near-grammatical sentences, much more so than, for instance (2) the admires Bill” (1955-56, p.111). Segundo o autor,

---

<sup>12</sup> Esse parágrafo foi suprimido na versão de 1975.



if we hope to set up proper nouns such as ‘Jones’ as a distributional class, excluding ‘sincerity’ and ‘golf’, we will need some discriminatory class K of contexts. But such contexts as

- (a) — admires Bill  
(3)  
(b) — had lunch with Bill yesterday

seem to be just the contexts relevant to making this distinction, since certainly

- (4) { Jones      admires Bill  
              had lunch with Bill yesterday

are grammatical sentences. If we have only a two part classification, into grammatical and ungrammatical, then either such sentences as (1) are also regarded as grammatical, in which case we apparently lose the distributional grounds for making the distinction we require among nouns, or they are rejected as ungrammatical (as in some sense, they surely are) in which case there is no way to distinguish (1) from (2).

Partindo disso, Chomsky busca uma forma de obter um sistema que gere somente as sentenças gramaticais e, no caso, opere com base na análise distribucional. Segundo ele, para que isso seja possível, é necessário postular níveis de gramaticalidade em que sentenças como *Sincerity admires Bill* seriam mais gramaticais do que sentenças como *the admires Bill*. Contudo, tanto aqui como em outros textos, em momento algum o autor chega a oferecer uma definição de gramaticalidade; limita-se a dizer que as sentenças em (4) são “certamente gramaticais”. Levando em conta comentários anteriores (e posteriores) do autor, é possível perceber que ele se permite fazer isso assumindo que temos conhecimento comum sobre quais sentenças são gramaticais ou não. Assim, mesmo a noção de níveis de gramaticalidade ainda se baseia numa ideia intuitiva de gramaticalidade, como se fosse óbvia a separação entre elas. Em alguns momentos, o autor afirma que esse alicerce na intuição é temporário e deve se sustentar apenas até se ter como definir precisamente esses termos no sistema. O único problema é que se espera por essa definição já há quase 60 anos.

Por mais que Chomsky frise ser necessário postular os níveis de gramaticalidade para que o sistema funcione, quando ele se refere ao assunto, divide somente em gramatical e agramatical. Isso ocorre, inclusive, quando o autor descreve a habilidade do falante em “to produce and understand new sentences, and to reject as ungrammatical other new sequences.” (1955, p.113). O que ele faria com as sentenças semi-gramaticais, no caso?

Cabe ressaltar que a crítica que aqui faço não está relacionada à existência dessa habilidade nos falantes, mas sim ao fato de o autor não definir o que é gramaticalidade no sistema ao mesmo tempo em que afirma ser essa uma noção essencial para seu funcionamento.

Gostaria, agora, de focar um pouco nessa habilidade do falante, Chomsky diz

He [the native speaker] has also abstracted from this set of [grammatical] sentences, somehow, and learned a certain structural pattern to which these sentences conform. And he can add new elements to his linguistic stock by constructing new sentences conforming to this structural pattern. (1955-56, p.113)

Esse processo de projeção/criação de sentenças novas num padrão de sentenças gramaticais é o que ficou conhecido, posteriormente, como criatividade linguística. Veja como é vital essa noção de gramaticalidade na teoria. A criatividade linguística é governada por algumas regras e essas regras vêm do padrão abstraído das sentenças da língua. Esse padrão, por sua vez, abarca somente as sentenças gramaticais da língua. O resto é desvio e acaba sendo classificado como semi-gramatical ou mesmo agramatical.

Pode-se dizer que o foco da teoria chomskyana foi, desde o início, contemplar essa característica das línguas no sistema por ele desenvolvido. Segundo o autor, “we aim to construct in linguistic theory a formal model of this behavior in such a way that by applying the methods of linguistic analysis to a corpus of sentences, the linguist can reproduce this process of generation in his determination of grammatical sentences.” (1955-56, P.114). Ou seja, o autor deseja que esse mecanismo seja preciso a ponto de não só espelhar a capacidade dos falantes, mas também de proporcionar ao linguista uma boa forma de determinar as sentenças gramaticais num dado corpus. O único problema é que, para fazer isso, ele precisaria de antemão saber quais

são as sentenças gramaticais para conseguir construir adequadamente o sistema.

O sistema de reconhecimento da gramaticalidade opera de forma tal, que, ao tomar as sentenças do corpus, é possível organizá-las de acordo com sua proximidade em relação ao padrão abstraído das sentenças num primeiro momento. Porém, para que se abarque a questão dos níveis de gramaticalidade, o autor trabalha com noções de categoria e subcategoria em que palavras como “John”, “dog” e “sincerity” pertenceriam todas à categoria dos nomes, mas somente “John” e “dog” à categoria dos nomes animados e somente “John” à categoria dos nomes próprios. Dessa forma, ao se completar uma sentença como “\_\_\_\_ plays Golf” com “John”, “dog” e “sincerity”, ter-se-ia um grau de gramaticalidade decrescente da primeira para a terceira.

É interessante atentar que, para Chomsky, isso insere os graus de gramaticalidade do sistema, levando em conta somente a estrutura da língua. Parece-me que há, aqui, influência do significado na determinação de alguns dos níveis de gramaticalidade. Explico: sentenças como “John plays Golf” e “Sincerity plays Golf” são gramaticais no padrão mais geral de construção de sentenças “N+V+N”, mas a segunda se tornaria menos gramatical por ter a palavra “sincerity” violando a estrutura “N(animado)+V+N”. Nesse ponto surge a questão: qual é o quesito estrutural para que se diferenciem animados de inanimados? Em sua tese, Chomsky não chega a sugerir, como faz em seu *“Aspects of Theory of Syntax”*, que se utilize como teoria semântica a teoria dos traços de Katz e Postal. Porém, o ponto que quero levantar aqui não é a utilização de uma teoria semântica, mas o fato de que essa divisão em níveis só é possível quando se consideram essas subcategorias (dos nomes, por exemplo) que têm em sua raiz alguma espécie de significado dos nomes.

O resto do capítulo, em linha gerais, está preocupado em ratificar e sistematizar o que foi explicitado até agora, mas acrescenta, por exemplo, que para a comutação e a distribucionalidade funcionarem, é necessário considerar que alguns contextos não são legítimos e que algumas sequências não podem ser consideradas apropriadas para a comutação.

Embora Chomsky tenha declarado em entrevista, na década de 90<sup>13</sup>, que essa discussão entre gramatical e agramatical não tem nada a

---

<sup>13</sup> Linguística Gerativa: Desenvolvimento e perspectivas. In: D.E.L.T.A. Vol.13, No Especial, 1997.

ver com a Linguística<sup>14</sup>, os textos do período inicial da teoria deixam bastante claro que não só essa distinção, mas também a divisão da gramaticalidade em graus foi essencial na construção da teoria. De acordo com o autor, a ideia era mostrar que essas propriedades existiam nas línguas formais, mas não nas naturais. Por isso, seria preciso um mecanismo diferente para elas, um mecanismo mais poderoso, que, na época, ele defendia ser o transformacional.

Os assuntos tratados nos próximos dois textos - *Three Models for the Description of Language* e *Syntactic Structures* - são bastante próximos, em questão de conteúdo, com aqueles apresentados na tese. A diferença é o grau de detalhismo (muito superior na tese) e explicação (mais completa na tese). Por esse motivo, ao se lerem TMDL e SS, tem-se a impressão de que a ideia básica deles é a mesma: “investigate several conceptions of linguistic structure to determine whether or not they can provide simple and ‘revealing’ grammars that generate all of the sentences of English and only these (grifo meu)” (1956, p.113). Por isso, “the grammar of a language can be viewed as a theory of the structure of this language” (1956, p.113), cujo intuito é formular uma gramática capaz de determinar o conjunto de sentenças gramaticais.

Partindo disso, Chomsky diz que listará alguns dos passos para se fazer uma análise operacional das sentenças gramaticais. Porém, o primeiro e único passo explícito diz respeito à entonação. Para ele, sentenças gramaticais, ao serem lidas por um falante nativo, têm entonação normal, enquanto as agramaticais têm entonação decrescente ao final de cada palavra, como na leitura de qualquer sequência de palavras sem relação umas com as outras.

A discussão feita ao longo desse artigo de 1956 tem base semelhante a da tese e é a mesma que será ampliada no SS. Chomsky comenta três modelos de análise de estrutura sintática, a saber: processo de estados finitos de Markov, modelos sintagmático e transformacional. Essa análise visa chegar ao modelo mais bem estruturado para dar conta de uma língua natural. Ao final, o modelo escolhido é, obviamente, o transformacional, proposto por Chomsky (via Harris).

Todavia, ao contrário do SS, não se fala sobre a autonomia da sintaxe aqui, e o aparecimento do par de frases: (1) “Colourless green ideas sleep furiously” e (2) “Furiously sleep ideas green colourless” nenhuma relação tem com a não existência de sentido nelas. Ao contrário, ocorre como exemplo para comprovar que não há relação entre gramaticalidade e frequência de utilização de uma frase: ambas

---

<sup>14</sup> Mais detalhes na seção 2.5

teriam ocorrência quase zero em inglês, mas só a primeira seria gramatical. Para ratificar a conclusão, o autor aplica a ambas o critério da entonação. (1955, p.116)

Nesse primeiro momento, Chomsky não se preocupa em formular uma conceitualização para a ideia de gramaticalidade, pois “this papers is concerned with the formal structure of the set of grammatical sentences. We shall limit ourselves to English, and shall assume intuitive knowledge of English sentences and nonsentences” (1955, p.114). O que se pode extrair daqui é o fato de que, desde o primeiro aparecimento da questão da gramaticalidade, ela é, aparentemente sem problemas, vista como clara e inquestionável (óbvia). Tão óbvia, que essas primeiras obras de Chomsky a têm como fundamento, mesmo sem um conceito estabelecido.

É importante ressaltar ainda outro fator conectado ao discernimento entre gramatical e agramatical: a relevância do aspecto criativo da linguagem para a constituição do entendimento na linguagem, enquanto base da própria teoria linguística que “attempts to explain the ability of a speaker to produce and understand new sentences, and to reject as ungrammatical other new sequences, on the basis of this limited linguistic experience.” (1955, p.113). Vê-se aqui, como na tese, o mesmo mecanismo criativo que, posteriormente, foi explorado por Chomsky em seus textos, atrelado à distinção que o falante nativo faria entre sentenças gramaticais e agramaticais. Com esse detalhe, pode-se concluir que a distinção faz parte da habilidade do falante e não é somente um recurso textual, gramatical e explanatório postulado por Chomsky. É como se o falante, dotado de capacidade criativa, possuísse um mecanismo para reconhecer a sentença agramatical e excluí-la, ao passo que a reconhece, independentemente de ter experiência linguística limitada, ou não.

No *Syntactic Structures*<sup>15</sup>, assim como na tese de doutorado, Chomsky localiza a estrutura sintática como algo que se opõe à semântica, mas também à fonologia e à morfologia. É a partir daqui que se desenvolve a ideia da autonomia da sintaxe que ainda não havia sido exposta no TMDL. Não se deve entender necessariamente autônomo

---

<sup>15</sup> Reza a lenda que a tese foi rejeitada para publicação por ser muito extensa (o manuscrito possui quase 1000 páginas). O fato é que o autor não a publicou naquele período. Ao contrário, publicou o SS que era, na verdade, constituído por anotações de um curso lecionado no MIT para engenheiros. Chomsky usa, frequentemente, esse fato como argumento para dizer que a discussão sobre gramaticalidade presente na primeira parte do SS acabou fazendo mal para a Linguística por ser binária, mas, creio, a responsabilidade pela publicação ainda assim é dele...

como autossuficiente. Embora a sintaxe não dependa, por exemplo, da semântica, isso não quer dizer que a sintaxe daria conta, sozinha, de todos os aspectos da linguagem, inclusive de seu uso. Ou seja, a ideia é que a sintaxe pode ter sua estrutura analisada independentemente da estrutura semântica ou morfológica, pois estas estruturas não modificam nem afetam a estrutura sintática, que é, em suma, independente. Porém, isso não implica que Chomsky caracterize a sintaxe como autossuficiente quando se trata da linguagem como um todo, pois aspectos semânticos, morfológicos e fonológicos fazem parte da linguagem, embora questões de uso, por exemplo, não façam parte nem da gramática nem daquilo que Chomsky veio a chamar de Linguística.

Ora, na função de ratificar essa independência da gramática, ressurgem o par (1) e (2), usado tanto no artigo de 1955, quanto na tese. Ele aparece, no SS, como exemplo do que se tornou uma constante no trabalho de Chomsky: a exposição de uma teoria sintática que em nenhum ponto dependa da semântica. Dessa forma, ele ratifica que uma teoria cujo intuito é explorar a estrutura da linguagem humana não pode ter a noção de gramaticalidade baseada no sentido. Nesse ponto, (1) *Colorless green ideas sleep furiously* acompanhada de (2) *Furiously sleep ideas green colorless* são analisadas por um viés diferente daquele do TMDL<sup>16</sup>. Para Chomsky, a primeira das frases seria uma sentença gramatical, embora desprovida de sentido, enquanto a segunda seria, além de desprovida de significação, agramatical. Para ele, essa comprovação era suficiente para se estudar a sintaxe independentemente da semântica. Detalhe: nesse momento ele não fala explicitamente de graus de gramaticalidade. Isso aparece numa nota de rodapé, com um comentário dizendo que essa questão dos graus será abordada posteriormente.<sup>17</sup>

Como já foi dito no início dessa seção, o livro que inseriu as ideias “de” Chomsky na linguística foi o SS. Por isso, houve mais criticismos com base nele do que na tese. Assim, tomando esse par de frases, muitos teóricos tentaram refutar a ideia de Chomsky atribuindo significado à primeira frase. Porém, essa atitude não se distancia do que Chomsky falou, só seria possível refutá-lo significando a segunda e provando que é possível significar uma sentença sem precisar de uma construção sintática adequada para tal e sem reorganizá-la. Inclusive, significar a primeira só ratifica a ideia chomskyana, pois só seria

---

<sup>16</sup> Vale ressaltar que esse viés diferente não excluiu a análise feita no TMDL, que permanece válida e inclusive aparece no SS.

<sup>17</sup> Nota à página 19 do SS.

possível atribuir a ela um significado devido à gramaticalidade, coisa que não ocorre com a segunda.

Vale ressaltar que essa distinção se presta à tentativa de encontrar um mecanismo universal de produção da língua que, ao menos neste período da obra de Chomsky, era uma gramática universal cujo foco seria dar conta somente de sentenças gramaticais: “The fundamental aim in the linguistic analysis of a language L is to separate the grammatical sequences which are the sentences of L from the ungrammatical sequences which are not sentences of L and to study the structure of grammatical sentences.” (1957, p.13). Chomsky, durante todo o tempo, toma como base falantes nativos em relação a sua própria língua, mas uma questão não explicada por ele e interessante é: será que esse falante entenderia uma sentença gramatical de outra língua da mesma forma que ele entende uma sentença agramatical de sua própria?<sup>18</sup> Ou as sentenças agramaticais da língua L, por não serem consideradas sentenças dessa língua, poderiam ser sentenças gramaticais em outra? Este último questionamento ainda traz consigo outro: agramaticais são sentenças que desviam do padrão estrutural de uma língua ou da estrutura geral subjacente? Ou, reiterando um questionamento que fiz durante a discussão do LSLT: como Chomsky diferenciaria essas sentenças que não são de L, sem colocar no conjunto das sentenças agramaticais as sentenças de uma língua estrangeira? Afinal, frases da língua X, não são frases de L... Como, enfim, esse mecanismo operaria nessa distinção ambígua entre frase e não-frase?

Além disso, deve ser observado que, a partir do momento em que Chomsky propõe o desvendar dessa gramática perfeita, pautada na habilidade do falante, ele precisa pressupor, de alguma forma, a existência das frases agramaticais e, conseqüentemente, a produção delas. Caso contrário, elas não seriam passíveis de exercer o papel de agente contrastivo, como no exemplo dos pares citado. O fato é que distinguir entre elas gera certo embaraço ao autor: se ele visse o agramatical como uma falha no mecanismo, isso implicaria a não contemplação dos objetivos dele em formalizar essa habilidade do falante. Contudo, se ele quer, de fato, dar conta da habilidade e da intuição do falante, ele precisa tratar da intuição que temos sobre desvio da regra e também da capacidade de não descartar como agramaticais sentenças de outras línguas. Ou ainda, se ele sugerisse a existência de dois mecanismos - um produzindo as sentenças gramaticais, e o outro,

---

<sup>18</sup> Numa entrevista em 1996, Chomsky fala, basicamente, que tudo é interpretável porque a estrutura subjacente das línguas é a mesma.

as agramaticais - isso criaria uma teoria demasiado complexa e cognitivamente não eficaz para quem busca um mecanismo simples. Obviamente, ele também não poderia assumir a posição de que ambas as sentenças são produzidas pelo mesmo mecanismo, pois dessa forma o mecanismo nunca seria o pretendido, ou seja, nunca seria um sistema que gera as sentenças gramaticais da língua e só elas. O desafio que essa relação entre o reconhecimento da língua estrangeira suscita, sob meu ponto de vista, é o de elaborar tal sistema sem recorrer à fonologia e à morfologia, mantendo-se somente na sintaxe.

Por isso, não seria exagerado dizer que a base de toda discussão do SS – e mesmo de todo esse início de teoria - é a noção de gramaticalidade, pois a exclusão dos mecanismos tidos como não adequados toma como central a ideia de que para eles serem válidos precisariam, necessariamente, dar conta somente das frases gramaticais: “one way to test the adequacy of a grammar proposed for L is to determine whether or not the sequences that it generates are actually grammatical, i.e., acceptable to a native speaker, etc.” (1957, p.13)

Em passagens como essa é possível perceber que a preocupação presente aqui é semelhante à do *LSLT*, com a diferença de que no SS, talvez por ser um livro baseado em anotações, as ideias aparecem de forma muito mais esquemática e sem muitas explicações. Por exemplo, a noção de gramaticalidade, com menção a seus graus, aparece, no *LSLT*, ao longo do texto e possui um capítulo específico para si, mas no SS as aparições são pontuais e a questões dos graus é trazida somente em nota de rodapé à página 19, na qual Chomsky afirma que (1) *Colorless green ideas sleep furiously* é claramente menos gramatical que (3) *The book seems interesting*. Porém, nesse momento, não é oferecida uma explicação sintática para essa observação. O autor propõe, então, que essa “rígida distinção” seja substituída pela noção de “níveis de gramaticalidade”. O critério para tal afirmação não é explicitado, o que faz questionar se isso não seria fruto de uma inquietação provocada pela falta de sentido em (1). Pois se pode tentar criar uma sentença com a mesma estrutura de (1), mas com sentido como (4) *Faithless weak people scream furiously*<sup>19</sup>. Assim, já que aparentemente existem dois critérios para classificar o gramatical (aceitação do falante e ordem sintática), uma sentença como (4) teria sentido e, além disso, a mesma estrutura frasal de (1). Seria possível falar de níveis de gramaticalidade entre (1) e (4) se ambas podem ser aceitas pelo falante dependendo do contexto? Além disso, e

---

<sup>19</sup> Frase criada pela autora.



principalmente, se o requisito for sintático, então (1) não pode ser menos gramatical que (4), nem mesmo que (3).<sup>20</sup>

A explicação dada por Chomsky para a inclusão de níveis é oferecida da seguinte forma: “the more completely we violate constituent structure by conjunction, the less grammatical is the resulting sentence. This description requires that we generalize the grammatical-ungrammatical structure dichotomy, developing a notion of degree of grammaticalness.” (p.36). Porém, ainda assim, não há como justificar uma diferença de análise entre (1) e (4), por exemplo. Uma solução para esse impasse será comentada na próxima seção, pois foi proposta no *Aspects of Theory of Syntax*, em que a noção de níveis de gramaticalidade se vincula à violação de regras de seleção.

Além da distinção gramatical/agramatical, tem-se a oposição frase/não frase que se liga diretamente à distinção supracitada e inclui ainda a ideia de que tudo aquilo que não é gramatical não pertence à língua em que foi produzido. Por meio de exemplos citados no livro, pode-se depreender que um dos critérios designadores das não-frases, além da aceitação do falante, é a ordem sintática. Ora, quando e se um falante nativo reconhece que determinada sentença não pertence ao português ele pode, ao menos, reconhecer que os elementos envolvidos são do português mesmo sem estarem organizados de acordo com as estruturas frasais possíveis na língua. Um exemplo disso são os manuais de ensino de língua com suas palavras embaralhadas para serem postas em ordem: para resolver essa espécie de exercício, o estudante pressupõe que aquilo é português, tanto é que o organiza como tal. Obviamente, outros motivos para esse reconhecimento devem existir: ele possivelmente reconhece a língua no nível lexical, pois este fica intacto em exercícios dessa espécie. Contudo, isso não muda o fato de que, nessa espécie de exercícios, a sintaxe não ocupa o lugar fundamental no julgamento sobre a sentença ser português ou não. Talvez o viável seja dizer que tal estrutura sintática não é utilizada em português ou em nenhuma outra língua. Partindo disso, parece que a distinção frase/não-frase não se sustenta com muita segurança, ao menos não nos termos em que é posta no livro e, assim, abre espaço para um questionamento suavemente irônico: uma frase semi-gramatical seria semi-frase e, conseqüentemente, semi-inglês?

---

<sup>20</sup> Agora imaginem, por um momento, como foi que a discussão que estabelecemos anteriormente sobre a tese, chegou na linguística?

Como, então, pensar num ser humano enquanto uma “máquina da linguagem” perfeita? Afinal, como ele poderia produzir o agramatical, mesmo para ser usado como exemplo e contraposição, se esse não pudesse ser desde sempre produzido, e, mais que isso, se ele não fosse condição de existência do gramatical? Vale lembrar que em algum momento, no *Current Issues in Linguistic Theory* (CILT), Chomsky fala que num corpus normal há diversas sentenças agramaticais, ou malformadas, que precisam ser excluídas para se obter o corpus necessário. Ou seja, ambos existem e o próprio autor tem, em seu texto, pistas para isso.

Embora a distinção entre gramatical e agramatical seja importante no livro, ela nunca fica clara. Na realidade, a clareza se escurece mais ainda quando Chomsky tenta dissolvê-la com pauta nos níveis de gramaticalidade. Isso fica bastante patente quando ele se vale de uma justificativa demasiado vaga para afirmar que (4) *John admires sincerity* é mais gramatical que (6) *Sincerity admires John*. Diz ele que “any grammar that distinguishes abstract from proper nouns would be subtle enough to characterize the difference between [them]” (1957, p.78). E de onde viria a distinção entre próprio e abstrato se não de seu significado? Uma transformação questionável na mesma medida é a que fixaria o uso de *who* e *what* dependentemente de o sintagma nominal ser ou não animado. Ora, sabe-se que Chomsky não exclui a semântica do estudo da linguagem, apenas postula, nesse período, que a sintaxe independe dela. Todavia, a partir do momento em que se propõe a analisar a gramática com base na sintaxe, esses apontamentos supracitados se tornam problemáticos. Afinal, segundo ele mesmo, “one result of the formal of grammatical is that a syntactic framework is brought to light which can support semantic analyses” (1957, p.108) e não o contrário.

Nesse ínterim, a sintaxe preside a construção das frases em línguas particulares, enquanto o estudo da sintaxe de uma língua particular visa à construção de uma gramática, de um mecanismo de produção de frases. Ora, vale lembrar que, quando Chomsky fala em mecanismo aqui, ele ainda não tem em vista a ideia de um aparato cognitivo, de um mecanismo cerebral universal (GU). Porém, com a visão atual, sabe-se que isso desembocou no mentalismo, como observado por Lightfoot, na introdução ao SS, em 2002. Ao contrário, esse primeiro momento traz em si muito mais dos estudos da lógica do que dos estudos biológicos e cognitivos.

De qualquer forma, ele defende um estudo da sintaxe particular como meio de proporcionar: “a theory of linguistic structure in which

the descriptive devices utilized in particular grammars are presented and studied abstractly, with no specific reference to particular languages” (1957, p.11). Isso quer dizer que o linguista precisa observar as línguas particulares e seus mecanismos. Ele deveria partir de uma espécie de descrição da língua particular, generalizar essa discussão, tornando-a abstrata e, depois, particularizá-la novamente, aplicando-a a outras línguas.

Contudo, por mais que o autor defina o que deve ser estudado e de que forma o deve ser, o conceito de gramaticalidade, central à obra, só é mais discutido quando, à página 15, o próprio autor coloca a pergunta: “on what basis do we actually go about separating grammatical sequences from ungrammatical sequences?”.

Como no TMDL, ele não dá resposta, aborda somente sobre três possíveis respostas falsas, ou melhor, sobre três lugares em que não se encontraria a solução: (i) a resposta não está em tomar qualquer corpus num conjunto de enunciados predeterminados como gramaticais. Os enunciados de fala real é que deveriam ser projetados num corpus de sentenças gramaticais. O ponto questionável aqui é que, em nenhum momento, ele diz como chegar a esse corpus ideal. Ao contrário, vincula-o, como já citado, à intuição do falante nativo sobre as sentenças gramaticais. Na realidade, a própria “resposta” dada por ele à questão levantada, já toma como base um conjunto definido de sentenças gramaticais, o que gera um ciclo vicioso no qual aquilo que é usado como teste de adequação da teoria precisa ser precisamente explicado por ela após seu desenvolvimento; (ii) a noção não deve ser pautada, como já dito diversas vezes, na ideia de “dotado de sentido”; (iii) nem confundida com enunciado observado, no sentido de que não é viável um conceito de gramatical identificável com a estatística. Como argumento, ele diz que as sentenças (1) e (2) são ambas improváveis, embora uma seja gramatical e a outra não.

Contudo, embora não haja conceitualização explícita, parece que a habilidade de reconhecer o gramatical é de alguma maneira universal por ser pressupostamente algo existente em todas as línguas como parte natural da linguagem. O que há de particular é a estrutura de cada língua. Cabe dizer que nesse período ele já defendia a existência de características universais, porém ainda é um pouco confuso o que seria esse universal e o que das estruturas das línguas particulares faria parte desse universal. Obviamente, ele não chega a discutir se há alguma característica estrutural universal que possibilitaria à gramaticalidade ser relacionada também a ela, como um conceito aplicável tanto à estrutura geral das línguas quanto à estrutura das línguas particulares. Se tivesse

feito isso, quem sabe poderia surgir daí algum *insight* sobre a capacidade de não descartar sentenças de outras línguas como agramaticais?

Para estudar a linguagem, ele propõe que se estude só o gramatical, mas, assim, cai-se num ciclo vicioso, pois o método de seleção da gramática de cada língua parte de um corpus idealizado produzido por um nativo também idealizado, não havendo possibilidade de teorizar sem precisar recorrer a um falante que sequer existe. Une-se a isso o caso de Chomsky buscar sempre esse universal e imutável, mas sem tratar dos limites entre particular e universal. Ora, como o universal é, em última instância, o natural, o verdadeiro, a busca de Chomsky, às vezes, se assemelha a uma busca platônica pela linguagem perfeita.

Parece que, ao final dos cálculos, o que ele encontra é uma teoria em constante inconstância que, embora pretenda estabelecer um mecanismo universal, é manobrada de modo a dar conta da produção de falantes nativos. Nesses termos, até o próprio delimitar da relação entre quem recai sobre quem (teoria x corpus/ mecanismo universal x língua particular) pode ter limites tênues ou sequer existentes nesse livro inicial, pois o texto parece flutuar entre essas possibilidades. O fato de não se poder chegar à abstração, ao mecanismo sem se utilizar como referencial a língua produzida, gera por si só um problema constante, principalmente quando se pretende formalizar esse mecanismo. Essa discussão caracteriza, em bases ainda primárias, mais uma das indeterminações presentes na obra.

Isso ainda traz à tona um aspecto levantado pelo autor em seu prefácio a *Linguagem e Pensamento*, em justificativa a sua crítica ao behaviorismo: “os especialistas têm a responsabilidade de tornar claros os limites reais de sua compreensão e dos resultados que alcançaram até agora” (p.06). Não interessa aqui entrar no mérito da discussão estabelecida, nem criticar a afirmação de Chomsky, mas sim ver dela o caráter irônico e a possibilidade de usá-la para falar do próprio autor em seu início de teoria, pois a formulação de limites lhe é problemática. Na verdade, pode-se dizer que isso vem do próprio ato de delimitar, de cercar um determinado aspecto, operando por meio de distinções que aparentemente não se conectam. Isso porque a delimitação traz consigo a possibilidade da falta de limite. Afinal, para pensar em limitar algo, é necessário saber que não há limites. Todavia, limitar implica excluir, ou ao menos deixar de lado, os itens da distinção pré-estabelecida que são menos interessantes e úteis à teoria e são esses itens que mais tarde afloram de dentro da própria teoria, apagando os limites do próprio limite feito por ela. E é nessa medida que surge o questionamento sobre

se o conceito de gramaticalidade de Chomsky, por mais que tenha sido refutado por ele mesmo, continua presente na linguística em geral e, de alguma forma, na teoria do próprio Chomsky. Ou se ele foi de fato excluído, ao menos na teoria chomskyana.

Uma das consequências da falta de discussão dessas questões apresentadas aqui é que o posicionamento de tomar a habilidade de reconhecer sentenças gramaticais como óbvia e intuitiva sem aprofundá-la e inseri-la formalmente no sistema repercutiu na linguística de forma tal, que até hoje, embora respondamos algo quando nos perguntam o que é gramaticalidade, sempre usamos a intuição para isso, não uma explicação formal ou um posicionamento de “depende da teoria”. Posicionamento esse que deveria ser o mais acertado, pois esse é um conceito que se modifica dependentemente da noção que se tem de gramática e de qual papel desempenham a semântica e a sintaxe nessa gramática.

## 2.2 Década de 60

*“All my life  
I've been workin' them angels overtime  
Ridin' and driving and living  
So close to the edge  
Workin' them angels – Overtime”  
(Rush)*

Na década de 60, Chomsky desenvolve com maior embasamento filosófico a ideia de que há algo universal na linguagem. Isso ocorre, pois o autor começa a aprofundar o que antes - tanto em sua tese, quanto no SS – era simplesmente a ideia de uma teoria geral com a qual seria possível derivar e, em última instância, validar as gramáticas particulares. Portanto, pode-se dizer que na década anterior não havia defesa explícita da existência de uma estrutura compartilhada por todas as línguas. Na verdade, embora fosse perceptível a vontade do autor em desvendar uma espécie de universalismo, ele não chega a defini-lo no sistema.

Além disso, começam a tomar forma a diferenciação entre competência e desempenho, as ideias de estrutura subjacente, forma da língua, estrutura profunda e superficial. O desenvolvimento desses conceitos foi altamente relevante, pois propiciou uma tentativa de

sistematização da noção de criatividade linguística, que passou a ocupar papel de destaque na construção do arcabouço teórico da pesquisa e influenciar a explicitação das almejadas características universais da linguagem. Como consequência dessas diferenciações, Chomsky passa a situar seus estudos como vinculados a uma linguística mentalista, cujo foco é usar o desempenho e a introspecção como dados para determinar a competência.

Os livros publicados nesse período, nos quais se desenvolvem as ideias supracitadas, são *Current Issues in Linguistic Theory*, de 1964; *Aspects of the Theory of Syntax*, de 1965; *Cartesian Linguistics*, de 1965, e *Language and mind*, de 1968. Excetuando-se *Aspects of the Theory of Syntax*, os livros são basicamente teóricos e se preocupam tanto com as questões de estrutura subjacente quanto com as de criatividade linguística.

Em 1964, sete anos após a publicação do *SS*, Chomsky publica *Current Issues in Linguistic Theory*. Já no primeiro capítulo desse livro, o autor frisa a importância e a necessidade de se atentar para a habilidade do falante em reconhecer sentenças gramaticais, pois essas questões estão diretamente ligadas à criatividade. Explico: se os falantes aprendessem simplesmente uma lista de sentenças, não seria possível a produção e o entendimento de sentenças completamente novas. Por isso, é necessário postular uma teoria que leve em consideração o fato de os falantes abstraírem padrões estruturais das sentenças que já conhecem e, a partir disso, conseguirem reconhecer e produzir sentenças novas que fazem parte de sua língua nativa. Para o autor, isso é criatividade e ela está diretamente conectada à já citada habilidade do falante em reconhecer a gramaticalidade. Segundo ele, a criatividade aparece ao menos desde o século XVII em textos de pensadores como Descartes. Para Chomsky, esse aspecto criativo da linguagem é um elemento que distingue o ser humano tanto dos outros animais, quanto de um mero autômato. Por isso é tão importante para ele postular graus de gramaticalidade. Sem essa divisão em graus, ele estaria afirmando que a mente humana funciona como um autômato. A parte irônica disso é que, num primeiro momento, o que ganhou relevância na linguística foi a distinção entre gramatical e agramatical, e o autor acabou, de uma ou outra forma, sendo taxado como defensor da ideia do autômato.

Diferentemente do que estava nos escritos da década de 50, nesse texto o autor afirma que “Normal mastery of a language involves not only the ability to understand immediately an indefinite number of entire new sentences, **but also the ability to identify deviant sentences** and, on occasion, to impose an interpretation on them.” [grifo meu]

(1964, p.08). Repare que nos excertos da década 50 que apresentei em seção anterior, o autor resumia a habilidade do falante ao reconhecimento de sentenças gramaticais. É interessante que, ao incluir nesse texto o reconhecimento de sentenças desviantes como uma habilidade do falante, ele define gramática de forma tal que há um mecanismo para identificar o grau de proximidade das sentenças em relação às sentenças completamente bem-formadas.

De acordo com o autor, apesar da experiência linguística limitada<sup>21</sup>, os falantes conseguem desenvolver uma competência linguística que pode ser representada por um sistema de regras a ser chamado de gramática. Esse sistema de regras é responsável por atribuir uma espécie de descrição estrutural que especifica quais são os elementos linguísticos e suas respectivas relações estruturais para dada sentença. A partir daí, essa descrição serve como forma de, por um lado, indicar se a sentença é completamente bem formada e, por outro, caso ela não seja, de distinguir de que maneira ela se desvia das sentenças completamente gramaticais. Nesse caso, se não houver um desvio muito grande, é possível atribuir-lhe significação.

Logo no próximo parágrafo, Chomsky apresenta, pela primeira vez, o nome “*generative grammar*”:

The grammar then, is a device that (in particular) specifies the infinite set of well-formed sentences and assign to each of these one or more structural descriptions. Perhaps we should call such a device *generative grammar* to distinguish it from descriptive statements that merely present the inventory of elements that appear in structural descriptions [...] The generative grammar of a language should, ideally, contain a central *syntactic component* and two *interpretative components*, a *phonological component* and a *semantic component*. (1964, p.09)

Contudo, soa estranho, nesse excerto, o autor dizer que a gramática especifica o conjunto de sentenças gramaticais e atribui a esse conjunto descrições estruturais uma vez que, em parágrafo anterior, ele afirma o fato de essas descrições estruturais poderem reconhecer sentenças desviantes. Quanto a isso, resta perguntar como isso poderia

---

<sup>21</sup> Veja-se aqui o que veio a se tornar o problema da pobreza de estímulo.

acontecer se elas são previamente atribuídas ao conjunto de sentenças gramaticais.

O autor, ampliando sua descrição sobre as possíveis gramáticas, busca mostrar e apresentar as diferenças entre dois modelos conflitantes de gramáticas por ele ditas como gerativas: o taxonômico (classificação sistemática) e o transformacional. Segundo ele, o primeiro é um abandono da linguística estrutural do período e o segundo é mais próximo à gramática tradicional. Saussure, por exemplo, se encaixaria no modelo taxonômico, pois relaciona a classificação sistemática com a ideia gerativa de *Langue*. Já a gramática de Port-Royal estaria relacionada ao modelo transformacional, pelo fato de haver nela duas estruturas subjacentes: uma para fornecer a interpretação semântica e outra, a interpretação fonológica.

Com vistas a mostrar a distância entre sua teoria e aquilo que ele chamou de linguística taxonômica, Chomsky recorre a semelhanças entre sua obra e a gramática tradicional. Dessa forma, coloca-se na posição de continuador de uma ideia já anteriormente desenvolvida pelos gramáticos de Port-Royal e por Humboldt, a saber: a existência de uma estrutura universal subjacente na língua<sup>22</sup>.

Além disso, pode-se dizer que, nesse momento, Chomsky buscava a validação filosófica de sua teoria tomando como base figuras como Descartes, Humboldt, Huarte, Herder, etc. Por isso, é a partir da noção de forma e criatividade em Humboldt que se desenvolve o segundo capítulo, cujo título é *Levels of success for grammatical description*. A ideia básica dele é a de que “within the [humboldtian] framework [...], we can sketch various levels of success that might be attained by a grammatical description associated with a particular linguistic theory” (1964, p.28).

Chomsky diz que, para se chegar a uma teoria pertinente, é necessário que três níveis de adequação sejam contemplados: (1) *observational adequacy*, que é o da escolha dos dados; (2) *descriptive adequacy*, pelo qual a gramática deve dar conta da intuição do falante nativo e especificar os dados em termos de generalização significativa que expressa as regularidades da língua; (3) *explanatory adequacy*, em que a teoria fornece base para selecionar uma gramática que atinja o

---

<sup>22</sup> Cabe relembra que, nesse período, a ideia da gramática gerativa era a de uma representação da competência por meio de um sistema de regras que se constitui de três componentes: sintático (central); fonético e semântico (interpretativos). O componente sintático gera uma estrutura abstrata que é convertida em representação fonética pelo componente fonético (Superficial Structure) e recebe uma interpretação semântica do componente semântico (Deep Structure).



segundo nível, ou seja, a teoria fornece uma explicação para a intuição do falante nativo.

A noção de gramaticalidade aparece vinculada ao nível de base, pois ele é alcançado somente quando se observam corretamente os dados e se selecionam com precisão somente as ocorrências gramaticais do corpus. Embora isso pareça simples, segundo Chomsky, em nota de rodapé, essa não é uma parte da elaboração livre de complicações, pois, caso se queira chegar à forma da língua, é necessário excluir os desvios mais graves – ou seja, as sentenças mais agramaticais - presentes no corpus observado:

the fact that a certain noise was produced, even intentionally, by an English speaker does not guarantee that it is a well-formed specimen of his language. Under many circumstances it is quite appropriate to use deviant utterances. Furthermore, under normal conditions speech is a subject to various, often violent distortions that may in themselves indicate nothing about the underlying linguistic patterns (1964, p.28).

Como sentenças malformadas não podem proporcionar o entendimento da capacidade subjacente, são as sentenças gramaticais, selecionadas no primeiro nível de adequação, que o fazem. É assim que nesse período a noção de bem-formado se apresenta na teoria chomskyana.

As ideias básicas do *CILT* coincidem com as do *Aspects of Theory of Syntax* (1965) (ATS) não só no que diz respeito ao caráter central das noções de gramaticalidade e criatividade, mas também quanto à estruturação geral da teoria, na qual há um componente sintático que fornece uma *Deep Structure* e uma *Surface Structure* a serem interpretadas respectivamente pelos dois componentes interpretativos da gramática: o semântico e o fonológico. Segundo o autor, apesar da existência desses outros dois componentes, seu estudo:

will be concerned with the syntactic component of a generative Grammar, that is, with the rules that specify the well-formed strings of minimal syntactically functioning units (formatives) and assign structural information of various kinds both

to these strings and to strings that deviate from well-formedness in certain respects. (1965, p.03)<sup>23</sup>

Para excluir sentenças malformadas, Chomsky precisa do corpus de sentenças gramaticais. Por isso, ele estabelece que a fonte de informações advindas de um falante-ouvinte ideal, de uma comunidade de fala homogênea, proporcionaria o vislumbre da competência. Afinal, só esse falante, nessas condições específicas, teria um desempenho que refletiria verdadeiramente a competência e poderia fornecer a base para a construção das regras da gramática:

Linguistic theory is concerned primarily with an ideal speaker-listener, in a completely homogeneous speech-community, who knows its language perfectly and is unaffected by such grammatically irrelevant conditions as memory limitations, distractions, shifts of attention and interest, and errors (random or characteristic) in applying his knowledge of the language in actual performance. (1965, p.03)

[Thus] a Grammar of a language purports to be a description of the ideal speaker-hearer's intrinsic competence. If the grammar is, furthermore, perfectly explicit – in other words, if it does not rely on the intelligence of the understanding reader but rather provides an explicit analysis of his contribution – we may call it generative Grammar.” (1965, p.04)

É interessante ressaltar que a diferenciação entre competência e desempenho é traçada justamente nesse livro, o *ATS*, e seu desenvolvimento se dá com pauta na produção desse falante ideal versus a produção do falante nativo. Isso ocorre porque “a record of natural speech will show numerous false starts, deviations from rules” (1965, p.04), ou seja, a produção natural dá margem à agramaticalidade. Essa ideia é bastante similar a do *CILT*, no qual o autor explicita que para contemplar o primeiro nível de adequação é necessário que se excluam

---

<sup>23</sup> É possível perceber uma diferença em relação ao livro anterior. Aqui o autor diz que a gramática atribui informação estrutural tanto para sequências completamente bem formadas quanto para sequências desviantes. Como esses livros têm somente um ano de diferença, creio que esse tenha sido um problema de redação, não um problema conceitual.

as sentenças agramaticais. Isso quer dizer que, embora o autor queira sistematizar a intuição do falante nativo, ele seleciona as sentenças bem formadas com base nessa idealização.

Ao se aproximar do conceito de competência, Chomsky sugere que se adote não uma perspectiva saussuriana de um inventário de itens<sup>24</sup>, mas sim um retorno “to the humboltian conception of underlying competence as a system of generative process.” (1965, p. 04). Como essa aproximação implica um afastamento do desempenho e, portanto, do uso, o autor afirma que o uso da língua até pode evidenciar a realidade mental, mas não pode fazer parte da linguística “if this is to be a serious discipline”<sup>25</sup> (1965, p.04). Por isso, essa competência não deve ser confundida com nada que remeta ao uso: nem com o “desempenho de fato”, nem como um “desempenho potencial”. A potencialidade está no padrão internalizado pelo falante e se caracteriza como competência linguística que não sofre interferência do desempenho.

Além dessa distinção supracitada, há outra que, também tendo surgido no ATS, se vincula a ela: gramaticalidade versus aceitabilidade. Para o autor, o estudo do desempenho baseia-se na aceitabilidade, enquanto o da competência baseia-se na gramaticalidade. Por isso, essa diferenciação precisaria ser bem estabelecida.

O termo aceitável é usado “to refer to utterances that are perfectly natural and immediately comprehensible without paper-and-pencil analysis, and in no way bizarre or outlandish” (1965, p.10). Para ele, tanto aceitabilidade quanto gramaticalidade são uma questão de grau, embora suas escalas não coincidam: pode haver uma sentença gramatical que não seja facilmente aceitável ou uma sentença agramatical que possa ser aceitável.

Vale ressaltar que o autor diz ser necessário lançar mão de testes operacionais cujo intuito é distinguir entre sentenças aceitáveis e não aceitáveis. Curiosamente, um dos critérios usados por ele é o da entonação, o mesmo usado para auxiliar a desvendar o que era gramatical. Partindo disso, vem o questionamento sobre o que permite que se utilize o mesmo tipo de teste para checar gramaticalidade e aceitabilidade se elas são diferentes e pertencem, respectivamente, à competência e ao desempenho, que não são equivalentes?

Contudo, no intuito de provar que aceitabilidade e gramaticalidade são diferentes, Chomsky afirma que “it would be quite impossible to characterize the unacceptable sentences in grammatical

---

<sup>24</sup> Entenda-se aqui a perspectiva saussuriana como é interpretada por Chomsky nesse momento.

<sup>25</sup> O que seria um estudo sério? Possivelmente é o que ele desenvolve...

terms.” (1965, p.11) Afinal, não há como estabelecer regras gramaticais que excluam essa noção. Além disso, a gramaticalidade em si seria um dos fatores determinantes da aceitabilidade. Nesse sentido, se o critério de entonação vale para a gramaticalidade, valeria também para a aceitabilidade e o questionamento anterior não necessariamente teria fundamento.

Por outro lado, o próprio autor vê como complicada uma elaboração segura desses testes no que concerne a conceitos mais abstratos: “Although, one might propose various operational tests for acceptability, it is unlikely that a necessary and sufficient operational criterion might be invented for the much more abstract and far more important notion of grammaticality.” (1965, p.11). Isso faz sentido, já que a noção de gramaticalidade se vincula à competência e à produção do falante-ouvinte ideal, não podendo ser abstraída com precisão de dados de fala reais.

Devido a esse fator, na sequência, o autor se questiona sobre como seria possível coletar as informações sobre a competência do falante-ouvinte. Chomsky reconhece, nesse momento, a impossibilidade de se obterem dados precisos a respeito da estrutura das línguas. Para ele, não há como descobrir isso com base nem em observação direta, nem em dados extraídos de procedimentos indutivos. Por isso, a pesquisa linguística precisa se valer, e de fato o faz, de dados de produção real, bem como de experiências introspectivas de falantes nativos, ou linguistas que conheçam a língua-alvo. No entanto, segundo ele, “there is no reason to expect that reliable operational criteria for the deeper and more important theoretical (such as grammaticality and paraphrase) will ever be forthcoming.” (1965, p.19)

Quando Chomsky trata da organização da gramática, ele cita três espécies de informação que podem ser fornecidas por uma gramática tradicional acerca de uma sentença como “sincerity may frighten the boy”. Aqui interessa somente a terceira consideração, pois ela é que é retomada posteriormente. Nela, diz-se o seguinte:

(iii) the N *boy* is a Count Noun (as distinct from the Mass Noun *butter* and the Abstract Noun *sincerity*) and a Common Noun (as distinct from the Proper Noun *John* and the Pronoun *it*); it is further more, an Animate Noun (as distinct from *book*) and a Human Noun (as distinct from *bee*); *frighten* is a Transitive Verb (as distinct from *occur*), and one that does not freely permit Object deletion (as distinct from *read*, *eat*); it takes

Progressive Aspect freely (as distinct from *know*, *own*); it allows Abstract Subjects (as distinct from *eat*, *admire*) and Human Objects (as distinct from *read*, *wear*) (1965, p. 64)

Esse tópico é retomado mais tarde, à página 75, quando o autor discute traços sintáticos, pois para ele

first, is not obvious to what extent this information should be provided by the syntactic component at all. Second, it is an interesting question whether or to what extent semantic considerations are relevant in determining such subcategorizations as those involved in 2(iii). (1965, p.75).

Essas duas questões são para ele distintas e devem ser chamadas respectivamente de questões de apresentação e justificativa. O autor estará preocupado somente com a primeira delas, pois para ele o componente semântico é puramente interpretativo. Ou seja, tudo que esteja nele foi previamente gerado pelo componente sintático. Daí se conclui que qualquer explicação possível para 2(iii) parte, de alguma forma, do componente sintático. É a partir desse ponto que ele propõe regras de seleção, segundo ele sintáticas, que permitiriam selecionar corretamente itens lexicais com determinados traços fornecidos pelas regras de subcategorização.

A pequena incursão que ele faz na questão da justificativa trata de comparar um grupo (13) de sentenças como “sincerity may admire the boy”, outro grupo (14) com sentenças como “the boy may admire sincerity” e um grupo (16) de sentenças como “I knew you would come, but I was wrong”. Enquanto em (14) têm-se sentenças de fato bem formadas, em (16) se têm sentenças com problemas puramente semânticos e em (15) (ii) “boy the frighten may sincerity” tem-se uma clara violação sintática. Já em (13) os casos são intermediários e, segundo ele, ainda não é claro como esse status pode ser explicado. Afinal, “purely semantic or purely syntactic considerations may not provide the answer in some particular case. In fact, it should not be taken for granted, necessarily, that syntactic and semantic considerations can be sharply distinguished.” (1965, p.77)

Partindo disso, a saída que ele encontra é a dos níveis de gramaticalidade, na qual a violação de regras de seleção provocaria sentenças como “sincerity may admire the boy”. Repare que, nesse

momento, o autor não fala em violação de constituintes, como no SS e no LSLT, nos quais não há diferenciação entre quebra de regras de seleção e quebra de estrutura de constituintes e todos os casos de desvios são considerados puramente sintáticos.

Na verdade, longe desse problema ser encarado como puramente sintático, ele se situa numa seção intitulada *The boundaries of syntax and semantics*, na qual ele argumenta que, como as teorias sobre semântica e sintaxe ainda são muito fragmentadas, os comentários dele serão bastante especulativos. O caso é que além de esses problemas estarem na interface, a seleção leva em conta a subcategorização do item lexical, e isso pode ser visto como influência semântica na escolha do item. Esse detalhe teria como consequência ver as regras de seleção e a noção de níveis de gramaticalidade vinculadas à semântica.

Isso ocorre, porque ao longo do desenvolvimento da gramática transformacional, diversos termos e diferenciações foram sendo acrescentados. Como consequência, a questão dos graus de gramaticalidade ganhou um novo contorno:

The distinction between strict subcategorization features and selectional features, which is formally well defined, appears to correlate rather closely with an important distinction in language use. Each such contextual feature is associated with a certain rule that limits lexical entries containing this feature to certain contexts. We can, in each case, construct a deviant sentence by breaking the rule. (1965, p.148)

Dessa forma, por um lado, violações de verbos, que são “strictly subcategorized” em transitivos, intransitivos, pré-adjetivos, etc, resultariam em sentenças como (1) “John elapsed that Bill will come” e sentenças cuja violação é de uma regra de seleção, gerariam sentenças como (2) “Colorless green ideas sleep furiously” ou “golf plays John”. O autor enfatiza que é possível impor a esses dois grupos de sentenças uma espécie de interpretação, mas o mesmo não ocorre com sentenças perfeitamente bem formadas como (3) “revolutionary new ideas appear infrequently” ou “John plays golf”.

Nevertheless, the manner of deviation illustrated in (2) is rather different from that in (1). Sentences that break selectional rules can often be interpreted metaphorically or allusively in one

way or another, if an appropriate context of greater or less complexity is supplied. That is, these sentences are apparently interpreted by a direct analogy to well-formed sentences that observe the selectional rules in question. (1965, p.149)

Quanto às sentenças do grupo (1), o autor diz que o processo de impor interpretação é diferente do utilizado no grupo (2), mas não fornece exemplo de como isso poderia ser feito.

Além disso, sobre a gramaticalidade, em nota de rodapé, ele afirma que a discussão não está em um mecanismo que gere somente sentenças gramaticais. Na verdade, segundo ele, o mecanismo gera todo o tipo de sentença (o contrário do que mostram os excertos da década de 50)<sup>26</sup>, com a diferença de que a gramática

*directly generates the language* consisting the sentences that do not deviate at all (such as (3)), with their structural descriptions. The grammar *derivatively generates* all other strings (such as (1) and (2)), with their structural descriptions. These structural descriptions will indicate the manner and degree of the deviance of the derivatively generated sentences. (1965, p.227)

O autor argumenta, na mesma nota, que, apesar disso, essa é uma questão puramente terminológica que nenhuma relação tem com o mecanismo em si. Contudo, resta a pergunta: como ela não tem relação com o mecanismo se a gramática foi, desde o início, construída para ser uma formalização da habilidade do falante nativo de reconhecer sentenças gramaticais? Veja que, de acordo com o autor, o falante tem essa capacidade. O que isso quer dizer se não que essa habilidade faz parte da linguagem do ser humano e, em última instância, faz parte de seu mecanismo de linguagem? Claro que não é possível confundir a intuição do falante com o sistema formal em que se pretende sistematizar essa capacidade, mas a partir do momento em que se insere isso no sistema, ele não passa a fazer parte do mecanismo? Caso não seja nada disso e o autor tenha, desavisadamente, mudado o status da noção de gramaticalidade, surgem as perguntas: a que esse termo se

---

<sup>26</sup> Nada contra o autor mudar de ideia, aperfeiçoar o trabalho, mas tudo contra ele mudar as conceptualizações e explicações sem aviso prévio e trata-las como se fossem verdade desde o início.

refere? Será possível, lendo a obra do autor, chegar a uma resposta satisfatória a essa pergunta a ponto de se entender o que de fato ele quer dizer com: isso é só uma discussão terminológica?

Voltando ao corpo do texto, Chomsky continua a discussão dizendo que “it is clear that the intuitive notion of grammatical well-formedness is by no means a simple one and that an adequate explication of it will involve theoretical constructs of a highly abstract nature” (1965, p.151). Em virtude disso, ele afirma ser mais plausível focar no que ele considera ser o ponto mais bem definido dos graus de gramaticalidade, a saber: a violação das regras de seleção.

Um detalhe interessante é que o autor admite que essa questão das regras de seleção se situa na interface entre sintaxe e semântica e, mais do que isso, que elas desempenham papel na determinação da gramaticalidade de dada sentença. Veja que ele não deixa de usar o termo gramaticalidade para se referir a esses desvios. No entanto, ele diferencia esses desvios do grupo (2) daqueles do grupo (1) afirmando que estes não seriam gerados pela gramática, mas aqueles seriam. Dessa forma, as regras gramaticais gerariam sentenças dos grupos (2) e (3), mas não as do grupo (1). Como consequência, “the syntactic component of the grammar would not, in other words, impose a hierarchy of degree of grammaticalness as these lower levels of deviation. This task would now have to be taken over by the semantic component” (1965, p.154)

Percorrendo as noções desenvolvidas até agora, a impressão que se tem é a de que Chomsky, ao querer defender um mecanismo subjacente à linguagem e que seja universal, num primeiro momento chega à conclusão de que o bom mecanismo é aquele que fornece somente as sentenças gramaticais da língua em questão. Perceba-se que o contexto não importa: a gramaticalidade é a condição de verificação da pertinência do mecanismo. Ora, segundo Chomsky, esse é um conceito intuitivo, e, por isso, é necessário, em algum momento, explicá-lo e inseri-lo na teoria de forma que não seja mais necessário recorrer à intuição. Pois bem, quem, num primeiro momento, poderia fornecer um corpus de sentenças gramaticais? O falante nativo, obviamente. Porém, como todo corpus de língua natural, o corpus fornecido pelo falante nativo traria dados com problemas para a teoria devido a características de produção da língua (como desvios, falta de memória, interrupções). Por isso, a solução é fazer uma cisão, no ATS, maior do que a já feita no SS: agora, nada que esteja relacionado ao uso pode estar numa teoria linguística séria<sup>27</sup>. O uso é incerto e a teoria

---

<sup>27</sup> Seja lá o que isso quer dizer.



precisa de certezas, preferencialmente imutáveis. O que se pode fazer, então? Separar drasticamente a competência do desempenho; o ideal, da cópia. Nesse momento, a competência tem bastante a cara da interpretação que Chomsky fez da forma em Humboldt. Mas como se chegaria a essa competência? Ora, a melhor forma seria pelo desempenho do falante-ouvinte ideal que, como já citado, seria a única a espelhar a competência... No entanto, onde se encontra um falante-ouvinte ideal para escrutinar-lhe o desempenho?

Além disso, possivelmente pressionado pelas óbvias diferenças semânticas entre sentenças como “Sincerity admires John” e “Bill admires John”, Chomsky decidiu por inserir sentenças como “Sincerity admires John” como sendo diretamente geradas pelas regras gramaticais e tendo seu desvio explicado, posteriormente, pelo componente semântico.

No que concerne aos livros *Cartesian Linguistics*, de 1965, e *Language and mind*, de 1968, pode-se dizer que são completamente teóricos e parecem uma tentativa de dar à teoria chomskyana um caráter mais próximo ao filosófico e ao universalista. Claro que se poderia iniciar esse pensamento questionando qual o conceito de universal proposto por Chomsky, mas, por enquanto, pretendo refletir sobre o motivo pelo qual o autor utilizaria Descartes. Imagino que uma consideração ingênua, mas pertinente, se relaciona ao fato de que

Com base principalmente na distinção entre corpo e mente, Chomsky tenta estabelecer ao longo da história dos estudos lingüísticos um percurso cartesiano que desemboca na distinção entre estrutura superficial e profunda. Esta, por sua vez, estaria numa lingüística que, embora não tenha sido elaborada por Descartes, remonta a ele. Justamente por isso, Lingüística Cartesiana parece uma tentativa de dar à teoria chomskyana um caráter mais próximo de um universalismo de base filosófica. A partir desse ponto, não é difícil tentar entender as ligações pretendidas por Chomsky: como seu projeto visava ser universal, era necessário recorrer a algo que todos os homens tivessem em comum e que, ao mesmo tempo, fosse o diferencial entre humanos e outros animais. Assim, chegou-se a Descartes e ao pensamento como condição de existência do homem enquanto tal. Ora, se o pensamento é

característica inquestionável da humanidade, ele é universal. Porém, já que ele só é exteriorizado por meio da linguagem, ela precisaria ser tão complexa e criativa a ponto de expressar esses pensamentos de maneira distinta e sem que uma suposta essência fosse alterada mediante esse fator. (CIZESCKI, 2008, p.125)

É a partir daí que em *Cartesian Linguistics* o autor trata com mais profundidade de algo meramente comentado nos dois livros anteriores, a saber: o caráter mentalista da linguística. Tanto em CL quanto em LM, o autor parte da ideia de que o estudo da linguagem proporciona aprofundamento no estudo da psicologia, mas mais do que isso, Chomsky busca nesses livros os fundamentos da linguística. Sei que existem infinitas críticas<sup>28</sup> a respeito das ideias e da cronologia apresentada pelo autor em CL, mas não me aterei a esses detalhes aqui, sob pena de perder o foco da discussão. Por isso, me aterei aos pontos em que o autor embasa as noções de criatividade linguística, estrutura profunda e estrutura superficial.

No que concerne à criatividade linguística, segundo Chomsky,

Descartes was able to convince himself that all aspects of animal behavior can be explained on the assumption that an animal is an automaton. In the course of this investigation, he developed an important and influential system of speculative physiology. But he arrived at the conclusion that man has unique abilities that cannot be accounted for on purely mechanistic grounds, although, to a very large extent, a mechanistic explanation can be provided for human bodily function and behavior. The essential difference between man and animal is exhibited most clearly by human language, in particular, by man's ability to form new statements which express new thoughts and which are appropriate to new situations. (2002, p.51)

[...]

---

<sup>28</sup> Um deles, inclusive, escrito por mim tem como base uma crítica à leitura feita por Chomsky da gramática de Port-Royal.

In short, then, man has a species-specific capacity, a unique type of intellectual organization which cannot be attributed to peripheral organs or related to general intelligence and which manifests itself in what we may refer to as the “creative aspect” of ordinary language use – its property being both unbounded in scope and stimulus-free. (2002, p.51)

Segundo o autor, além de caracterizar o ser humano enquanto tal, outro insight que o caráter criativo da linguagem traz é o de que a mente humana, ou antes, os humanos não são meros autômatos e não funcionam simplesmente respondendo a estímulos: “human language is free from stimulus control and does not serve a merely communicative function, but is rather an instrument for the free expression of thought and for appropriate response to new situations.” (2002, p. 58). Dessa forma, Chomsky conclui

that the study of the creative aspect of language use develops from the assumption that linguistic and mental processes are virtually identical, language providing the primary means for free expression of thought and feeling, as well as for the functioning of the creative imagination. Similarly, much of the substantive discussion of grammar, throughout the development of what we have been calling “Cartesian linguistics,” derives from this assumption. (2002, p.72)

O segundo capítulo do livro também interessa a esse trabalho, pois trata da fundamentação das noções de estrutura profunda e estrutura superficial. Para tanto, Chomsky se vale das noções apresentadas na Gramática de Port-Royal e em outros escritos que se encaixam na perspectiva cartesiana por ele defendida para demonstrar que esses autores frequentemente apontam que a linguagem possui um aspecto interior e um exterior. Ele insere sua teoria como uma continuadora dessas características, assim,

Using some recent terminology, we can distinguish the “deep structure” of a sentence from its “surface structure.” The former is the underlying abstract structure that determines its semantic interpretation; the latter, the superficial

organization of units which determines the phonetic interpretation and which relates to the physical form of the actual utterance, to its perceived or intended form. In these terms, we can formulate a second fundamental conclusion of Cartesian linguistics, namely, that deep and surface structures need not be identical. (2002, p.73)

De acordo com Chomsky, essa distinção é claramente perceptível no mais famoso exemplo retirado da Gramática de Port-Royal: “Deus invisível criou o mundo visível”. Nessa proposição a estrutura profunda seria representada por três proposições abstratas – Deus é invisível; Deus criou o mundo; o mundo é visível - e a estrutura superficial pela estrutura sujeito-atributo. Segundo a explicação de Chomsky, para que se forme uma sentença de fato, a partir dessas proposições, é necessário que algumas regras sejam aplicadas. Obviamente, ele compara essas regras às regras transformacionais utilizadas por ele em seu sistema gramatical.

Aqui, pode-se entrar num ponto interessante e não abordado anteriormente em detalhes neste trabalho: a estrutura profunda é comum a todas as línguas, pois se relaciona ao significado e à estrutura do pensamento, enquanto as regras transformacionais que convertem a DS em SS variam de acordo com as línguas. Para o estudo da linguagem é importante focar na investigação de quais são os princípios que governam e relacionam essas duas estruturas. Em virtude disso, o trabalho desenvolvido pelo autor consiste em “two systems of rules: a base system that generates deep structures and a transformational system that maps these into surface structures”. (2002, p.80)

A versão de *Language and Mind* aqui utilizada é a que foi publicada em 2005 e contém, além das três conferências presentes na primeira publicação do livro, três artigos do final da década de 60, a saber: “*Form and meaning in natural languages*”, “*The formal nature of language*” e “*Linguistics and philosophy*”.<sup>29</sup>

O livro como um todo, nada mais é do que um breve resumo do que foi discutido até agora sobre os caminhos, fundamentações e formalizações da teoria desenvolvida por Chomsky. Os quatro primeiros capítulos mostram e resumem a preocupação em fundamentar a teoria, afirmar e reafirmar que a criatividade linguística faz dos humanos

<sup>29</sup> Há, também, um último capítulo chamado “*Biolinguistics and the human capacity*”, mas que não será estudado nesta seção por ter sido escrito em 2004.

animais diferentes dos outros animais, situar o estudo da linguística como um estudo mentalista pertencente à psicologia cognitiva que visa entender como o ser humano é capaz de aprender e utilizar a língua.

## 2.3 Década de 70

*“Riding through the Range of Light to the wounded city  
Filling my spirit with the wildest wish to fly  
Taking the high road to the wounded city  
Memory strumming at the heart of a moving picture”  
(Rush)*

Esta é a década em que são publicadas a dissertação e a tese de Chomsky: *Morphophonemics of Modern Hebrew*, em 1979, e *The Logical Structure of Linguistic Theory*, em 1975. Esses dois trabalhos não serão abordados aqui. O primeiro por não interessar diretamente ao assunto que está sendo investigado e o segundo por já ter sido abordado em seção anterior. Outros três livros foram publicados nesta década: *Studies on Semantics in Generative Grammar* (1972), *Reflections on Language* (1975) e *Essays on Form and Interpretation* (1977). Destes, serão discutidos apenas os dois primeiros, pois não tive acesso ao último deles.

Notadamente, um dos maiores esforços de Chomsky nesta época é tratar daquilo que, segundo ele, estava equivocado nos livros precedentes. Por isso, *Studies on Semantics in Generative Grammar* (SSGG) é um livro que discute alguns dos problemas da teoria e as críticas tecidas a ela. *Reflections on Language*, por sua vez, é um livro que situa o universalismo da linguagem a partir de uma perspectiva biológica.

*Studies on Semantics in Generative Grammar* é um livro composto de três ensaios nos quais o autor visa lidar com problemas apresentados pelo sistema e pelos críticos do modelo até então. De acordo com ele, a teoria apresentada no ATS será chamada de *standard theory* e as revisões apresentadas no livro comporão a *extended standard theory*.

Logo no início do primeiro capítulo, o autor define gramática universal da seguinte forma:

Such a ‘universal grammar’ (to modify slightly a traditional usage) prescribes a schema that defines implicitly the infinite class of ‘attainable grammars’; it formulates principles that determine how each such system relates sound and meaning; it provides a procedure of evaluation for grammars of the appropriate form. (1975, p.11)

As gramáticas específicas são, como já explicitado em seção anterior, constituídas de um componente sintático, que gera uma estrutura profunda e uma estrutura superficial, e de transformações, que, aplicadas à estrutura profunda, determinam a estrutura superficial. Alguém pode se questionar sobre o porquê de tantos comentários a respeito desses detalhes. Ora, a forma como interagem essas duas estruturas revela não só o modo como a gramática se constrói, mas também a maneira como se relacionam as características sintáticas e semânticas dentro da teoria. Só assim é possível chegar ao conceito de gramática apresentado pelo autor e investigar como ele afeta o conceito de gramaticalidade.

Vale dizer que essa década marca um momento de transição entre o modelo transformacional e aquele que veio a ser conhecido como o modelo de princípios e parâmetros. Em decorrência disso, é perceptível nas discussões desse primeiro capítulo o espaço que a semântica foi tomando na teoria, pois em situações nas quais a pretensão primeira do autor era se manter somente em campos sintáticos, a semântica e o significado passam a desempenhar seu papel, inclusive na determinação de algumas estruturas e nos graus de gramaticalidade. Isso ocorreu, por um lado, porque embora muitas transformações tivessem surgido para abarcar todos os aspectos estruturais, nem mesmo elas davam conta dos processos de seleção lexical na gramática e, por outro, porque se tornou visível que determinados casos de desvio, principalmente os relacionados à seleção, tinham cunho semântico.

No segundo capítulo, Chomsky descreve a gramática como sendo não mais um sistema de regras que gera sentenças gramaticais, mas sim “a system of rules that express the correspondence between sound and meaning in this language” (1975, p.62). A partir daqui não está mais a cargo da gramática distinguir entre a boa ou má formação de uma sentença. Isso ocorre na medida em que as descrições estruturais são atribuídas às sentenças e, mais do que isso, a boa ou má formação pode estar tanto na estrutura superficial quanto na profunda. Assim, diferentes tipos de desvios causariam diferentes tipos e graus de

gramaticalidade. Vale dizer que o autor não fornece essa explicação em momento algum, eu a formulei com base nas afirmações por ele tecidas ao longo das décadas de 60 e 70. De qualquer forma, por mais que se tenham exemplos de sentenças gramaticais, semi-gramaticais e agramaticais, em nenhum momento o autor definiu a gramaticalidade. Ao contrário, passou a tomar o posicionamento de dizer que a discussão sobre gramaticalidade é uma discussão terminológica, como será visto adiante.

No capítulo intitulado *Some empirical issues in the theory of transformational grammar*, o autor frisa que muito material foi escrito com base nos estudos transformacionais, alguns dentro do programa, outros criticando. Segundo ele, muitos dos problemas são, na verdade, terminológicos. O primeiro da lista e que mais interessa aqui é o da gramaticalidade, que o autor trata como um “*fundamental issue*”. A discussão é aberta com uma pergunta simples, mas de vital importância na determinação da gramaticalidade: “What does a grammar generate?”. A resposta oferecida é “a grammar generates sentences with structural descriptions”. (1975, p.120)

Vale comentar, nesse ponto, que a década em questão aqui e parte da década anterior foram marcadas pelo que veio a ser chamado de guerras linguísticas. Essa expressão foi utilizada para marcar uma reviravolta, em que diversos dos seguidores e apoiadores da gramática gerativa transformacional, incomodados com a não utilização do significado no sistema, compuseram um grupo não homogêneo de dissidentes que não era anti-gerativista, mas que pretendia inserir o significado no sistema de forma relevante. Muitos dos questionamentos levantados por esses teóricos acabaram influenciando modificações na teoria gerativa, mas nada que alterasse o cerne da teoria ou a autonomia da sintaxe. Ao contrário, Chomsky respondeu a quase todas as críticas e considerações, contra argumentando e mantendo sua posição inicial.

Chomsky traz à baila a ideia de Lakoff de que a noção de gramatical deveria ser relativa, e a gramática deveria gerar as sentenças em pares “(P,S), consisting of a sentence, S, which is grammatical only relative to the presuppositions of P”. (LAKOFF, 1969, apud CHOMSKY, 1975, p. 121). Com base nisso, Lakoff questiona se é de fato possível atribuir a ideia de “well-formedness” a sentenças isoladas e argumenta que o julgamento do falante dependerá de suas crenças, como na sentença “John called Mary a Republican and then *she* insulted *him*” na qual a gramaticalidade estaria vinculada à crença de que chamar alguém de “republicano” é uma ofensa.

Chomsky responde afirmando que a observação de Lakoff está correta, mas que não acrescenta muita coisa, pois bem-formado é um termo teórico e como tal pode ser definido dentro da teoria de maneira que a sentença usada como exemplo seja bem-formada independentemente de crenças. Para dar conta da pressuposição, Chomsky sugere que se atribua ao componente semântico a tarefa de estipular que a sentença tem a pressuposição de que chamar Mary de Republicana é um insulto.<sup>30</sup>

O ponto todo para Chomsky, aqui, é mostrar que essas questões terminológicas são flexíveis e embora pareçam complexas e profundas a um primeiro olhar, acabam se anulando pela análise ou pela forma como são inseridas na teoria. Nesse ponto parece interessante retomar uma citação já feita na seção anterior, na qual Chomsky afirmava que “there is no reason to expect that reliable operational criteria for the deeper and more important theoretical (such as grammaticality and paraphrase) will ever be forthcoming.” (p.19, 1965). É interessante a diferença com a qual o tópico é abordado. Em ambos, ele trata a gramaticalidade como uma questão terminológica, mas aquilo que no ATS era algo profundo e importante passa a ser visto como um conceito flexível, talvez dispensável e sobre o qual Chomsky parece não ter muito a dizer neste momento.

Um pouco desse argumento de Chomsky sobre a gramaticalidade ser um problema terminológico pode advir da mudança de perspectiva que estava começando a tomar forma em meados do final da década de 70. É nesse período que considerações sobre a relação entre linguística, cognição e biologia começam a tomar corpo. Por isso, Chomsky publica *Reflections on Language*, um livro não muito extenso, de caráter bastante especulativo, cujo foco é tratar de questões como a capacidade cognitiva, das propriedades da linguagem e daquilo que ele chama de “problemas e mistérios no estudo da linguagem”.

Antes de iniciar as considerações a respeito do livro, eu gostaria de citar que a visão de Chomsky que vê a linguagem com base na Biologia tem suas raízes no trabalho de um linguista chamado Eric Lenneberg que, desde sua graduação, queria fazer do estudo da linguagem um estudo das ciências naturais. Nesse intuito, ele publicou, em 1967, um livro chamado *Biological Foundations of Language*.<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> Chamou-me a atenção o fato de Chomsky não vincular essa questão à aceitabilidade, uma vez que crenças parecem estar mais próximas daquilo que ele chamava de desempenho e uso da linguagem do que de questões de estrutura gramatical.

<sup>31</sup> Não me admira que, como ocorreu com Zellig Harris, Chomsky tenha levado a fama por algo que não foi criação sua.



Entre outras ideias, Lenneberg defendia que a espécie tem alguns traços específicos e universais (como a linguagem). Esses traços não são aprendidos, são biologicamente parte do ser humano.

Nesse livro, Chomsky diz que os “princípios abstratos que governam sua [da linguagem] estrutura e uso [...] são universais por necessidade biológica e não por simples acidente histórico e decorrem de características mentais da espécie” (1980, p.10). No entanto, é ainda complicado entender como os seres humanos conseguem adquirir a linguagem com o pouco contato que têm com ela quando crianças.<sup>32</sup> O Chomsky desse livro me parece mais livre, menos dogmático, mais maduro e filosófico. É um livro de questionamentos, de opiniões e, por que não dizer, de *feeling*.

Além disso, é um livro que já traz o embrião da teoria de princípios e parâmetros, como pode ser observado em trechos como:

Os indivíduos de uma comunidade linguística desenvolvem basicamente uma mesma língua. Este fato só pode ser explicado pela pressuposição de que esses indivíduos empregam princípios altamente restritivos que orientam a construção da gramática. Por outro lado, é um fato óbvio que não há no homem uma predeterminação para que aprenda esta e não aquela língua; o sistema de princípios deve ser uma propriedade da espécie.

É possível perceber também que o autor continua com a hipótese de autonomia da sintaxe: “minha própria opinião, embora muito tateante, é a de que há um sistema autônomo formal, determinado, em princípio, pela faculdade da linguagem e por seu componente, a GU” (1980, p. 38). Esse sistema continua sendo independente de quaisquer fatores extralinguísticos, sejam eles lapsos de memória ou sistemas culturais e de crenças.

Após discutir algumas das abordagens de semânticas para língua natural, o autor se mostra bastante cético em relação ao que veio posteriormente ser abrangido pelo nome geral de semântica formal. Diz ele não ter nada contra, mas não parece crer que tais abordagens possam desempenhar algum papel fundamental ou relevante no entendimento da linguagem humana.

---

<sup>32</sup> Vê-se já aqui um esboço do problema da pobreza de estímulo, que ganhou relevância na década de 80.

Outro ponto interessante é quando o autor, comentando um argumento de Searle sobre o fato de ser razoável afirmar que as necessidades comunicacionais tenham influenciado a estrutura da linguagem, diz concordar com Searle, mas não encara isso como algo relevante. Para ele, o papel do linguista é analisar a língua como um órgão, da mesma forma que um fisiologista analisa os órgãos do corpo sem se preocupar com as evoluções que ele sofreu até chegar ao estágio atual. Nesse sentido, o trabalho do linguista, aqui, como em Saussure, é sincrônico. Além disso, Chomsky acredita que princípios como os da gramática universal permanecem sem sofrer alterações por esse tipo de fator.

Chomsky aponta algumas diferenças entre a abordagem da década de 70 e a teoria padrão, uma delas é que nesse período a interpretação semântica passa a ser determinada pela estrutura superficial, não pela estrutura profunda. Esta, por sua vez, passa a ser um componente sintático que nada tem a ver com o significado. Os julgamentos de aceitabilidade continuam levando em conta o desempenho, e a gramaticalidade continua levando em conta a boa ou má formação das sentenças. Ressalto que enquanto a boa ou má formação na estrutura da língua (seja sintática, seja na sintaxe ou na estrutura superficial) influencia na gramaticalidade, esta, por sua vez, influencia na aceitabilidade.

## 2.4 Década de 80

*All this time  
I've been workin' them angels overtime  
Riding and diving and flying  
Just over the edge  
Workin' them angels – Overtime  
(Rush)*

Início minha seção sobre a década de 80 com um excerto de uma entrevista cedida por Chomsky em 1983, cujo título é *The psychology of language and thought*. Não hei de comentar o texto, farei simplesmente alguns grifos:

QUESTION: What role does cognition play in the acquisition and development of language? Do

linguistic factors influence general cognitive development?

**CHOMSKY: I would like to re-phrase the first question** and ask what role other aspects of cognition play in the acquisition of language since, as put, it is not a question I can answer. I would want to regard language as one aspect of cognition and its development as one aspect of the development of cognition. It seems to me that what we can say in general is this:

There are a number of cognitive systems which seem to have quite distinct and specific properties. These systems provide the basis for certain cognitive capacities -- for simplicity of exposition, **I will ignore the distinction and speak a bit misleadingly about cognitive capacities.**

É nessa década que se vê o resultado de um balanço dos trinta anos de teoria. Veem-se aqui as ideias dele já mais amadurecidas, com um arcabouço teórico e filosófico mais extenso e diversificado que começou a tomar corpo, principalmente, na década de 70. Isso o fez se colocar como ressuscitador e continuador não só de uma ideia gerativa de língua ou de uma linguística cartesiana, mas de toda uma corrente racionalista cuja base está em desvendar as leis universais que subjazem à linguagem. Dos livros mais relevantes no período, abordarei aqui, em detalhes, o *Knowledge of Language: its nature, origin and use*, de 1986, e alguns pontos de *Rules and Representations*, de 1980, *Lectures on Government and Binding*, de 1981, e *Managua Lectures*, de 1988.

Já comentei na seção anterior que o autor passou, no final da década de 70, a dar corpo à hipótese de que a faculdade da linguagem é um componente biológico. Essa diferença de abordagem resultou numa mudança na forma de entender a gramática universal. Em entrevista cedida em 1983, intitulada “*Things no amount of learning can teach*”, Chomsky assim definiu a gramática universal:

It is the sum total of all the immutable principles that heredity builds into the language organ. These principles cover grammar, speech sounds, and meaning. Put differently, universal grammar is the inherited genetic endowment that makes it possible for us to speak and learn human languages.

In the last three or four years, there's been a major conceptual change in the underlying theory. We now assume that universal grammar consists of a collection of preprogrammed subsystems that include, for example, one responsible for meaning, another responsible for stringing together phrases in a sentence, a third one that deals, among other things, with the kinds of relationships between nouns and pronouns that I discussed earlier. And there are a number of others.

Em seu primeiro texto da década de 80, *Rules and Representations*, Chomsky já deixa claro qual será sua perspectiva a partir daqui: “We assume, no doubt correctly that the human species is characterized by a certain biological endowment. The embryo grows ultimately to the adult as its genetic program unfolds the triggering and shaping effect of the environment”. (1980, p.31) É também nesse texto que ele argumenta a favor de sua nova perspectiva a respeito das gramáticas: “it might be a reasonable move to abstract away from grammars and consider only languages that they generate. [...] I see no reasonable alternative to the position that grammars are internally represented in the mind” (1980, p.86-87).

Os escritos desse período mostram claramente que os objetivos gerais de Chomsky, antes relacionados quase unicamente a entender a estrutura da língua, passaram a ser integrados por outra preocupação: entender o conhecimento da língua como maneira de entender o conhecimento humano. O interesse dele, então, é refletir sobre os sistemas cognitivos, mais precisamente sobre o sistema da linguagem. No processo de refletir sobre o funcionamento desse sistema é necessário certo grau de abstração para que se possa separar os sistemas cognitivos, isolar o que é relevante para o estudo em questão e analisar os sistemas separadamente. Isso só é possível devido a sua abordagem modular da mente: “I am tentatively assuming the mind to be modular in structure, a system of interacting subsystems that have their own special properties.” (1980, p. 89). Por causa dessa característica, cada um desses sistemas cognitivos pode ter propriedades e organização específicas. Assim, o conhecimento da linguagem engloba o conhecimento da gramática e outros

cognitive systems that interact with grammar:  
conceptual systems with their specific properties

and organizing principles may be quite different in character from the ‘computational’ language faculty; pragmatic competence might be a cognitive system distinct and differently structured from grammatical competence; these systems may furthermore be composed of distinct though interacting components (1980, p.90)

Em última instância, pode-se dizer que o conhecimento da língua é, na verdade, o conhecimento da gramática, caso ela seja entendida como: “a certain structures of rules, principles and representations in the mind. This grammar generates paired representations of sound and meaning.”(1980, p.91-92)

Alguns excertos ao longo do livro mostram que a ideia de boa ou má formação continua sendo tratada como algo que todo falante nativo sabe: “a person who knows English knows that “the candidate want me to vote for each other” is not a well-formed sentence” (1980, p. 93). Contudo, em determinado momento do texto, Chomsky está comentando observações de Dummett a respeito da linguagem e tece a seguinte crítica:

One of the practical **abilities** the **every speaker** is alleged to have is the capacity “**to recognize**, for each sentence in large, perhaps infinite, range, **whether or not it is well-formed.**” While **the statement is a bit vague**, we might interpret it as implying that a language must be a recursive set. [grifos meus] (1980, p.119)

Não, isso não foi um rompante de autocrítica por parte de Chomsky, pois o excerto entre aspas pertence a um texto de Dummett (1976), intitulado: “*What is a theory of meaning*”. Duas coisas chamam atenção aqui. A primeira delas é a semelhança, inclusive da construção sintática, entre a afirmação de Dummett e as considerações que o próprio Chomsky tecia nas primeiras décadas de sua teoria. A segunda e talvez mais intrigante, seja o fato de Chomsky criticar Dummett não por ele ter repetido sua afirmação, mas pela afirmação ser vaga. Afirmação esta que, nos primeiros anos de teoria era o centro do trabalho de Chomsky. Afinal, o que ele queria naquela época era desenvolver uma teoria que tornasse explícita essa capacidade do falante nativo em reconhecer quais sentenças eram gramaticais e “to explain the ability of a speaker to produce and understand new sentences, and to reject as

ungrammatical other new sequences, on the basis of this limited linguistic experience.” (1955, p.113)

Quanto a legar isso como uma habilidade do falante, sem prover mais informações, a única coisa que tenho a dizer, no momento, se resume à repetição de um excerto tirado, páginas antes, da mesma obra em que Chomsky critica a afirmação de Dummett: “a person who knows English knows that “the candidate want me to vote for each other” is not a well-formed sentence” (1980, p. 93).

Os termos gramatical e agramatical ainda são utilizados em trechos como: dadas as sentenças 4a, 4b, 4c, “the first, (4a), is grammatical. The second, (4b) is not” (1980, p.159). Seguem-se a isso mais algumas ocorrências do mesmo gênero em que o autor se vale dessa classificação para dar continuidade aos seus argumentos. Não me importam aqui diretamente as sentenças em que ele faz, mas sim o fato de ele usar a distinção sempre sem explicá-la ou defini-la, tomando-a acriticamente: tal sentença é claramente gramatical, tal outra sentença não o é, etc. Além disso, muito me chama a atenção que, mesmo depois de ter desenvolvido todo um pensamento a respeito dos graus de gramaticalidade, na maior parte das vezes, ele se utilize de uma separação binária.

Por fim, ainda sobre o livro *Rules and Representations*, eu gostaria de trazer uma afirmação feita pelo autor - “well-formedness is a theoretical concept for which we cannot expect to find a precise set of necessary and sufficient operational criteria (a fact of no great moment in itself).” (1980, p.198) – e compará-la com duas outras afirmações tecidas em diferentes momentos da teoria: “the notion ‘grammatical’ must itself be carefully defined; but it seems to me that the central ideas are sound.” (1955, p.44) e “Although, one might propose various operational tests for acceptability, it is unlikely that a necessary and sufficient operational criterion might be invented for the much more abstract and far more important notion of grammaticalness.” (1965, p.11). Alguém pode questionar o fato que, no excerto da década de 80, ele fala em well-formedness, não em gramaticalidade.

Isso gera uma questão interessante: haveria alguma diferença entre gramaticalidade e boa ou má formação? Em algum momento de meu texto, cheguei a afirmar que havia alguma diferença entre as duas noções. Embora isso ainda não esteja desenvolvido claramente em minhas ideias, essa é uma impressão que permanece. Porém, ao longo dos textos de Chomsky, essas noções aparecem como equivalentes. Por isso, dei-me a liberdade de comparar trechos em que o autor se refere à gramaticalidade a trechos em que ele se refere à boa ou má formação.

Além disso, posteriormente, o autor chegou a tecer comentários semelhantes em relação à gramaticalidade. Portanto, posso afirmar que os excertos mostrados em parágrafo anterior mostram a diferença de abordagem do autor em relação ao conceito de gramaticalidade e o de boa formação. Aquilo que, no início da teoria, foi apresentado como algo que precisava ser rigorosamente definido, passou, na década de 60, a ser visto como um conceito improvável de ser definido. Essa visão permanece no excerto da década de 80, mas com um adendo: “(a fact of no great moment in itself)”. Não quero defender, aqui, que o conceito precisa estar definido na teoria de maneira estanque, mas é razoável que uma noção tão central à teoria seja, no mínimo, discutida.

O livro *Government and Binding*, de 1981, é muito mais formal e técnico do que os anteriores. Nele, o autor explica diversas das modificações feitas na parte técnica da teoria. Ao longo das explicações é possível observar várias menções à gramaticalidade e à formação das sentenças, mas essas aparições ocorrem sempre quando o autor está explicando ou argumentando sobre alguma escolha de formalização e precisa recorrer à gramaticalidade das sentenças para, por exemplo, diferenciar entre elas. Em algum momento, na página 212, o autor chega a oferecer uma fórmula de “well-formedness condition” para determinada situação, mas não oferece uma definição, mesmo que formal e interna à teoria para o termo em questão.

De maneira geral, os esforços de Chomsky não estão relacionados a esse tipo de questão conceitual, ao contrário, recaem tanto sobre a faculdade da linguagem, como sobre a teoria que a caracteriza:

Its standpoint [o da gramática gerativa] is that of individual psychology. It is concerned with those aspects of form and meaning that are determined by the ‘language faculty’, which is understood to be a particular component of the human mind. The nature of this faculty is the subject matter of a general theory of linguistic structure that aims to discover the framework of principles and elements common to attainable human languages; this theory is now often called ‘universal grammar’ (UG) , adapting a traditional term to a new context of inquiry. (1986, p. 03)

É assim que o autor abre o livro *Knowledge of Language*, de 1986. No intuito de argumentar e justificar os novos posicionamentos, o

autor analisa os anos anteriores de desenvolvimento da teoria como uma tentativa de investigar a linguagem humana e usá-la como alicerce para alcançar a natureza e a origem dos sistemas de conhecimento humanos. Assim, o estudo da linguagem por ele traçado teria caminhado para uma percepção diferente da natureza, da representação mental da linguagem e estaria vinculado à da faculdade da linguagem entendida como um módulo mental, um componente biológico da linguagem.

A gramática universal é definida pelo autor como um estado inicial da faculdade da linguagem humana e, justamente por isso, é anterior à experiência linguística e abarca as possibilidades de língua humana, desde as existentes até as simplesmente possíveis. No entanto, “it is an empirical question of some interest whether UG permits an infinite variety of possible languages [...] or only a finite diversity” (p.21).

Uma comparação com o desenvolvimento anterior da teoria mostraria, nessa década, um Chomsky que quer a linguística integrando as ciências naturais, como uma parte da psicologia que, por sua vez, é um campo da biologia. Essa característica é facilmente perceptível por meio da recorrente utilização de comparações com a fisiologia do corpo humano na tentativa de defender que a linguagem é um dos órgãos da mente e integra o sistema cognitivo.

Por esse motivo, Chomsky quer deixar claro que a perspectiva supracitada faz com que ele não esteja falando nem da língua produzida pelo falante e nem das regras de uma língua específica. Ao contrário, seu foco é a gramática gerativa, entendida como explicitação do estado inicial da linguagem. Veja que a gramática gerativa não é uma gramática nem de uma língua particular, nem do uso real da linguagem do falante. Partindo disso, o autor argumenta que as noções históricas da reflexão feita por ele tomam como fio condutor essa ideia de gramática gerativa e são propositalmente idealizadas.

Além dessa idealização, Chomsky continua tendo como base um falante-ouvinte ideal, pertencente a uma comunidade homogênea. Respondendo às diversas críticas tecidas a esse ponto da teoria dele, o autor afirma que, embora os linguistas não costumem assumir, o ato de considerar uma comunidade linguística homogênea e idealizada é prática normal da área. Portanto, para ele, o sujeito base precisa ser aquele “with uniform experience in an ideal Bloomfieldian speech community with no dialect diversity and no variation among speakers.” (1986, p.17)

Além disso, a língua dessa comunidade não só é homogênea, como é uma instância “pura” da GU. Chomsky não se permite tratar de



uma comunidade em que há mistura de línguas, como Português e Espanhol, pois isso implicaria escolhas contraditórias dentro do que a GU oferece como opção, e essa marcação de parâmetros contraditórios não poderia proporcionar um entendimento da Gramática Universal.<sup>33</sup>

A idealização também é vital para formular, de acordo com Chomsky, as três perguntas iniciais do livro *Knowledge of Language*: “(i) what constitutes knowledge of language; (ii) how is knowledge of language acquired?; (iii) how is knowledge of language put to use?” (1986, p.03). Afinal, não haveria como elaborá-las e respondê-las de maneira precisa com base na diversidade linguística. Nas palavras de Chomsky, em 1997:

Por que as pessoas fazem experimentos, ao invés de simplesmente retratarem o que está acontecendo no mundo? A resposta é que o que está acontecendo no mundo é complicado demais, não dá para entender. Se os físicos, os químicos ou os biólogos tivessem que estudar os fenômenos que os cercam, não entenderiam nada, porque são complexos demais. Então, fazem experimentos para eliminar coisas. Um experimento nada mais é que uma teoria que diz, "Eu acho que isso não é relevante, portanto, só vou olhar para aquilo".

A idealização, nesse sentido, é uma facilitadora simplesmente porque não leva em conta toda a complexidade dos fatos. Em resumo, ela é uma simplificação cujo intuito é proporcionar um vislumbre da GU, enquanto aspecto que, presente só no ser humano, o distingue dos outros animais.

No que concerne à pesquisa de Chomsky, a ideia básica é: aquilo (no caso, a GU) que funciona em condições normais, funciona em condições idealizadas. Por isso, o objetivo é “to determine the real property of mind P, and then ask how P functions under more complex conditions of actual linguistic diversity.” (1986. p.17). Assim, torna-se possível ao linguista construir uma gramática, aqui entendida como descrição ou teoria da linguagem.

A partir daí, o autor passa a conceitualizar as diferenças entre Língua-E e Língua-I, bem como justificar por que houve, na linguística, uma mudança de foco da primeira para a segunda.

---

<sup>33</sup> Por que não? Não seria o interessante o fato de a pessoa tratar essa junção como uma língua? O que se faria com os crioulos nesse caso?

A visão de que a linguagem é uma coleção de comportamentos, “actions, or utterances, or linguistic forms paired with meanings” (p.19), unida aos estudos da linguagem cuja construção se dá independentemente da propriedade da mente/cérebro, são considerados por Chomsky estudos da língua-E (extensional e externa). Para ele, nesses casos, a gramática é uma noção derivacional e “the linguist is free to select the grammar one way or another as long as it correctly identifies the E-language” (1986, p.20). Inclusive, “the notion of E-language is familiar from the study of formal systems [...] In the case of ‘language of arithmetic’, for example, there is no objective sense to the idea that one set of rules that generates the well-formed formulas is correct and another is wrong.” (1986, p.20). Por isso, Chomsky diz que no caso das gramáticas de língua-E não é possível levantar questões a respeito da verdade ou falsidade dessas teorias.

Quando se trata de Língua-I, ao contrário, o foco é em tudo que se relaciona à representação mental. Partindo disso, sintaxe, morfologia, fonologia e grande parte do que, segundo o autor, tem sido erroneamente estudado como semântica<sup>34</sup>, fazem parte do estudo da Língua-I (interna, individual e intensional). Esta é um elemento da mente do falante-ouvinte e pode ser conceitualizada com pauta na definição de Otto Jespersen que, segundo Chomsky, defendeu uma “‘notion of structure’ in the mind of the speaker ‘which is definite enough to guide him in framing sentences of his own,’ in particular, ‘free expressions’ that may be new to the speaker and to others” (1986, p.21-22). Partindo disso, “the grammar would be a theory of the I-Language” (1986, p.22). Nesse caso, seria possível atribuir verdade ou falsidade a determinada gramática, pois ela seria entendida como uma teoria científica da língua-I.

Gostaria de deter-me um pouco na noção de língua-I. Chomsky diz que para ser possível afirmar que uma pessoa H sabe uma língua L, “H’s mind/brain [needs] to be in a certain state; more narrowly, for the language faculty, one module of this system, to be in a certain state SL.” (1986, p.22)<sup>35</sup>. Esse estado é, deduzo eu, o estado em que H sabe a língua no sentido de conhecer sua estrutura a ponto de produzir sentenças novas de acordo com o padrão estrutural da língua em

---

<sup>34</sup> Esse aspecto é abordado na discussão sobre semântica no terceiro capítulo.

<sup>35</sup> Há aqui um insight sobre o motivo pelo qual Chomsky usa a barra entre mente e cérebro. Diz ele que os cientistas que estudam o cérebro devem encontrar mecanismos que equivalham à realização física de coisas como esse estado SL. Partindo disso, imagino que ele use a barra por ver a mente como uma abstração do cérebro em que os conceitos dela teriam equivalentes no cérebro.

questão. Esse saber não é um saber de conhecer sequências de palavras, comportamentos ou crenças vinculados à determinada língua L. Saber é ter a estrutura internalizada de modo que se consiga usar criativamente a língua em questão. De acordo com o próprio Chomsky, no início de sua teoria, a criatividade linguística estava relacionada a conhecer a estrutura de uma língua. Isso, por sua vez, estava relacionado à habilidade do falante em reconhecer quais sentenças faziam ou não parte da língua. Ou seja, o reconhecimento de sentenças gramaticais está intrinsecamente vinculado ao conhecimento da estrutura da língua e é essa habilidade de reconhecimento que proporciona a um falante criar e entender sentenças novas.

Segundo Chomsky, a língua L será aqui entendida como uma entidade abstraída de um estado da faculdade da linguagem. Levando em conta que a língua L, na verdade, nada mais é do que a língua-I, “for H to know L is for H to have a certain I-language” (1986, p.23). O fato de H saber L será expresso pela relação R(H, L) que, por sua vez pode ser considerada verdadeira ou falsa. Isso quer dizer que, ao contrário do que ocorre com a língua-E,

The I-language L may be the one used by a speaker but not the I-language L', even if the two generate the same class of expressions (or other formal objects) in whatever precise sense we give to this derivation notion; L' may not even be a possible human I-language, one attainable by the language faculty (1986, p.23)

O que está sendo dito aqui, em resumo, é que uma língua formal ou um sistema externo que represente a linguagem nunca serão uma língua natural, mesmo que tenham as mesmas expressões. Afinal, para que uma língua seja natural ela precisa ser dotada de criatividade linguística, além ser um estado da faculdade na mente de um falante que é um componente biológico. “Statements about I-language, about the steady state, and about the initial state S0 are true or false statements about something real and definite, about actual states of the mind/brain and their components (under the idealizations already discussed)” (1986, p.27)

Ora, o que seria isso senão a língua-I sendo a criatividade linguística transformada em uma entidade? Nesse sentido, o que seria a gramática senão uma teoria da criatividade linguística?

Segundo o autor, houve, nos últimos tempos, devido ao estudo da gramática gerativa, uma mudança de foco da língua-E para a língua-I:

the shift in focus was from the study of E-language to the study of I-language, from the study of language regarded as an externalized object to the study of the system of knowledge of language attained and internally represented in the mind/brain. A generative grammar is not a set of statements about externalized objects constructed in some manner. Rather, it purports to depict exactly what one knows when one knows a language: that is, what has been learned, as supplemented by innate principles. UG is a characterization of these innate, biologically determined principles, which constitute one component of the human mind – the language faculty. (1986, p.24)

Essa mudança propiciou respostas para as questões consideradas centrais no início do livro *Knowledge of Language*: “(i) what constitutes knowledge of language?; (ii) how is knowledge of language acquired?; (iii) how is knowledge of language put to use?” (1986, p.03). Naquele momento, as respostas eram respectivamente (i) conhecimento da língua é o conhecimento de um sistema de regras; (ii) esse conhecimento vem de um estado inicial que converte a experiência para outro estado que, por sua vez, incorpora um língua-I. A terceira pergunta, segundo o autor, se separa em dois problemas: um de percepção, a ser resolvido parcialmente com um *parser* provido das regras da língua-I e um problema de produção ainda a ser resolvido.

Além disso, outra influência dessa mudança é o entendimento de que as regras de determinada língua não são regras de sentenças, elas são, segundo o autor, regras de um sistema de regras.

Nesse ínterim, Chomsky considera toda língua particular uma Língua-I, isto é, o sistema de conhecimento alcançado que

assigns a status to every relevant physical event, say, every sound wave. Some are sentences with a definite meaning (literal, figurative, or whatever). Some are intelligible with, perhaps a definite meaning, but are ill-formed in one way to another (‘the child seems sleeping’; ‘to whom did you wonder what to give?’ in some dialects; who do

you wonder to whom gave the book?" in all dialects). Some are well-formed but unintelligible.<sup>36</sup> [...] Different I-languages will assign status differently in each of these and other categories. The notion of E-language has no place in this picture. (1986, p.26)

Segundo Chomsky, no início de sua teoria, o termo “language” se referia à Língua-E, enquanto “grammar” se referia à língua-I, mas isso ocasionou uma série de equívocos que teriam levado os debates acadêmicos para as famosas “linguistic wars”. Nas palavras do autor: “I suspect that the debate in past years over problems concerning the concepts grammar and knowledge of grammar may in part be traced to these unfortunate terminological choices, which reinforced inappropriate analogies to the formal sciences.” (1986, p. 29)

Nesse sentido, a partir do momento em que a língua deixa de ser vista como conjunto de sentenças e passa a ser encarada como componente biológico internalizado, faz ainda menos sentido se basear numa distinção visceral entre gramatical e agramatical. Afinal, essa não é, de acordo com o autor, uma divisão que pertence à linguística.<sup>37</sup>

Embora essa seja a argumentação do autor, não se pode esquecer que, desde o princípio, ele se utiliza de termos advindos da lógica e dos estudos de sistemas formais. É fato que desde o início ele postula níveis de gramaticalidade, mas os termos continuam sendo termos utilizados nas lógicas. O mesmo ocorre com “well-formed”, que vem da noção de “well-formed formula”<sup>38</sup>, também das lógicas. Além disso, essas noções de “bem ou mal formado”, gramatical ou agramatical não foram excluídas da linguística chomskyana. Ao contrário, continuam sendo centrais, mas ocupam um status suavemente diferente. Por isso, importa refletir sobre o fato de Chomsky ter deixado, apesar das diversas críticas, de se preocupar em clarificar a questão da gramaticalidade na linguística, principalmente se esse é um termo controverso que causou falta de entendimento, de acordo com ele.

Quero ressaltar ainda alguns detalhes sobre as questões empíricas da teoria que Chomsky traz nesse livro. De acordo com ele,

<sup>36</sup> Ainda não encontrei exemplo disso, mas seria bastante interessante encontrar.

<sup>37</sup> Mais sobre essa afirmação na sobre a década de 90.

<sup>38</sup> Hoje em dia somente fórmula, pois quando determinado sistema de regras gera uma fórmula, ela necessariamente é “well-formed” devido à famosa cláusula maximal: “nada mais é fórmula”.

in practice we tend to operate on the assumption, or pretense, that these informant judgments give us “direct evidence” as to the structure of the I-language, but of course, this is only a tentative and inexact working hypothesis, and any skilled practitioner has at his or her disposal an armory of techniques to help compensate for the errors introduced. In general, informant judgments do not reflect the structure of the language directly; judgments of acceptability, for example, may fail to provide direct evidence as to grammatical status because of the intrusion of numerous other factors. (1986, p36)

Esse excerto deixa claro que algumas das noções, como a de gramaticalidade e aceitabilidade, previamente estabelecidas na teoria, continuam desempenhando seu papel. Porém, ainda me parece demasiado intrigante, talvez bizarro, esse hábito de Chomsky em dizer, por exemplo, que a distinção entre gramatical e agramatical não faz parte da linguística, mas utilizá-la mesmo assim ou, então, dizer que os julgamentos do falante não refletem a estrutura subjacente e, por isso, é preciso analisar o desempenho de um falante-ouvinte ideal<sup>39</sup>, mas se valer de dados de falantes nativos e agir como se eles espelhassem a competência, corrigindo os dados quando eles não apontam para essa competência.

De qualquer forma, cabe dizer que a maior parte das aparições do conceito de gramaticalidade se dá quando o autor discute as regras do sistema ou a estrutura dos componentes. Isso ocorre, por exemplo, na página 69, quando o autor fornece nove sentenças, cinco das quais ele classifica como agramaticais, para dar explicações sobre transformações e movimentações de *wh*. Sabe-se que Chomsky, em um texto de 1964, chamado *Degrees of Grammaticality*, afirmou que a gramaticalidade, em língua natural, é dada em graus, não numa divisão binária, mas a discussão principal dessas sentenças não leva em conta o grau de gramaticalidade. O autor simplesmente diz, em uma nota de fim, que a categoria de gramaticalidade não é uniforme, pois há violações mais fortes e mais fracas. Segundo o autor, esse é um fato que “**must** be explained” [grifo meu] (1986, p.205). Menos de dez páginas após, o

---

<sup>39</sup> Lembre que, para ele, o sujeito base precisa ser aquele “with uniform experience in an ideal Bloomfieldian speech community with no dialect diversity and no variation among speakers.” (1986, p.17)

autor volta a algumas dessas sentenças e dá alguma explicação sobre o motivo de haver diferença nos graus de gramaticalidade delas. Transcrevo abaixo as sentenças e os comentários sobre os níveis:

- (i)\*the man to whom I wonder [what he gave *e e*]
- (ii)\*the man whom I wonder [what he gave *e to e*]
- (iii)\*the man to whom I wonder [what to give *e e*]
- (vi)\*the man whom I wonder [what to give *e to e*]

With regard to (i), there is variation in judgments, and few speakers find it as **hopelessly bad** as (ii). Similarly, (iii) and (iv) are somehow intermediate between **full well-formedness** and **completely unacceptable** status of (ii), with (iii) **more acceptable than** (iv) and, for many speakers, **fully acceptable**. Hence, something is missing when we mark all these examples simply as **ungrammatical** (\*); see note 12. (1986, p. 76-77)

De acordo com o autor, um dos fatores que acarreta diferença nos julgamentos é se a encaixada está ou não no infinitivo. Além disso, em (ii) e (iv) as duas categorias vazias são NP, mas no caso de (i) e (iii), uma é NP e a outra PP. À parte essas explicações que são de fato coerentes dentro do sistema proposto pelo autor, eu gostaria de me deter um pouco no fato de o autor ter usado ao mesmo tempo os termos: *well-formedness*, *ungrammatical*, *acceptable*, *unacceptable* e *hopelessly bad*, expressão esta que não sei se devo considerar um termo. O autor usa essas noções frouxamente, como se, de fato, elas fossem intercambiáveis. É num exemplo como esse que ele poderia ter explicado a diferença entre gramaticalidade e aceitabilidade ou dizer se entende gramaticalidade e *well-formedness* como equivalentes, mas isso não acontece, e o leitor pode, caso não tenha lido suas obras anteriores com olhar clínico, se perder entre esses termos todos ou encará-los como equivalentes. Os comentários do autor só deixam aparente que a falta de discussão e definição desses termos provoca obscuridade no que concerne aos critérios dos graus de gramaticalidade ou à aceitabilidade ou à boa formação.

## 2.5 Década de 90 em diante

*Driving down the razor's edge 'tween the past and the future  
 Turn up the music and smile  
 Get carried away on the songs and stories of vanished times  
 Memory drumming at the heart of an English winter  
 Memories beating at the heart of an African village  
 (Rush)*

Nesta seção tratarei das décadas de 90 e 2000, pois o arcabouço teórico que as sustenta é deveras parecido. Também o são as críticas e argumentações. Essas décadas correspondem a um período em que não houve um número muito grande de produções, a maior parte do material está em entrevistas e elas são bastante repetitivas. Os livros destaques desse período são *The Minimalist Program*, de 1995, e *New Horizons in the Study of Language and Mind*, de 2000. Além deles, tratarei, nesta seção, de uma das entrevistas cedidas por Chomsky à revista D.E.L.T.A.

Já na introdução do livro *The Minimalist Program*, Chomsky diz que a motivação para o desenvolvimento desse trabalho está relacionada a duas questões que, por organização, citarei abaixo com uma formatação diferente daquela presente no original<sup>40</sup>:

- (1) what are the general conditions that the human language faculty should be expected to satisfy?
  - what conditions are imposed on the language faculty by virtue of :
    - (A) its place within the array of cognitive systems of the mind/brain
    - (B) general considerations of conceptual naturalness that have some independent plausibility, namely, simplicity, economy, symmetry...
- (2) to what extent is the language faculty determined by these conditions, without special structure that lies beyond them?

---

<sup>40</sup> Todas as perguntas estão apresentadas na página 01.



De acordo com o autor, se a resposta à segunda questão for positiva, isso quer dizer que a linguagem “is something like a ‘perfect system’”, meeting external constraints as well as can be done, in one of the reasonable ways. The Minimalist Program for linguistic theory seeks to explore these possibilities” (1995, p.01). A partir dessa afirmação já é possível deduzir que a preocupação com uma resposta para a pergunta: “é possível uma língua perfeita?” ocupou grande parte da teoria nesse período.

Para Chomsky, o Programa Minimalista, embora compartilhe algumas suposições básicas com o início da teoria, as desenvolveu de forma um pouco diferente da teoria de Princípios e Parâmetros. Esse é o caso, por exemplo, da faculdade da linguagem, que passou a ser vista como um componente daquilo que o autor chama de mente/cérebro. Além disso, ele diz que continuará com a ideia de que há distinção entre competência e desempenho e de que a linguagem (língua-I) é composta por um sistema cognitivo e sistemas de desempenho.

Dessa forma, o autor sustenta a hipótese, também da teoria anterior, de que o sistema cognitivo interage com os sistemas de desempenho por meio de níveis de representação linguística. Além disso, esse sistema se relaciona com o sistema articulatório-perceptual e o conceptual-intensional, cujas interfaces se dão respectivamente em dois níveis: o da Forma Fonética e o da Forma Lógica.

Alguns dos problemas apresentados desde o início da teoria, como o existente entre a adequação descritiva e explicativa perduram. Inclusive, os esforços do autor e as constantes readaptações da teoria se vinculam à tentativa de melhor resolver esse problema. No arcabouço atual, o autor defende que eles podem ser resolvidos da seguinte forma:

to attain descriptive adequacy for a particular language L, the theory of L (its grammar) must characterize the state attained by the language faculty, or at least some of its aspects. To attain explanatory adequacy, a theory of language must characterize the initial state of the language faculty and show how it maps experience to the state attained. (1995, p.03)

Além disso, Chomsky diz que a ideia de Jespersen de que é na sintaxe que se pode encontrar a característica universal da linguagem, não na morfologia, por exemplo, influencia o trabalho atual em gramática gerativa. Em linhas gerais: “generative grammar can be

regarded as a kind of confluence of long-forgotten concerns of the study of language and mind, and new understanding provided by the formal sciences.” (1995, p.04)

O primeiro capítulo do livro é dedicado à teoria de Princípios e Parâmetros e escrito em parceria com Howard Lasnik. O objetivo do texto é mostrar alguns dos caminhos trilhados pela teoria até então. Nele, os autores dizem que a teoria de princípios e parâmetros não é um sistema teórico articulado com precisão. Ele é, na verdade, uma forma de abordar alguns problemas tradicionais da linguagem que se iniciaram na década de 50.

As tensões entre universal e particular ainda se sustentam, uma vez que a teoria continua tendo como objetivo dar conta da competência individual do falante (particular) e do estado inicial da faculdade da linguagem que é comum à espécie humana (universal).

Outro aspecto digno de nota é a questão das idealizações da teoria. Elas continuam sendo vitais para que a pesquisa seja possível. Como diz o autor, não se pode esperar encontrar nenhum exemplo puro da GU que forneça alguma espécie de prova da existência dela nos termos da teoria, mas

we assume that the system described by UG is a real component of the mind/ brain, put to use in the complex circumstances of ordinary life. The validity of this assumption is hardly in question. To reject it would be to assume either (1) that nonhomogeneous (conflicting) data are required for language acquisition, or (2) that the mind/brain does indeed have the system described by UG, but it is not used in language acquisition. Neither assumption is remotely plausible. (1995, p.19)

Por que não? É a pergunta que me faço. Ela pode ser plausível num sistema em que se abstrai a estrutura da língua a partir de dados desconexos, da mesma maneira que acontecia no início da teoria gerativa chomskyana, mas não é preciso ir tão longe, pois para chegar a escolher os princípios e marcar os parâmetros de determinada língua, a criança só tem acesso aos dados degenerados. Quem garante que a condição para que ela consiga de fato chegar à estrutura e fazer a marcação não seja esse aparente caos?

Chomsky se preocupa com aquilo que é, aparentemente, invariável e sustenta sua teoria numa idealização afirmando que se o sistema funciona no mundo real, também funcionaria em ambiente

idealizado. Contudo ele não tem acesso à GU do mundo real para afirmar que aquela que funciona em sua idealização é a mesma. Nesse sentido, de fato, a teoria, como concebida hoje, só se sustenta na existência da GU como elemento que restringe o leque de línguas humanas possíveis e, mais do que isso, a GU, centro atual da teoria, é um centro tênue e altamente falseável. O que se tem, para chegar a essa GU, são ou dados degenerados ou um falante-ouvinte ideal inexistente, inserido numa comunidade de fala desde sempre homogênea, inexistente também, diga-se de passagem. Nas palavras do autor, “even if a homogeneous speech community existed, we would not expect its linguistic system to be a “pure case”. Rather, all sorts of accidents of history would have contaminated the system.”(1995, p.19). Imagino não ser necessário tecer muitos comentários a respeito desse sistema contaminado. Eu só deixaria uma pergunta no ar: será que ele realmente acredita que em algum lugar esse sistema perfeito existe? Ora, ele precisa acreditar, caso contrário a teoria não se sustenta. Agora, se o sistema é determinado pela GU e se ela é determinada geneticamente e se o ser humano evoluiu geneticamente com o passar dos anos, o que levaria alguém a crer que a GU não sofreu modificações genéticas, permanecendo com os mesmos princípios e as mesmas possibilidades de língua desde sempre?

Um pouco mais à frente, o autor passa a delinear as mudanças do minimalismo em relação ao início da teoria. De acordo com Chomsky, uma das mudanças mais viscerais, que teve seu início com a teoria de P&P, vem da quebra com a tradição de que as línguas são formadas por sistemas de regras, substituída pela ideia de um conjunto de especificações de parâmetros:

The more recent principles-and-parameters (P&P) approach, assumed here, breaks radically with this tradition, taking steps toward the minimalist design just sketched. UG provides a fixed system of principles and a finite array of finitely valued parameters. The language-particular rules reduce to choice of values for these parameters. The notion of grammatical construction is eliminated, and with it, construction-particular rules. Constructions such as verb phrase, relative clause, and passive remain as taxonomic artifacts, collection of phenomena explained through the interaction of the principles of the UG, with the values of parameters fixed. (1995, p.170)

Eu poderia seguir listando todos os pontos de convergência e divergência entre as abordagens anteriores e a atual, mas isso poderia tirar a discussão de seu foco. Por isso, a partir daqui, tratarei das questões que se vinculam mais especificamente ao propósito desta tese.

Segundo o autor, alguns dos trabalhos recentes mais importantes desenvolvidos, por diversos autores, em sintaxe gerativa, estão baseados em diferenças entre sentenças que são, em alguma medida, “deviant”. Quando o autor insere esse termo, a impressão é a de que ele está se referindo à gramaticalidade das sentenças. Até mesmo porque os exemplos de sentenças com desvios que ele oferece são semelhantes aos que ele oferecia na discussão sobre gramaticalidade (*John is sleeping / John seems sleping*). Como o autor não fornece explicação alguma quando insere o termo “deviant”, fica fácil supor que ele se refere ao que antes era chamado agramatical ou malformado. Em alguma medida, seria possível vincular a mudança de terminologia ao fato de que, no trabalho atual da gramática gerativa, uma língua não é mais um conjunto de regras gramaticais, mas sim um sistema de princípios e parâmetros relacionados à faculdade da linguagem, que é biológica e não mera representação formal. Contudo, não é isso que acontece, pois, ao longo do texto o autor continua se valendo da noção de gramatical, quando oferece sentenças para argumentar a escolha dessa ou daquela regra. Inclusive, muitas decisões sobre o que faz ou não parte das possibilidades de parametrização são tomadas em relação ao tipo de desvio que as sentenças apresentam. Além disso, o autor continua usando expressões como “much less severely deviant” (1995, p 87), que remetem à noção de graus de gramaticalidade (e a sua vagueza). Contudo, muito me chama atenção essa inconstância no uso da terminologia, principalmente se comparada às diversas vezes em que ele lamentou o mau uso que se fez desses termos e a falta generalizada de entendimento a respeito do que eles realmente significavam. Seriam esses mal-entendidos fruto de problemas na interpretação de diversas pessoas que o leram? Seria isso um problema nas ideias do autor? Ou, quem sabe, seria isso um problema na forma como Chomsky expõe suas ideias?

Durante a leitura do MP, o leitor continua sem chão no que diz respeito ao termo “deviant” até se deparar com a seguinte explicação da noção de *crash*:

Invariant principles determine what counts as a possible derived object (linguistic expression SD).

Given a language, these principles determine a specific set of derivations and generated SDs, each a pair  $(\pi, \lambda)$ . Let us say that a derivation  $D$  *converges* if it yields a legitimate SD and *crashes* if it does not;  $D$  *converges at PF* if  $\pi$  is legitimate and *crashes at PF* if it is not;  $D$  *converges at LF* if  $\lambda$  is legitimate and *crashes at LF* if it is not. (1995, p.171)

Com isso, parece ainda mais claro que essa noção está vinculada à noção de gramaticalidade, pois, uma vez que não há convergência, há um desvio que, aparentemente, caracteriza agramaticalidade ou, ao menos, semi-gramaticalidade. Isso parece fazer ainda mais sentido quando o autor afirma que “the language  $L$  thus generates three relevant sets of computations: the set  $D$  of derivations, a subset  $DC$  of convergent derivations, and a subset  $DA$  of admissible derivations. (1995, p.220). No entanto, há uma nota de fim referente à página 171, em que o autor diz:

One might be tempted to interpret the class of expressions of the language  $L$  for which there is a convergent derivation as “the well-formed (grammatical) expressions of  $L$ ”. But this seems pointless. The class so defined has no significance. The concepts “well-formed” and “grammatical” remain without characterization or known empirical justification; they played no role in early work on generative grammar except in informal exposition, or since. See LSLT and Chomsky 1965; and on various misunderstandings, Chomsky 1980b, 1986b. (1995, p. 213)

Claro que, quando se lê a explicação dada por ele sobre as “convergences” e os “crashes” que geram desvio, é tudo muito semelhante ao que, anteriormente, se vinculava à violação de constituintes das estruturas fornecidas pelas regras da língua. Isso, dentro da teoria atual, parece se justificar pelo fato de que uma língua não é mais um conjunto de estruturas geradas por regras que possibilitam a criatividade linguística. Ao contrário, a língua é o conjunto dos princípios previamente fixados pela GU e pelos parâmetros marcados quando do aprendizado da língua. Como a GU é o estado inicial (ou a teoria desse estado) da faculdade da linguagem, que é um

componente biológico, o autor não quer que noções advindas da lógica maculem essa abordagem biológica, pois a utilização de termos lógicos causou, de acordo com ele, muitos mal-entendidos na linguística.

Farei alguns comentários sobre a citação anterior. Não os pretendo ácidos, creio que a possível ironia ou acidez venha dos fatos. Primeiramente, respondendo a um questionamento que me fiz anteriormente, friso que, de fato, o autor deve considerar os termos gramaticalidade e boa-formação como equivalentes, pois se referiu a eles como “well-formed(grammatical)”. Prossigo: um dos comentários do autor no excerto acima é que os conceitos de gramaticalidade e boa-formação “played no role in early work on generative grammar except in informal exposition”. Eu poderia argumentar, mas não farei isso, simplesmente citarei algumas considerações das primeiras obras de Chomsky que, imagino, dizem algo a respeito da afirmação “played no role in early work on generative grammar”. As duas primeiras citações que forneço, inclusive, são do LSLT, livro que o autor sugere como fonte de consulta para a afirmação feita na nota de fim acima transcrita:

The only thing we can say directly is that the speaker has an ‘intuitive sense of grammaticalness’. But to do this is simply to state a problem. Suppose that we can (i) construct an abstract linguistic theory in which grammaticalness is defined, (ii) apply this linguistic theory in a rigorous way to a finite sample of linguistic behavior thus generating a set of ‘grammatical sentences’, and (iii) demonstrate that the set of grammatical sentences thus generated, in the case of language after language corresponds to the ‘intuitive sense of grammaticalness’ of the native speaker. In this case, we will have succeeded in giving a rational and general account of this behavior, i.e. a theory of the speaker’s linguistic intuition. **This is the goal of linguistic theory.** (1955-56, p.39-40)

we aim to construct in linguistic theory a formal model of this behavior in such a way that by applying the methods of linguistic analysis to a corpus of sentences, the linguist can reproduce this process of generation in his determination of grammatical sentences. (1955-56, P.114)

The fundamental aim in the linguistic analysis of a language L is to separate the grammatical sequences which are the sentences of L from the ungrammatical sequences which are not sentences of L and to study the structure of grammatical sentences. (1957, p.13)

The grammar then, is a device that (in particular) specifies the infinite set of well-formed sentences and assign to each of these one or more structural descriptions. (1964, p.09)

Although, one might propose various operational tests for acceptability, it is unlikely that a necessary and sufficient operational criterion might be invented for the much more abstract and far more important notion of grammaticality. (1965, p.11)

Quanto ao “except in informal exposition”, pergunto-me se eu deveria, talvez, considerar toda a obra dele como uma grande exposição informal, pois ele se utilizou ou desses termos ou de suas tradicionais marcações (\*,?) em todas as obras que possuíam exemplos de sentenças, inclusive no *The Minimalist Program*. Com o perdão da repetição: Seriam esses mal-entendidos fruto de problemas na interpretação de diversas pessoas que o leram? Seria isso um problema nas ideias do autor? Ou, quem sabe seria isso um problema na forma como Chomsky expõe suas ideias?

Em sua vinda ao Brasil, em 1997, Chomsky concedeu uma entrevista intitulada *Linguística gerativa: Desenvolvimento e Perspectivas*. Nela se apresenta um Chomsky, obviamente, mais maduro do que no trabalho inicial, mas não menos oscilante.

Interrogado sobre a forma como seu trabalho se desenvolveu historicamente, Chomsky reforça as ideias de *Cartesian Linguistics* como vitais e ainda coerentes com o processo pelo qual sua gramática tem passado desde *Syntactic Structures*. Vale aqui ressaltar que ele ainda inclui seu trabalho numa pesquisa maior que seria justamente essa linguística cartesiana. Por isso, para ele, o SS não é o início da teoria, mas sim uma continuação daquilo que começou a ser desenvolvido há muitos séculos, com a gramática de Panini.

Quanto aos seus dois primeiros livros: SS e ATS, ele diz que o primeiro foi mal-interpretado e publicado acidentalmente<sup>41</sup> na Europa. Seu efeito acabou sendo negativo na linguística em virtude de uma má interpretação a respeito dos primeiros capítulos. Segundo ele, a discussão desses capítulos era justamente para mostrar que as línguas naturais têm propriedades diferentes dos autômatos e das linguagens de programação e, por esse motivo, seria necessário um mecanismo mais poderoso para dar conta delas. No caso, o modelo transformacional.

Para ele, a parte do livro que mais teve repercussão foi justamente a primeira, em que se fazia a distinção entre sentenças gramaticais e agramaticais e, por esse motivo,

Muitos lingüistas profissionais perderam um tempo sem fim debatendo questões decorrentes de uma má interpretação dos primeiros capítulos de *Syntactic Structures*, onde estas distinções foram feitas de fato, mas somente para refutá-las e para mostrar que esta não é a maneira como as línguas naturais funcionam, por exemplo, o inglês. Não há nenhuma divisão entre sentenças gramaticais e agramaticais: cada expressão que você produz tem alguma interpretação. Se um falante do inglês ouve uma sentença em português, ele vai tentar dar a ela uma interpretação, com certeza não a maneira que foi pretendida, mas ele não pode deixar de dar *alguma* interpretação. A mente impõe interpretações reflexivamente: o ouvinte impõe uma interpretação fonológica e escolhe frases e provavelmente lê de maneira errada algumas palavras. A interpretação irá com certeza refletir a estrutura do inglês, ou do japonês, se ele for um falante do japonês. Isto significa que cada sentença do português é também uma sentença do inglês e português, a não ser que tal sentença receba uma interpretação estranha, que não seja aquela dada por um falante do português. Isto simplesmente não pode ser evitado. A mente trabalha da mesma maneira que quando você olha para algum objeto. Você não pode evitar de vê-lo, pode ser uma ilusão, você pode não estar vendo o

---

<sup>41</sup> Pergunto-me se foi tão accidental, que o autor não teve tempo de revisar o texto e incluir uma única frase para explicar que a primeira parte do texto estava relacionada exclusivamente a línguas formais.



que está lá, mas você está vendo alguma coisa, porque é assim que a mente funciona. (1997, p.03)

Esse é um parágrafo muito rico e oferece assunto para algumas discussões. O primeiro ponto a ser levantado é sobre a afirmação de que a distinção entre gramatical e agramatical foi feita simplesmente para ser refutada depois. Como já visto em discussão anterior, Chomsky sugere que essa distinção seja substituída pela noção de níveis de gramaticalidade que, naquele período, estariam relacionados à violação de constituintes. Além disso, esse conceito aparece novamente em ATS, em que é usado no intuito de distinguir gramaticalidade de aceitabilidade, além de ser colocado na discussão sobre o limiar entre sintaxe e semântica. Além disso, tem sua aparição no CILT como primeiro passo para se alcançar adequação no nível de observação da língua e, finalmente, no KL, embora não se fale diretamente em gramaticalidade, existem referências aos conceitos de bem ou malformado e há sentenças marcadas com asterisco. O que dizer, então, de um conceito que apareceu na teoria há mais de 50 anos e permaneceu sem que fosse explicitamente refutado ou explicado?

Outro aspecto é sobre Chomsky vincular a noção de gramaticalidade à de interpretabilidade, pois isso é justamente o contrário do que ele escrevia e, mais do que isso, é contrário ao que se tem afirmado sobre gramaticalidade nos últimos anos. Ou seja, ele justifica a não existência da divisão entre gramatical e agramatical, com a argumentação que ele mesmo refutou até, pelo menos, o KL, no qual ele diz que há sentenças bem formadas ininterpretáveis e sentenças malformadas interpretáveis.

No que concerne às entrevistas, a maior parte delas a que tive acesso se preocupam em enfatizar a mudança de perspectiva de língua-E para língua-I, bem como frisar que na teoria atual não há mais estruturas e constituintes. Por esse motivo e para não tornar a exposição repetitiva, decidi por não inseri-las aqui.

Adentrando a década de 2000, tem-se o livro *New Horizons in the Study of Language and Mind*. Esta é uma obra bastante interessante em que Chomsky dialoga com ideias, afirmações e críticas de linguistas e filósofos. As discussões possuem bastante material para reflexão, mas não interessam diretamente para o tópico aqui discutido. Por isso, citarei somente duas passagens em que o autor ratifica a questão da gramaticalidade já exposta em outras obras desse mesmo período:

Quine appears to believe that this distinction is more problematic and obscure than his distinction between “grammatical” and “ungrammatical,” which he regards as somehow crucial for the linguist’s investigations. The opposite is the case. In fact, **an absolute distinction** between “grammatical” and “ungrammatical” **appears to have little if any significance**. It can be established one way or another or, perhaps better, not at all, since it is doubtful that the concept, **in Quine’s sense**, plays any role in the theory of language. The reasons were discussed in the earliest work in generative grammar; this work is, in fact, the only work in which an effort was made to develop such a concept in some manner that might be relevant to linguistic theory, but in terms that were long ago understood to be inappropriate. (2000, p.82)

The class of expressions generated by the (I-)language L should not be confused with a category of well-formed sentences, a notion that has no known place in the theory of language, though informal exposition has sometimes obscured the point, leading to much confusion and wasted effort. (2000, p.78)

É possível observar que os argumentos utilizados nessas citações para embasar e justificar a exclusão do conceito de gramaticalidade da teoria são essencialmente as mesmas presentes no programa minimalista, mas há uma informação bastante interessante neste livro. Segundo Chomsky, “studies of electrical activity of the brain (event-related potentials ERPs) show distinctive responses to nondeviant and deviant expressions” (2000, p. 24). De acordo com Neville *et al.* (1991), citado por Chomsky, os contextos de violação em que houve tais respostas foi: “1. word meaning expectancies; 2. phrase-structure rules; 3. the specificity-of-reference condition on extraction of operators; and 4. locality conditions on movement.” (2000, p. 24). Chama a atenção o fato de que o autor não se manifesta a respeito da possibilidade de essas descobertas afetarem sua teoria atual. Ao contrário, afirma que “such results surely might be relevant to the study of the use of language, in particular, the study of meaning.”

Anteriormente, ainda nesta seção, foi discutido o conceito de “deviant” que, de acordo com Chomsky, nenhuma relação tem com gramaticalidade. No entanto, gostaria de mostrar que, num livro intitulado *Of Minds and Language*”, quando o autor cita algumas expressões que são consideradas desviantes na teoria atual, ele fornece o mesmo tipo de exemplos que usava para tratar da gramaticalidade:

The monograph opens by posing the task of distinguishing grammatical from ungrammatical sentences, on the analogy of well-formedness in formal systems, then assumed to be an appropriate model for language. In the much longer and more elaborate unpublished monograph LSLT [...] a chapter is devoted to the reasons for rejecting any notion of well-formedness: the task of the theory of language is to generate sound–meaning relations fully, whatever the status of an expression, and in fact much important work then and since has had to do with expressions of intermediate status: the difference, say, between such deviant expressions as (1) and (2).

- (1) \*which book did they wonder why I wrote
- (2) \*which author did they wonder why wrote that book

Intrigada com tantas diferenças de opinião, tomei a decisão, no ano de 2009, de escrever para Chomsky e perguntar diretamente a ele qual o papel do conceito de gramaticalidade na teoria dele. Obtive uma resposta rapidamente. Transcrevo abaixo algumas considerações iniciais escritas por ele na abertura do *email* de resposta. Depois cito minha pergunta e a resposta fornecida:

Grammaticality, and levels or dimensions of grammaticality, is central to all linguistic work, even people who do corpus analysis. That's why every article that even pretends to be serious uses examples, sometimes marked with ? or ?? or \*. If examples are taken from texts, the same is true. Some examples are taken, not others.

There is no exact definition because not enough is understood. In fact, exact definitions are rare in science, even in the history of mathematics.

1) Which role does the concept of grammaticality and well-formedness play in your theory (considering them since the beginning until now)?

As noted, it's central -- for everyone, even those who deny it.

Após essa resposta ficou complicado não me perceber num beco sem saída. Lembrei-me de Rudolf Botha em seu livro *The Generative Garden Gam: Challenging Chomsky at Conceptual Debate* e percebi que havia chegado o momento de jogar de verdade:

Getting to the garden is not as easy as it may seem, Pupil Player. Along the way, you will come, rather unexpectedly, to some perilously concealed conceptual forks. Make a wrong choice at, any of these, and you are bound to end up, like many before you. In some remote playground where, in your own opinion, you may well be having lots of fun. But you won't be really playing the game. (1987, p.01)

## PARTE II

### 3. AFINAL, O QUE É GRAMATICALIDADE NA OBRA CHOSMKYANA?

Não é possível responder a essa pergunta recorrendo somente ao que está de fato escrito nas obras de Chomsky, pois não há nelas definição do conceito. Na verdade, eu me arriscaria a dizer que não é possível responder a essa pergunta, mas isso, longe de ser desesperador, é sintomático da vagueza e volubilidade com a qual o autor trata os conceitos em sua obra. Repito que não estou aqui em defesa de que ele permaneça com conceitos e ideais estanques, mas que, simplesmente, como requerido por uma gramática gerativa e, em última instância, por ele mesmo, haja precisão e clareza.

Como já citado na introdução, esta tese se iniciou como um passeio interrogativo, ou melhor, uma viagem crítica pela obra linguística de Noam Chomsky. Como qualquer destino precisa de um caminho, escolhi o conceito de gramaticalidade como trilha principal. Por que ele?! Porque ele é uma daquelas trilhas que, quando você olha rapidamente, parece não possuir muitos obstáculos, mas a partir do momento em que se começa a trilhar, as surpresas e as armadilhas escondidas são surpreendentes e instigantes<sup>42</sup>.

---

<sup>42</sup> Um bom exercício pode ser tentar pensar na gramaticalidade de forma geral e consideravelmente ingênua por simples prazer e aquecimento mental. Se fosse possível, faria esse aquecimento de forma mais leiga, mas, após estar imersa na área, tal tarefa se torna um pouco complicada.

Quando penso em gramaticalidade, a primeira coisa que me vem à mente é a palavra “gramática” seja ela em qual sentido for. Se eu mantiver essa palavra, será coerente dizer que gramatical é o que faz parte da gramática e agramatical o que não faz. Como meu foco é a linguagem, eu poderia, por um lado, tomar como exemplo uma língua particular qualquer, como o português. Nesse caso, agramatical seria aquilo que não faz parte da gramática do português. Por outro lado, eu poderia postular que existe uma gramática universal. Então, agramaticais seriam as sentenças que se desviam de uma gramática comum a todas as línguas. Em qualquer uma das duas opções, o primeiro problema que eu enfrentaria seria o da definição de gramática: é necessário definir gramática para definir gramaticalidade. Mais do que isso, é também necessário definir se a gramática se relaciona a uma língua natural, a uma língua formal ou a ambas. Todavia, para responder satisfatoriamente o que é gramaticalidade, não parece suficiente definir somente gramática.

É preciso se perguntar se há outras noções que interferem na ideia de gramaticalidade. É necessário refletir sobre se ela abarca diversas facetas da língua estudadas pela linguística (como sintaxe, semântica, lexicologia, morfologia, fonologia) ou somente uma ou algumas delas. É interessante tocar os limites e se perguntar se uma gramática possui, necessariamente, regras.

Enfim, é preciso encarar alguns possíveis problemas, por exemplo, o fato de que, a partir do momento em que se pensa em gramatical relacionado à gramática particular, torna-se necessário

Ao longo das leituras que fiz, levantei, com certa frequência, a seguinte questão: quais noções precisam ser necessariamente levadas em consideração para que seja possível definir ou ao menos entender a gramaticalidade na obra chomskyana?

O primeiro passo foi buscar as origens desse conceito. Encontrei-as na lógica e na definição de gramaticalidade para línguas formais. Porém, isso não era suficiente para entender a construção do conceito ao longo de toda a teoria, pois a influência da lógica foi mais forte somente nos primeiros anos de teoria. A partir da década de 70, o autor situava sua pesquisa linguística como um ramo da psicologia e já apontava para preocupações cognitivas que o fariam - por escolha própria, diga-se de passagem - se afastar da lógica e se aproximar da biologia.

Dessa forma, analisando as conexões internas da teoria, cheguei à conclusão de que para responder o que é gramaticalidade, eu precisaria responder o que é gramática, o que é sintaxe e o que é semântica. Afinal, seja por oposição ou por dependência, na obra de Chomsky, o conceito sempre aparece relacionado a esses três tópicos, mesmo quando deixou de ser discutido. Uni a isso a afirmação de Chomsky segundo a qual “gramaticalidade” é um termo cuja definição se dá de maneira interna à teoria e deduzi que, respondendo a essas três questões, poderia ser possível chegar a *insights* e talvez respostas sobre o que é gramaticalidade. Afinal, se Chomsky diz que gramaticalidade não tem a ver com semântica, é preciso saber o que é semântica para conseguir entender o que não é gramaticalidade, ou antes, o que não faz parte da gramaticalidade. Se ele diz que a gramaticalidade é uma questão sintática, os comentários sobre a definição do conceito precisam se relacionar com a perspectiva por ele adotada sobre o que é a sintaxe. E, por fim, se gramatical é o que faz parte da gramática e agramatical o que não faz, é necessário saber o que é gramática para identificar o que é ou não gramatical.

Partindo disso, a ideia desta segunda parte da tese é tentar responder o que é gramática, o que é sintaxe e o que é semântica ao longo da teoria chomskyana, para que se possa, por meio dessa análise, entender como esses conceitos interagem na determinação da gramaticalidade e chegar a uma reflexão sobre o que ela seria em cada uma das épocas da teoria caso ela tivesse sido definida.

---

atentar que, no caso das línguas naturais, é preciso dar conta da ideia de que as frases produzidas numa outra língua não serão consideradas agramaticais em relação à língua que se está analisando, etc.

Contudo, é preciso também ponderar a respeito de algumas questões de desempenho, como o fato de que todos os dados a que se tem acesso vêm do uso. Chomsky mesmo aponta esse fato e tenta resolvê-lo por meio de idealizações, mas, ao se deparar com os dados reais, não consegue dar conta, por exemplo, de explicar a produção ou de justificar ou excluir o *parsing*.

Isso acontece porque, para além dessas perspectivas a respeito de semântica, sintaxe e gramática, existem as grandes tensões conceituais que se instauraram na teoria e, querendo ou não, refletem nela e na concepção que se constrói a respeito do que são esses três aspectos da linguagem. São elas:

- (i) universal e particular - essa tensão, unida à faculdade da linguagem vista como componente biológico, gera a ideia de princípios e parâmetros, pois para dar conta da existência de uma estrutura universal para as linguagens humanas sem que as línguas sejam todas iguais, é necessária uma estrutura particular que sofra variação, mas que seja determinada e restringida pelo elemento universal;
- (ii) descrição e explicação – vincula-se à tensão anterior na medida em que é preciso descrever os dados de línguas particulares que, cruamente, estão relacionadas ao desempenho e, a partir dessa descrição das línguas particulares, chegar a uma explicação sobre o que há de universal na linguagem.
- (iii) competência e desempenho - o problema é que os dados não apontam para uma similaridade tão grande em relação a essa estrutura universal, e quem sabe nem em relação à estrutura específica de uma língua, por isso, para sustentar a ideia, Chomsky precisa diferenciar competência de desempenho, legando o erro e a imprecisão ao desempenho e o acerto à competência.

É por esses motivos intrínsecos às línguas naturais que, de acordo com Chomsky, a estrutura universal não poderia se sustentar na

lógica ou em análises puramente formais. Para que a linguagem fosse distintiva da espécie, e a linguística fosse uma forma de descobrir a verdade sobre o conhecimento humano, era necessário que se apelasse para a biologia e para o inatismo. A formalização e a lógica, sozinhas, não poderiam proporcionar e sustentar a afirmação de que a linguagem distingue o ser humano enquanto tal.

Em virtude disso, é vital entender como se deu essa mudança do lógico para o biológico na obra do autor para que se possa chegar a uma visão mais ampla e completa sobre a construção dos conceitos de gramática, sintaxe e semântica, os quais se relacionam na formação do conceito de gramaticalidade.

### 3.1 Lógica vs Biologia

Defendo, aqui, que a obra de Chomsky está dividida em dois grandes períodos: um que sofreu mais influência dos estudos em Lógica e outro que surgiu em decorrência de o autor querer situar a Linguística como um ramo da Psicologia Cognitiva que seria, de acordo com ele, uma disciplina da Biologia. Mais precisamente, considero o período lógico aquele que abrange desde o início da década de 50 até meados da década de 70, quando Chomsky passou a localizar a Linguística como parte da psicologia e dar a sua pesquisa um viés biológico. Esse período se iniciou no final da década de 60, justamente na época em que foram feitas as conferências que resultaram no “*Language and Mind*”.

No que concerne ao período lógico, pode-se afirmar que, apesar da preocupação com as línguas naturais, muito do sistema desenvolvido nas primeiras obras de Chomsky sofreu influência dos estudos em lógica. Chomsky adaptava noções da lógica e, frequentemente, sequer as mencionava como tais. Porém, não houve uma simples transposição das técnicas desenvolvidas ou resultados alcançados naquele campo. Até mesmo porque o autor afirma, no artigo *Logical Syntax and Semantics* (1953), “that a closer investigation of the assumptions and concerns of logical syntax and semantics will show that the hope of applying the results which have been achieved in these fields to the solution of linguistic problems is illusory” (1953, p.36). Veja que ele fala em aplicar os resultados obtidos com o estudo de língua formal, não em adaptação ou algo parecido. Na mesma esteira, o autor prossegue:



Logical syntax and semantics provide no grounds for determining synonymy and consequence relations. The only assistance that these disciplines offer to linguistics is to point out that consequence is a relation between sentences, and synonym a relation between words, and that if we knew the results of linguistic analysis before such analysis was undertaken, we could write down an immense list of synonyms and valid inferences. The word `formal` disguises this triviality. (p.39)

Contudo, isso não significa que nada relacionado à lógica possa ser usado na teoria. Para Chomsky, “the correct way to use the insights and techniques of logic is in formulating a general theory of linguistic structure. [...] To apply logic in constructing a clear and rigorous linguistic theory is different from expecting logic or any other formal system to be a model for linguistic behavior.” (p.45). Ou seja, deve ser estabelecida aqui uma diferença entre “aplicar os resultados alcançados na área” e utilizar métodos e conceitos presentes na área.

Essa abordagem funcionou até o momento em que Chomsky ainda não estava se preocupando diretamente em situar a linguística em alguma área específica das ciências naturais e em caracterizar o universalismo que já se mostrava latente em seu trabalho. Como foi observado na seção sobre a década de 50, o particularismo da teoria estava relacionado à construção de gramáticas para línguas particulares e o universalismo a uma teoria geral a qual essas gramáticas deveriam se conformar. Repare que, embora o autor tenha passado a afirmar o contrário disso em relação à gramaticalidade a partir da década de 90, durante os primeiros anos de teoria ele não só se valia da diferenciação entre gramatical e agramatical, como se utilizava de diversas noções presentes na lógica.

Em linhas gerais, estudos em lógica podem ser utilizados para tratar de evidências e possíveis verdades, mas o fazem apenas do ponto de vista formal. Ora, o que faz o autor em seu artigo *Systems of Syntactic Analysis* senão expressar a preocupação em dar conta da complexidade das línguas naturais, sem o auxílio da semântica e utilizando um aparato formal, exatamente como ocorre no estudo de línguas formais em que o estabelecimento das regras de formação de determinada gramática não precisa de elementos interpretativos para ser determinado?

Cito, aqui, comentários do autor que expressam um pouco de seu pensamento sobre questões formais na linguística:

linguists have developed and applied widely techniques which enable them, to a considerable extent, to determine and state the structure of natural languages without semantic reference. It is of interest to inquire seriously into the formality of linguistic method and the adequacy of whatever part of it can be made purely formal, and to examine the possibilities of applying it, as has occasionally been suggested, to a wider range of problems. (1953, p. 242)

Ainda antes de tecer comentários sobre o período biológico, quero trazer alguns detalhes sobre a noção de gramaticalidade que, na verdade, vêm do conceito de “well-formed formula (wff)” da lógica. Em momento algum, nos seus trabalhos iniciais, Chomsky diz que essas noções não fazem parte da linguística, como ele veio a afirmar após a década de 90. Ao contrário, ele diz que elas são centrais à teoria linguística, mas que se deve tomar o cuidado necessário para estabelecer uma representação em graus de gramaticalidade que faça jus às características da língua natural. Quero também frisar que, em lógica, as wff (well-formed formulas) são dadas por meio de símbolos finitos e regras de formação que também podem ser chamadas de gramática. Essas regras determinam somente as sequências de símbolos que são fórmulas, e são essas fórmulas que determinam uma língua formal L. Assim, uma sequência de símbolos que não seja formada pela gramática é dita como não pertencente à língua L. Qualquer semelhança com os excertos apresentados na seção sobre a década de 50, certamente, não é mera coincidência: “The grammar then, is a device that (in particular) specifies the infinite set of well-formed sentences and assign to each of these one or more structural descriptions.” (1964, p.09)

Marco o início do período biológico no final dos anos 60, início dos 70, quando o autor começou a argumentação a favor de inserir a linguística no ramo das ciências naturais, mais precisamente da psicologia cognitiva. Esse momento é marcado por um movimento contrário ao que geralmente é atribuído a ele. Explico: a teoria chomskyana chegou a um ponto em que explicar o que há de universal na linguagem é explicar algo que faz com que o ser humano seja um ser humano, não um autômato. É daí em diante que o caráter criativo da linguagem passa a ocupar papel vital na teoria, pois ele, aliado à gramaticalidade e à recursividade, é o que proporcionaria à linguagem do ser humano ser “free from stimulus control and does not serve a

merely communicative function, but is rather an instrument for the free expression of thought and for appropriate response to new situations.” (2002, p. 58). Por isso, “the study of the creative aspect of language use develops from the assumption that linguistic and mental processes are virtually identical, language providing the primary means for free expression of thought and feeling, as well as for the functioning of the creative imagination.” (2002, p.72)

Os anos seguiram e cada vez mais o aspecto biológico dominou os interesses do autor. Após a década de 80, a teoria de princípios e parâmetros teve seus fundamentos cada vez mais fortalecidos e levados ao limite em que as estruturas e regras de língua, antes postuladas na teoria, não possuíam mais lugar. Isso aconteceu porque, a partir da década de 80, Chomsky expôs com ênfase as propriedades biológicas da conhecida faculdade da linguagem. Ela é um componente biológico, um órgão como o rim ou o coração, geneticamente determinado.

Pode-se dizer que afirmar a língua como sendo formalizável não implica dizer que ela é formal, mas para Chomsky não há justificativa para que se estude a língua nem a partir de um ponto de vista formal, nem se utilizando de um aparato formal para analisá-la. O autor alicerça essa ideia defendendo que a grande mudança que sua abordagem trouxe para o estudo da linguagem foi a mudança da Língua-E para a Língua-I. Ou seja, a mudança de uma abordagem externa que se foca num sistema de regras formais para uma abordagem internalista que se foca nos princípios e estruturas que, de fato, estão na mente/cérebro humano, seja lá o que essa barra signifique.

Obviamente, essa mudança da lógica para a biologia trouxe inúmeras mudanças terminológicas e conceituais na maneira de encarar as noções de gramática, sintaxe e semântica. Por isso, as próximas seções terão como objetivo analisar como esses conceitos se desenvolveram nesses dois períodos e propiciaram tanto o aparecimento quanto o “desaparecimento” da noção de gramaticalidade dos estudos chomskyanos.

### **3.2 Gramática - Semântica - Sintaxe e seu papel na(s) possível(is) (in)definição(ões) do conceito de gramaticalidade**

#### **3.2.1 Período Lógico: 1950 - 1970**

O problema gerado para esta tese no que concerne à influência do significado na ideia de gramaticalidade não está na divisão radical feita entre gramatical e agramatical, mas sim na noção de níveis de gramaticalidade, na qual o desvio das regras de seleção numa sentença implicaria um nível mais baixo de gramaticalidade, embora não fosse de fato considerada agramatical.

A leitura dos livros iniciais de Chomsky deixa claro que também a definição do que é significado e do que concerne à semântica é instável. Essa instabilidade se relaciona, principalmente, ao fato de não haver clareza sobre o que cabe à semântica. É importante deixar claro que, quando faço essa afirmação sobre a não existência de clareza, não estou dizendo que a indefinição do que é a semântica seja a mesma da gramaticalidade. Ao contrário, o autor sempre disse que não se sabe o suficiente sobre a semântica e que ela é, para usar as palavras dele, obscura.

A ideia aqui é de que tanto essa indefinição quanto a própria noção de semântica escolhida (ou possível) trazem consequências para o estudo da gramaticalidade.

Essa questão da definição do que seja semântica na obra de Chomsky é, ainda hoje, alvo de questionamentos. Interessante é que, apesar das mais diversas discussões, esse ainda é um ponto intrigante e passível de análise. Na verdade, percorrer a exata noção de significado na vasta obra de Chomsky ainda é desafiador pelo simples fato de que não parece haver uma forma precisa de saber qual a definição de semântica na sua obra inicial e quais aspectos estão associados a essa palavra.

O que se pode ver nas obras desse período inicial, principalmente nos escritos da década de 50, é uma perspectiva bastante clássica e simples a respeito da semântica: semântica é o estudo do significado. O mesmo ocorre com a noção de sintaxe: sintaxe é o estudo das relações entre as palavras de numa sentença. No entanto, veremos que essas noções se modificaram diversas vezes desde os anos 50. A consequência disso deveria ser que a gramaticalidade, termo definido internamente a teoria, de acordo com Chomsky, fosse tão oscilante quanto essas noções. Contudo não é isso que ocorre. Por quê?

Continuarei trazendo mais informações para montar o pano de fundo que poderá ajudar numa possível resposta a essa pergunta.

Por esse motivo, insiro o inevitável questionamento: o que acontece no desenvolvimento da teoria dele são simples oscilações, advindas do caráter de pesquisa em andamento que suas obras apresentam, ou isso tem suas raízes na não existência de algo realmente definido sobre significado?

No SS, por exemplo, o que marca o início de teoria é o tatear de Chomsky sobre como se deveria construir uma gramática. Entre seus pressupostos está o de construir uma gramática de base puramente formal que não dependa de maneira alguma do sentido para se constituir. Esse objetivo, como vimos acima, está bastante vinculado à noção lógica de gramática.

Embora o livro todo se construa em discussões que frequentemente remetem ao significado, nem ele, nem a semântica tem uma definição exata. O autor atribui isso, em diversos pontos, à falta de conhecimento generalizada sobre essas noções.

Como já é sabido, tanto o SS quanto o LSLT partem, desde seu prefácio, da ideia de que a sintaxe se opõe à semântica. Vale ressaltar que nesse primeiro momento a definição do que seriam e de que se ocupariam essa sintaxe e essa semântica ainda não está desenvolvida, o que faz crer que, em princípio, as noções gerais do que se supõe que elas sejam também devam se opor, não havendo aqui nenhuma relação de complementaridade entre elas. Ora, aí já se tem uma primeira diferenciação (semântica não é sintaxe) cujo aparecimento solidifica a base sobre a qual todo o livro há de se construir. A saber: na independência da gramática em relação ao sentido, desenvolvida um pouco mais adiante, no capítulo dois do SS. Até aqui não se sabe nem qual é o lugar da semântica para Chomsky e nem o que ele de fato entende por semântica, só se sabe que ela engloba o sentido e deve ser estudada somente depois de a estrutura sintática ter sido determinada numa base independente. Outro detalhe intrigante é que não há como ter certeza sobre se sentido aqui é empregado em termos fregeanos ou não, embora uma nota de roda pé leve a crer que sim.

A teoria vai se desenvolvendo e a falta primordial de um significado para ‘sentido’ parece continuar, embora haja, neste livro, um capítulo feito exclusivamente para tratar dos limites entre sintaxe e semântica. Nele, Chomsky afirma que:

There is no aspect in linguistic study more subject to confusion and more in need of clear and careful

formulation than that which deals with the points of connection between syntax and semantics. The real question that should be asked is: How are the syntactics devices available in a given language put to work in the actual use of this language? (1957, p. 93)<sup>43</sup>

Para Chomsky, essa é a pergunta correta a ser feita, em contraposição a: “how can you construct a grammar with no appeal to meaning?” (p.93). Pergunta que, segundo ele, é malformada, pois sequer é possível afirmar que há como construir uma gramática baseada no sentido. Por isso, o autor acaba recaindo na questão: como é possível construir uma gramática?

De posse dessa pergunta, o primeiro problema que o autor se coloca é o de substituir a obscuridade da intuição linguística por aquilo que o autor chama de uma “abordagem rigorosa e objetiva”. Porém, num primeiro momento, a intuição da forma linguística se mostra útil na formulação da gramática, enquanto a intuição do sentido seria desde sempre indesejável na teoria linguística. Afinal, para Chomsky as pessoas confundem a intuição sobre a forma com significado. Todavia

It is, of course, impossible to prove that semantic notions are of no use in grammar, just as it is impossible to prove the irrelevance of any other given set of notions. Investigations of such proposals, however invariably seems to lead to the conclusion that only a purely formal basis can provide a firm and productive foundation of the construction of the grammatical. ( 1957, p.100)

Nesse primeiro momento de organização da gramática, insere-se na teoria aquilo que Chomsky chama de níveis linguísticos. Estes podem ser subdivididos em níveis inferiores (fonológico e morfológico) e superiores (sintagmático e transformacional). Segundo ele, a compreensão de uma frase ocorre somente após a reconstrução de sua análise em cada nível linguístico e somente depois disso se poderia pensar na interpretação semântica, para que um enunciado fosse, de fato, compreendido. Isso prova que, desde *Syntactic Structures*, o apelo de Chomsky não é o de ignorar a relevância do significado, mas sim dar a

---

<sup>43</sup> Aparece já aqui uma diferenciação bastante marcada entre sintaxe e pragmática que será no futuro uma das bases da teoria.

ele um status diferente. Esse fator levaria a uma confusão quanto ao papel do significado numa teoria puramente formal, pois, para ele, não há dependência ou complementaridade entre sintaxe e semântica, mas sim alguma correspondência entre traços formais e semânticos da língua. Estes deveriam ser estudados “in some more general theory of language that will include a theory of linguistic form and a theory of the use of language as subparts.” (p.102)

Cabe dizer que, mesmo no LSLT, que é um livro consideravelmente maior e mais detalhado, as considerações sobre semântica e significado são mínimas. Na verdade, essas considerações continuaram sendo mínimas.

Essas considerações já deixam aparente de que forma a semântica é, ou mais precisamente não é, incorporada na teoria durante esse período. A nuance que há de se ressaltar aqui é justamente essa de a semântica compor uma teoria geral da linguagem, mas não a teoria sintática por ele formulada. Por isso, ela é incorporada como paralela à teoria, cujo contato com a sintaxe seria de mera correspondência em alguns traços.

No entanto, isso não quer dizer que o significado não apareça ao longo da teoria. Ao contrário, o maior exemplo disso é a noção de gramaticalidade. Suponhamos que a diferenciação entre sentenças gramaticais e agramaticais pudesse ser feita binariamente em língua natural, da mesma forma que é feita em lógica. Se assim fosse, não haveria muitos problemas em definir gramaticalidade em termos de regras do sistema linguístico, sem que houvesse apelo ao significado das sentenças e dos itens lexicais nela envolvidos. O problema disso é que sentenças como “sincerity admires John” seriam consideradas completamente agramaticais e o autor não quer que elas sejam assim consideradas. Para ele, elas são semi-gramaticais. O grande problema dessa questão é que para atribuir-lhes a noção de semi-gramaticalidade não seria possível tomar como base a distinção das wff da lógica. O que o autor faz, então, é tentar postular uma semi-gramaticalidade que esteja vinculada somente à estrutura das frases. Por esse motivo, ele argumenta com a violação de constituintes. Contudo, nem de longe essa é uma questão puramente sintática, pois as violações apresentadas pelo autor levam em conta o tipo de complemento que os itens lexicais pedem. Quanto a isso, o autor nada comenta nesses primeiros momentos.

Já num livro como *ATS*, pode-se perceber uma sutil, mas significativa, mudança na teoria chomskyana. É nele que a questão dos graus de gramaticalidade passa a ser apresentada numa seção dedicada a interface entre sintaxe e semântica. Além disso, são apresentados e

formalizados os conceitos de competência e desempenho, estrutura profunda e superficial que acabam por clarificar e desenvolver melhor diversos pontos sumariamente abordados no SS.

Desde a primeira parte do livro, o autor já define que “in the technical sense, linguistic theory is mentalistic, since it is concerned with discovering a mental reality underlying actual behavior”. (p.04). Vê-se já aqui um dos primeiros deslocamentos feitos em relação ao SS. A ideia básica desse livro é a de que a linguagem é baseada num sistema de regras gramaticais que determinam a interpretação das sentenças. Essa observação já deixa claro que, embora a teoria tenha começado a ganhar um viés mentalista, a gramática ainda se constitui de regras de formação. Veja bem: que determinam a interpretação, não que a fazem de fato. Isso quer dizer que, para o autor, mesmo que haja seleção de determinado item lexical isso pode não estar vinculado ao significado. E quando digo pode não estar, isso é reflexo do fato de o autor ter começado a se questionar a respeito dos limites entre sintaxe e semântica.

No terceiro item do primeiro capítulo: *The organization of a generative Grammar*, o autor divide a Gramática Gerativa em três componentes: sintático, fonológico e semântico. Destes, o que interessa neste trabalho é o componente semântico, cuja função, segundo o autor, é determinar a interpretação semântica: “it relates a structure generated by the syntactic component to a certain semantic representation” (CHOMSKY, 1965, p.16). Para ele, esse componente, bem como o fonológico, é puramente interpretativo e ambos se ocupam de interpretar, respectivamente, a estrutura profunda das frases e a estrutura superficial.

Vale ressaltar que “all information utilized in the semantic interpretation must be presented in the syntactic component of the grammar” (p.75). Parte daí a ideia de que o componente sintático é que especifica a DS e a SS, as quais, por sua vez, determinam a interpretação semântica e fonológica. Partindo disso, suponho que a gramaticalidade seria determinada em relação aos passos de formação da DS e da SS. Cabe dizer que, para o autor, esses níveis estão presentes na competência, não no desempenho. Por isso, fala-se em gramaticalidade, não em aceitabilidade. Em nenhum momento o autor fala sobre a possibilidade de haver alguma espécie de falha durante essa produção. Isso acontece possivelmente porque o sistema de regras não gera desvios. Todavia, aqui entra um questionamento: se ele não gera, desvios a gramaticalidade só pode ser parte da competência se não abarcar a agramaticalidade. Esse é um ponto delicado e de difícil



dissolução, porque, em diversos pontos da obra de Chomsky, parece que o sistema de regras pode gerar sentenças com desvio, mas em outras ele sustenta que a estrutura subjacente se constitui das regras gramaticais internalizadas. Deixarei esse ponto para ser elaborado após mais reflexão e mais aprofundamento sobre teoria chomskyana.

O segundo capítulo do livro tem em seu início três itens que, segundo o autor, podem ser fornecidos por uma gramática tradicional e são corretos. Desses, apenas o terceiro interessa aqui, pois ele é levantando mais adiante como o único problemático por englobar questões como *count nouns*, *mass nouns* e *proper nouns*. De acordo com Chomsky, não há como provar se essas definições são, ou não, advindas do componente sintático. Por isso, ele julga interessante questionar se (ou para que) considerações semânticas são relevantes para determinar subcategorizações como a presente nesse item.<sup>44</sup>

A partir daí, ele tenta mostrar as diferenças entre casos de enunciados em que há clara violação da sintaxe (*sincerity frighten may boy the*) e clara violação da semântica (*I knew you would come, but I was wrong*), em contraposição a casos em que não se pode ter certeza do que está envolvido (*sincerity may admire the boy*). É nesse ponto, quando Chomsky não vê saída puramente sintática para esse tipo de frase, que se insere a ideia proposta por Katz (1964) e a criação daquilo que Chomsky chamou de regras de seleção, as quais seriam aplicadas a partir de traços como [+/- animado], [+/- abstrato], entre outros.

Além disso, vale ressaltar que a classificação em categorias e subcategorias é vital para a noção de semi-gramaticalidade que, de acordo com o autor, acontece quando algum verbo que, por exemplo, selecionaria um item lexical com traço mais animado na posição de sujeito recebe nessa posição um item com traço menos animado.

Como citado anteriormente, essas regras, segundo o autor, deixam em aberto questões como: “(i) Do they belong in the syntactic component or the semantic component?” (p. 154). A discussão precedente não dirime o problema, e o próprio autor chega a colocar em xeque a existência de um limite entre sintaxe e semântica:

A decision as to the boundary separating syntax and semantics (if there is one) is not a prerequisite for theoretical and descriptive study of syntactic and semantic rules. On the contrary, the problem of delimitation will clearly remain open until

---

<sup>44</sup> Veja a diferença de abordagem da década de 50 para a década de 60 em relação aos itens lexicais.

these fields are much better understood than they are today. (p. 159)

Em momento algum, o autor sugere que os dois sistemas (sintático e semântico) possam ser dependentes em algum ponto. No entanto, a própria utilização da teoria de traços de Katz e Postal e a dúvida que o autor pousa sobre sentenças como *sincerity may admire the boy*, perguntando se elas pertencem ao componente sintático ou ao semântico, já demonstra que não haveria como postular graus de gramaticalidade sem levar em conta os traços semânticos dos itens lexicais. Essa afirmação que acabo de fazer, traz consequências sérias para a teoria, pois para que o autor pudesse continuar sem dividir binariamente a noção de gramaticalidade, preservando uma característica que ele defende ser das línguas naturais, ele precisaria inserir algo da semântica no sistema. Caso contrário, ele cairia novamente na distinção binária e, conseqüentemente, abriria espaço para que se encarasse o ser humano com um autômato.

Quero ressaltar que estamos tratando do período em que a lógica ainda desempenhava fortemente seu papel na teoria. Isso quer dizer que, embora o autor tenha herdado muitas coisas dessas correntes lógicas, não herdou o fato de que nessas abordagens, a partir do momento em que se tem uma interpretação, seja de um nó terminal, seja de uma categoria, já se está na semântica. Para o autor, quando as estruturas superficiais e profundas proveem a estrutura da interpretação, elas estão, ainda, somente na sintaxe, por mais que já se tenham inserido na estrutura informações como NP, VP, etc.

No que concerne à gramática e à sintaxe, o ponto de vista do autor é bastante relacionado ao ponto de vista tradicional: a gramática é basicamente uma teoria da estrutura de uma língua particular dotada de regras, e a sintaxe é o estudo das relações entre as palavras de uma sentença. Esse estudo, de acordo com o autor, é “heavily oriented towards the investigation of the formal relations among sentences.” (1955-56, p.01). Por isso,

This is basically a study of the arrangement of words and morphemes in sentences, hence a study of linguistic form, thus it is syntactic study in both the narrow sense (as opposed to phonology) and in the broader sense (as opposed to semantics). In particular, no reference is placed on the meaning of linguistic expressions in this study, in part, because it is felt that the theory of meaning fails to

meet certain minimum requirements of objectivity and operational verifiability, but more importantly, because semantic notions, if taken seriously appear to be quite irrelevant to the problem being investigated here. [grifos meus] (1955-56, p.02)

Para Chomsky, a gramática é um mecanismo de produção de frases de uma língua qualquer. Partindo desse pressuposto, a investigação dos princípios e processos que orientam a construção dessas frases seria a sintaxe, cujo objetivo é construir esse mecanismo de forma abstrata (dando vazão para que ele adquira um caráter universal). Quanto à adequação da gramática, diz o autor que “one way to test the adequacy of a grammar proposed for L is to determine whether or not the sequences that it generates are actually grammatical, i.e., acceptable to a native speaker, etc.” (1957, p.13) Isso quer dizer que, em alguma medida, a noção de gramatical/agramatical desempenha um papel relevante na escolha de um modelo de gramática para uma língua L. Repare que em diversos pontos do ATS, o autor disse que a aceitabilidade estava relacionada ao significado e aqui vemos a aceitabilidade como parte do julgamento de gramaticalidade que, por sua vez, influencia na adequação da gramática.

No início dos anos 50, a estrutura da teoria geral é exemplificada pelas teorias (gramáticas) particulares. Isso quer dizer que elas fazem parte da teoria geral, até porque a gramática particular é escolhida entre uma gama de possibilidades disponíveis no dispositivo inato. Pois bem, se assim é, torna-se necessário definir a gramaticalidade ou em relação a esse dispositivo geral ou em relação às línguas particulares.

Contudo, em livros como o ATS, Chomsky diz que a gramaticalidade é uma característica da competência. Isso quer dizer que faz parte da geral ou da particular? Esses questionamentos são possíveis nesse momento porque o autor ainda não havia definido GU como um estado que determina a variação das línguas, estabelecendo princípios gerais e parâmetros particulares que determinariam a estrutura geral e a específica. Ao contrário, nesse início, a gramática continua sendo um sistema de regras formais, mas aqui elas representam a competência do falante. Esse sistema de regras é responsável por atribuir uma espécie de descrição estrutural que especifica quais são os elementos linguísticos e suas respectivas relações estruturais para dada sentença. A partir daí, essa descrição serve como forma de, por um lado, indicar se a sentença é

completamente bem-formada e, por outro, caso ela não seja, poderá distinguir de que maneira ela se desvia das sentenças completamente gramaticais para que, caso não haja um desvio muito significativo, seja possível atribuir-lhe significação.

Agora, com um pano de fundo estabelecido, é possível voltar ao questionamento que levantei no início desta seção: a consequência das inconstâncias nas definições das noções de sintaxe, gramática e semântica deveriam ser que a gramaticalidade, termo definido internamente à teoria, de acordo com Chomsky, fosse tão oscilante quanto essas noções. Contudo não é isso que ocorre. Por quê? Possivelmente porque o termo não foi definido nem se definiu em nenhum momento, nem mesmo internamente à teoria e continuou sempre nas tais “exposições informais” de Chomsky sendo relacionado com a intuição que se tem a respeito da gramaticalidade. Ou seja, a proposta inicial de Chomsky no LSLT de formalizar os conceitos intuitivos, retirando-os da teoria, ao menos no que concerne ao conceito de gramaticalidade, não foi levada a cabo. Um dos principais motivos talvez tenha sido a clara influência de traços semânticos na definição de semi-gramaticalidade. Veremos na próxima seção que uma das saídas encontradas pelo autor foi passar a considerar tudo isso como sendo sintaxe.

### 3.2.2 Período Biológico: 1970 - 2000

*Diálogos com Mitsou Ronat* não parece ser um livro largamente utilizado por quem pesquisa Chomsky. Parece ser interessante abordá-lo aqui, porém, mesmo que rapidamente, pelo fato de se situar num período intermediário entre as publicações da década de 70 e a publicação do *Knowledge of Language*. Em *Diálogos com Mitsou Ronat* são feitas diversas perguntas ao autor, entre as quais algumas concernentes à semântica e ao desenvolvimento da teoria.

Aqui é importante ressaltar alguns detalhes. O primeiro é o fato de que sempre - antes de maneira mais embrionária, e nesse livro mais desenvolvida - o autor vê uma ligação muito forte entre semântica (entendida como semântica referencial e uso). Isso acabou desembocando, na fase mais atual da teoria, numa divisão que se dá, basicamente, entre aquilo que ele veio a chamar de sintaxe e o uso. Como ele mesmo deixa claro, isso faz com que, estudando semântica, entre-se no estudo da pragmática.

Partindo disso, Chomsky defende, por exemplo, a ideia de sentido e referência para as palavras, mas não para frases. Mais precisamente: quando se chega à sentença, ele não considera que verdadeiro e falso sejam referências. Assim, ele se afasta de Frege e se aproxima de uma perspectiva pragmatista, concordando com Austin: “qualquer espécie de consideração determina as condições de verdade de uma frase, e vão elas muito além da gramática.” (p.132)

Num determinado ponto, ele fala em representação semântica, mas não há como se certificar da existência de estruturas subjacentes, uma vez que ele mesmo diz “não creio que possamos caracterizar a palavra cadeira isolando-a de crenças sobre o mundo: na representação semântica tudo entra em interação” (p.131). Ou seja, essa interação, aparentemente, exerce seu papel na representação semântica e não o contrário. Esse detalhe faz com que se encare o significado (ou ao menos parte dele) como produto de interação. No entanto, isso não quer dizer que a semântica seja independente da sintaxe e se relacione somente ao uso. Ao contrário, essa interação e a interpretação de forma geral são possibilitadas pela estrutura formada pelo componente sintático.

É a partir daí, que em *Knowledge of Language*, Chomsky deixa claro que, por sintaxe, entende-se tudo o que faz parte dessa representação mental. Partindo disso, tudo aquilo que se relaciona à representação mental faz parte da sintaxe e não da semântica:

The shift toward a computational theory of mind encompasses a substantial part of what has been called “semantics” as well, a conclusion that is only fortified if we consider more avowedly “conceptualist” approaches to these topics. (p.45) I think much of this work is not semantics at all, if by “semantics” we mean the study of the relation between language and the world – in particular, the study of truth and reference. (p.44). One can speak of “reference” or “coreference” with some intelligibility if one postulates a domain of mental objects associated with formal entities of language by a relation with many of the properties of reference, but all of this is internal to the theory of mental representations; it is a form of syntax. There seems no obvious sense in populating the extra-mental world with corresponding entities,

nor any empirical consequence or gain in explanatory force in doing so. (p.45)

É a partir dessa ideia que as regras de seleção semântica e papéis semânticos pertencentes à teoria são vistas como sintaxe. Por isso, eles podem desempenhar seu papel na formalização, sem serem considerados elementos de uma teoria semântica externa à proposta de Chomsky. Ou seja, a solução para o impasse da semântica, gerado durante as guerras linguísticas, foi introduzir muito do que era visto como semântica no campo da sintaxe.

Essa passagem é uma das poucas referências explícitas que o autor faz, nesse livro, ao estudo do significado e ao escopo da semântica. Porém, delas, pode-se concluir que a indefinição quanto a esses dois aspectos permanece. Afinal, quando o autor diz “if by ‘semantics’ we mean the study of the relation between language and the world – in particular, the study of truth and reference” (p.44), ele parece estar trabalhando sobre uma suposição a respeito do que se ocupa a semântica. E, ao contrário do que se poderia esperar, após ele excluir a representação mental do estudo da semântica, ainda permanece o ponto de interrogação sobre se o estudo da referência pode ou não ser considerado semântica. Até mesmo porque ele afirma logo depois que “one can speak of “reference” or “coreference” with some intelligibility if one postulates a domain of mental objects associated with formal entities of language by a relation with many of the properties of reference, but all of this is internal to the theory of mental representations”. Essas questões acabaram se tornando mais claras no *The Minimalist Program*, em que o autor afirma diretamente que o estudo da semântica, para ele, é o estudo entre aquilo que o falante tem no cérebro (que é a sintaxe) e o mundo.

Aqui é interessante trazer para a discussão dessa seção uma entrevista dada, em 2007, por Fodor à ReVEL (Revista Virtual de Estudos da Linguagem). Quando questionado sobre como ele compara a abordagem dele sobre a referência com a abordagem chomskiana, ele responde:

Eu não estou completamente convencido de que eu compreenda a visão de Chomsky sobre semântica. Mas o que eu posso dizer é que ele acha que ela não é sobre as *relações entre as idéias e o mundo*, mas entre as *relações entre as próprias idéias*. As relações semânticas típicas

entre as idéias, nesse tipo de visão, são aquelas que envolvem analiticidades [...]. A linha de pensamento é algo do tipo: “uma vez que o conhecimento envolve representação, uma pessoa não pode saber o que o mundo é “em si mesmo”, visto que ele é independente das maneiras que o representamos”. Assim, se a própria representação é, em si mesma, um tipo de relação mente-mundo, então podemos saber se nós alguma vez fomos bem sucedidos ao pensar sobre o mundo [...]. (p. 6-77)

Os comentários tecidos por Fodor parecem coerentes com uma fase mais atual do pensamento chomskiano. De fato, mesmo nos livros mais antigos se poderia dizer que a oscilação na forma de encarar o significado vinha não só da falta definição da teoria do significado, mas também dessa “idealização” da forma de representação linguística do significado.

Cabe dizer que esse é o momento em que o autor não mais trouxe discussões a respeito do conceito de gramaticalidade e, por fim, passou a defender que ele não fazia parte da linguística. Esse posicionamento de Chomsky vem da mudança de foco em relação ao elemento universal de sua teoria. Como já citado anteriormente, a partir do final da década de 60, Chomsky passa a defender uma abordagem biológica da linguagem, mas, se naquele período, a estrutura da língua ainda era de um sistema de regras, isso mudou a partir da teoria de princípios e parâmetros em que, ao invés de regras, se há os princípios.

A partir daí, a divisão entre sintaxe e uso que havia, antes, sido esboçada, passa a tomar forma e ganhar um caráter biológico:

cognitive systems that interact with grammar: conceptual systems with their specific properties and organizing principles may be quite different in character from the ‘computational’ language faculty; pragmatic competence might be a cognitive system distinct and differently structured from grammatical competence; these systems may furthermore be composed of distinct though interacting components (1980, p.90)

Une-se a isso aquilo que Chomsky chamou de mudança de Língua-E para Língua- I. Afinal, quando se trata de Língua-I, o foco

recai sobre a representação mental. Partindo disso, sintaxe, morfologia, fonologia e grande parte do que, segundo o autor, tem sido erroneamente estudado como semântica, fazem parte do estudo da Língua-I.

Assim, a Língua-I, que o autor chama de conhecimento da língua, pode ser definida o conhecimento da gramática se essa for entendida como: “a certain structures of rules, principles and representations in the mind. This grammar generates paired representations of sound and meaning.”(1980, p.91-92). A diferença entre essas regras e as regras do início da teoria é que o autor defende que aquelas são o componente biológico em si, não uma formalização dele. Inclusive, essa perspectiva é decisiva na hora de excluir a gramaticalidade da teoria, principalmente porque o autor define Língua-I com base na definição de Otto Jespersen que defendeu uma: “‘notion of structure’ in the mind of the speaker ‘which is definite enough to guide him in framing sentences of his own,’ in particular, ‘free expressions’ that may be new to the speaker and to others” (1986, p.21-22). .

De posse dessas informações, com um olhar um pouco mais atento, pode-se perceber que, embora o autor mude diversas vezes de opinião ao longo de toda sua obra, há um núcleo que permanece intacto, simplesmente recebendo nomes ou status diferentes, como é o caso das regras citadas acima e da gramaticalidade, que passou a ser chamada de “desvio”. Isso é claramente perceptível quando se vê que os exemplos usados para ilustrar os desvios são os mesmos utilizados para ilustrar a gramaticalidade. A diferença entre eles é o status biológico. O esquema geral é o mesmo. Portanto, a discussão sobre gramaticalidade estabelecida na seção anterior também vale para esta seção, desde que adaptada a noção de GU e Língua-I.



#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das características desse trabalho foi a de não fornecer, em momento algum, uma definição de gramaticalidade. Como a proposta inicial foi a de rastrear a obra de Chomsky em busca de uma possível definição, o fato de ela não ter sido encontrada desembocou na ausência de uma definição para tal conceito ao longo do texto. Devo dizer que, mesmo aqui nas considerações finais, não hei de fornecê-la. Tomo esse posicionamento, primeiramente porque isso deslocaria o foco e o intuito do trabalho e porque, para chegar a isso, seria necessário ir para além daquilo que se apresenta nas discussões conceituais internas às obras de Chomsky.

Esse é um projeto que, embora não conste nessa tese, já se encontra em andamento. Porém, para que seja possível propor algum *insight* sobre a questão da gramaticalidade é interessante e, talvez, necessário aprofundar a pesquisa feita aqui por meio de uma análise minuciosa do aparato formal utilizado por ao longo da teoria. Tal procedimento forneceria a base para compará-lo aos aparatos utilizados pelas ciências formais em geral e aos usados em abordagens formais da Linguística. Creio que isso esclareceria alguns pontos sobre a possibilidade de existência de graus de gramaticalidade e abriria um debate interessante sobre a possibilidade de formalização da língua natural.

Todavia, esse aprofundamento precisa também percorrer em detalhes como as noções de gramática, sintaxe e semântica interagem no aparato formal postulado por Chomsky ao longo de todas as modificações de sua teoria, desde a Gramática Transformacional até o programa Minimalista para que seja possível perceber se a escolha do aparato formal modifica as discussões estabelecidas ao longo deste trabalho ou se as ratifica.

Esse debate, por sua vez, exige uma continuação e não pode se resumir à perspectiva chomskyana. É necessário que se aprofundem as pesquisas sobre a utilização dos aparatos formais na análise de língua natural, mas levando em consideração discussões conceituais, que se mostram vitais para o desenvolvimento de uma teoria Linguística.

No que concerne ao campo conceitual, essa continuação marca o desenvolvimento de uma crítica à defesa de que a Linguística é uma ciência. Afinal, essa crítica pode advir da investigação da perspectiva de Chomsky, que pretende atribuir à Linguística status de ciência natural como a biologia, mas que se utiliza de idealizações como a Física, por

exemplo, mas sem estabelecer com clareza de que forma se articulam o sistema formal e a língua natural.

Em alguma medida, Chomsky o faz como quem imita a física e a química, mas a questão é que essa atitude é permeada por um anseio em buscar a verdade do ser humano, a essência do conhecimento humano. Dessa forma, Chomsky acaba postulando tantas idealizações, tantos ambientes impossíveis e não humanos que parece estranho vincular toda a construção chomskyana ao ser humano, humano.

Além disso, me parece complicado comparar a precisão da física com a dela, pois uma coisa é isolar uma força, fazer cálculos justificáveis para isso e, a partir daí, tentar entender como ela funciona. Outra é construir idealizações em cima de idealizações, rejeitando um sistema formal e agir como se estivesse trabalhando com o coração de fato quando sequer se viu um coração pulsando.

A ideia de que a linguística é uma ciência passa pelas perguntas sobre o que é a linguística e, obviamente, sobre o que é uma ciência. Essa discussão já é antiga, mas não menos problemática. Porém, não é nela que pretendo focar aqui, embora eu tenha consciência de que *insights* a respeito disso surgirão ao longo dessa continuação de pesquisa.

Por ora, meu ponto é: independentemente de haver consenso sobre a linguística ser uma ciência, e sobre o que é uma ciência, parece-me bastante plausível afirmar que muitos esforços foram feitos para que ela assim fosse considerada. Desde Saussure e passando por Chomsky, a tentativa de definir o objeto da linguística (como ciência) tem causado uma série de contendas e hierarquizações que advêm da defesa de que a linguagem é não aquilo que distingue o ser humano dos outros animais.

Partindo disso, uma das principais disputas é aquela estabelecida para se saber qual é o cerne da língua, o objeto supremo da linguística (que a meu ver, pode ter uma ponta na questão da origem da linguagem e, em última instância, na origem do conhecimento humano). A perseguição ao objeto da linguística muitas vezes (se não a maioria das vezes) é acrítica. Digo isso no sentido de que se costuma aceitar (sem reflexão) que é necessário delimitar um objeto de estudo da Linguística que permita que ela ganhe status de ciência seja natural ou formal.

Qual o problema nisso? Digo primeiramente que esse objeto nunca abarca a linguagem como um todo, ele abarca aspectos da linguagem, que, na maior parte das vezes são aprofundados individualmente sem que se tente retornar ao todo para perceber como eles poderiam interagir. Com base nisso, alguém ainda pode dizer: e

daí? Precisamos recortar... Recortes eu concordo que são necessários, mas recortar não significa excluir, minimizar ou hierarquizar, no sentido de postular que  $x$  é mais importante do que  $y$ .

## REFERÊNCIAS

- BOTHA, Rudolf. **The Generative Garden Game**: challenging Chomsky at conceptual combat. Stellenbosh Papers in Linguistics, Number 16, 1987.
- CHIERCHIA, Gennaro. **Semântica**. Trad. Luis Pagani, Lígia Negri e Rodolfo Ilari. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- CHOMSKY, Noam. **Systems of Syntactic Analysis**. In: Journal of Symbolic Logic. Vol18. Number 3, 1953.
- \_\_\_\_\_. **Logical syntax and semantics**: their linguistic relevance. In: Language. Vol.31, no1, p.36-45, 1955.
- \_\_\_\_\_. **Logical Structure of Linguistic Theory**. Documento Mimeografado, manuscrito não publicado. Cambridge, 1955-56.
- \_\_\_\_\_. **Three Models for the description of language**. I.R.E, Transactions on information Theory, Vol. IT-2, p.113-124, 1956.
- \_\_\_\_\_. **Syntactic Structures**, Germany: Mouton, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Current Issues in Linguistic Theory**. Paris: Mouton, 1964.
- \_\_\_\_\_. **Aspects of the Theory of Syntax**. Massachusetts: MIT, 1965.
- \_\_\_\_\_. **Cartesian Linguistics**. Cybereditions, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Government and Biding**. Germany: Mouton, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Linguagem e Pensamento**. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.
- \_\_\_\_\_. **Language and Mind**. New York: Cambridge, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Language and Problems of Knowledge**: the Managua lectures. Massachusetts: MIT Press, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Of Minds and Language**: a dialogue with Noam Chomsky. New York: Oxford, 2009.

- \_\_\_\_\_. **Diálogos com Mitsou Ronat.** São Paulo: Cultrix, 1977.
- \_\_\_\_\_. **Knowledge of Language.** New York: Praeger, 1986.
- \_\_\_\_\_. **The Minimalist Program.** Massachusetts: MIT Press, 1995.
- \_\_\_\_\_. **New Horizons in the Study of Language and Mind.** New York: Cambridge, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Reflexões sobre a Linguagem.** São Paulo: Cultrix, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Rules and Representations.** New York: Columbia Press. 1980.
- \_\_\_\_\_. **Studies on semantics on generative grammar.** Netherlands: Mouton, 1975.
- \_\_\_\_\_. **The Psychology of Language and Thought.** In: Rieber, Robert (ed.), *Dialogues on the Psychology of Language and Thought*, Plenum, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Things No Amount of Learning Can Teach.** Interview by John Gliedman Omni, November, 1983.
- DILLINGER, Mike; PALÁCIO, Adair. **Linguística gerativa: Desenvolvimento e Perspectivas** uma Entrevista com Noam Chomsky. **D.E.L.T.A.**, vol. 13. n° especial. 1997.
- KATZ, Jerrold. **Semi-sentences.** In: FODOR, Jerry. & KATZ, Jerrold. 1964.
- FODOR, Jerry. **Semântica: Uma entrevista com Jerry Fodor.** Revista Virtual da Linguagem – REVEL. Vol. 5, 8, março de 2007. Trad. Gabriel de Ávila Othero e Gustave Brauner.
- HEIDERMAN, Werner; WEININGER, Markus.(Orgs.). **Humboldt: Linguagem, Literatura e Bildung.** Florianópolis: UFSC, 2006.
- HEIM, Irene; KRATZER, Angelika. **Semantics in Generative Grammar.** Massachusetts: Blackwell, 1998.

HUMBOLDT, Wilhelm von. Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad. Tradução de Ana Agud. Barcelona: Anthropos, 1990.

NEWMYER, Frederick. **Language Form and Language Function**. Massachusetts: MIT, 1998.

\_\_\_\_\_. **Generative Linguistics**: a historical perspective. London: Routledge, 1996.

PINKER, Steven. **The Language instinct**: How the mind creates language. New York: Harper Perennial, 2007a.

\_\_\_\_\_. **The Stuff of Thought**: Language as a window into human nature. New York: Viking, 2007b.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.